

ANA MARIA DE VASCONCELOS SILVA

**TRABALHO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:
UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DOS JOVENS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
CAMPO GRANDE – MS
2003**

ANA MARIA DE VASCONCELOS SILVA

**TRABALHO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:
UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DOS JOVENS**

Dissertação apresentada à Comissão Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação sob a orientação da Professora Doutora Sônia da Cunha Urt.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
CAMPO GRANDE, MS
2003**

Silva, Ana Maria de Vasconcelos

Trabalho e educação profissional: uma análise sob a ótica dos jovens / Ana Maria de Vasconcelos. Campo Grande, MS: (S.n.), 2003. 189p.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Urt.

Tese (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Centro de Ciências Humanas e Sociais.

1. Educação profissional 2. Educação - qualificação. 3. Educação - competência. 4. Educação - jovens. 5. Educação - trabalho. I. Profa. Dra. Sônia Urt. II. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Centro de Ciências Humanas e Sociais. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt

Profa. Dra. Ângela Soligo

Profa. Dra. Élcia Esnarriaga de Arruda

*Dedico ao meu filho, Maurício, pela
parceria incondicional em todos
os momentos de desafios
que a vida nos impôs.*

AGRADECIMENTOS

À minha irmã Fátima, pelo carinho, atenção e apoio que sempre me dispensou.

À minha sobrinha Adriana, que de repente de sobrinha mimada passou a ser uma grande amiga e parceira.

A minha prima Luiza, por sempre poder contar com o seu apoio.

Ao Walter, pelo seu amor.

A minha amiga Ana Lúcia Finocchio, pelo incentivo, confiança e força.

Ao meu terapeuta, Mário Balduino, pelo suporte que tem me dado.

A minha Orientadora Profa. Dra. Sônia Urt, pela dedicação na condução deste trabalho e por ter sido meu grande suporte nos momentos difíceis desta caminhada, mostrando-se parceira, companheira e amiga.

As Professoras Doutoradas Élcia Esnarriaga de Arruda e Ângela Soligo, membros da banca de qualificação e defesa pelas suas valiosas contribuições.

Aos jovens que participaram desta pesquisa, pela grande colaboração e pela oportunidade deste estudo.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado em Educação da UFMS, por compartilharem as suas experiências, apontando caminhos, trilhas a serem seguidos.

A Jacqueline e Tatiana da Secretaria do Mestrado pelo apoio e carinho e em especial a Tatiana que no momento final desta trajetória foi o meu grande suporte.

A Valéria, parceira do Largada 2000, pelas inestimáveis vivências compartilhadas.

Aos colegas de turma, por compartilharem desta caminhada.

RESUMO

O tema de investigação desta pesquisa é o trabalho e a educação profissional para os jovens. O objetivo é o de verificar como os jovens que buscam programas de educação profissional e inserção no mercado de trabalho concebem as questões relacionadas com o trabalho, projeto profissional, qualificação e competência, nesta transição da era industrial para a era do conhecimento, global e digital. Para embasamento desta pesquisa privilegiou-se a abordagem histórico-cultural. A pesquisa foi realizada na cidade de Campo Grande, MS, no período de junho a dezembro de 2001. Foram aplicados 82 questionários, distribuídos em dois grupos: 1) jovens matriculados em uma instituição cujo programa tem a finalidade de inserção no mercado de trabalho e 2) jovens matriculados em uma instituição da rede oficial de educação profissional. Os resultados da pesquisa revelam que os jovens parecem se apropriar do discurso da reestruturação do sistema produtivo neoliberal, mostrando-se preocupados e angustiados para atender às exigências do mundo do trabalho. Daí a crescente busca pelo conhecimento, numa tentativa de acompanhar a inovação tecnológica e os novos modelos de gestão da força de trabalho que cada vez mais ampliam o grau de competitividade social e profissional. Com isso, os jovens buscam na educação e formação profissional a solução para inserção no mercado de trabalho, atraídos pela concepção econômica de educação veiculada pelo modelo das competências, da empregabilidade e da qualificação.

Palavras-chave: Educação profissional, qualificação, competência, jovens e trabalho.

ABSTRACT

The theme of the present research is the work and the professional education for the young. The objective is to verify how the young search professional education programs and insertion in the work market conceive the questions related to the work, professional project, qualification and competence, in this transition from the industrial era to the knowledge, global and digital era. This research was supported by the cultural historical approach. The research was realized in the city of Campo Grande, MS, from June to December of 2001. It was applied a total of 82 questionnaires, distributed in two groups: 1) young registered in an institution which the program purpose is the insertion in the work market and 2) young registered in an official net professional education institution. The research results reveal that the young appropriate of the reestruturation discourse of the neoliberal productive system, showing to be worried and distressed to attend the demands of the working society, for that reason the growing searching for the knowledge, in attempt to accompany the technological innovation and the new models of management of the workforce that more and more extend the social and professional competitiveness. Because of that the young search in the professional education and formation the solution for insertion in the working society attracted by the economic conception of education propagated by the model of the competences, employment level and qualification.

Key-words: professional education, qualification, competence, the young, work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - ASPECTOS SOCIAIS, PSICOLÓGICOS E EDUCACIONAIS DO TRABALHO	13
1 QUESTÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS	13
2 QUESTÕES PSICOLÓGICAS	19
2.1 PSICOLOGIA DO TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA.....	19
2.2 ATIVIDADE HUMANA: UMA CONCEPÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA.....	28
3 EDUCAÇÃO E SUA ADEQUAÇÃO ÀS DEMANDAS DA FLEXIBILIZAÇÃO GERADAS PELAS REESTRUTURAÇÕES PRODUTIVAS	33
CAPÍTULO II - O JOVEM NO CENÁRIO BRASILEIRO	37
1 JUVENTUDE	37
1.1 ASPECTO DEMOGRÁFICO	37
1.2 ASPECTO SOCIAL	39
1.3 ASPECTO POLÍTICO	45
2 ASPECTOS PSICOLÓGICOS - O DESAFIO DE SER ADOLESCENTE	55
CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: 1990-2000	61
1 EDUCAÇÃO E TRABALHO SOB A ÓTICA DO NEOLIBERALISMO	61
1.1 PEDAGOGIA DA QUALIDADE	63
2 MODELO DE COMPETÊNCIA NA EDUCAÇÃO.....	64
3 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL - REFORMAS DOS ANOS 90	70
CAPÍTULO IV - TRABALHO E EDUCAÇÃO SOB O OLHAR DOS JOVENS	77
1 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....	78
2 ANÁLISE DOS DADOS.....	79
3 DAS QUALIFICAÇÕES.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
BIBLIOGRAFIAS COMPLEMENTARES	110
ANEXOS.....	112
ANEXO 1 - Declaração de consentimento informado.	113
ANEXO 2 – Questionário.	115
ANEXO 3 - Quadro de respostas – Instituição A.....	117
ANEXO 4 - Quadro de respostas - Instituição B.	140
ANEXO 5 – Tabelas - Instituição A.....	151

ANEXO 6 – Tabelas - Instituição B.....	154
ANEXO 7 – Tabelas - Instituição A e B.....	156
ANEXO 8 – Concepções - Instituição A.....	159
ANEXO 9 – Concepções - Instituição B.....	177
ANEXO 10 - Tabelas das concepções.....	187

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sexo.....	79
Figura 2 – Idade.....	80
Figura 3 – Tipo de escola.	80
Figura 4 – Escolaridade.....	81
Figura 5 – Trabalho.	81
Figura 6 – Concepção de trabalho.....	82
Figura 7 – Projeto de vida profissional.....	84
Figura 8 – Concepção de competência.....	85
Figura 9 – Motivos da participação no curso de qualificação profissional.....	87
Figura 10 – Colaboração do curso para o projeto profissional.....	89
Figura 11 – Inserção no mercado de trabalho.	90
Figura 12 – Inserção no mercado de trabalho.	92
Figura 13 – Pretendo fazer mais cursos de qualificação.	93
Figura 14 – Pretende fazer mais cursos de qualificação? Quais?.....	94

INTRODUÇÃO

A discussão do tema desta pesquisa é fruto de uma trajetória profissional voltada para a educação do jovem. A minha vida profissional trilhou caminhos curiosos; a grande parte das equipes de trabalho que participei era de projetos pioneiros. Recém-saída da universidade em 1988, fiz parte da equipe do projeto SOS Cidade - Prefeitura Municipal do Recife, PE, como psicóloga social, que tinha uma proposta nova de gestão política que visava à participação popular na aplicação da verba pública. Esse foi o primeiro de uma série de projetos inovadores, como por exemplo, na Casa de Saúde São José também em Recife, em que fiz parte de uma equipe multidisciplinar com uma proposta de inserção do doente mental na sociedade. O atendimento fugia aos padrões tradicionais, investia-se na relação social, na integração da família e promovia-se o intercâmbio dos doentes mentais e profissionais desta Casa de Saúde com outras instituições do Município, por meio de gincanas, concursos e torneios. Em 1990 mudei para Coxim, MS; foi quando a área educacional se fez presente em minha vida. Fui contratada pela Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul para atender crianças e adolescentes com problemas de aprendizagem nas escolas estaduais. Esse atendimento consistia na avaliação psicoeducacional, encaminhamento e orientação a pais e educadores. Em seguida fiz parte do primeiro quadro de docentes da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, do primeiro grupo de conselheiros do Conselho Tutelar do município de Coxim, MS, instituído com a entrada em vigência do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) e da nova Convenção Internacional dos Direitos da Criança (Decreto 99.710/90), quando foram constituídos os primeiros Conselhos Tutelares dos municípios; professora colaboradora do primeiro Curso de Formação e Informação em Políticas Públicas para Infância e Juventude da Escola de Conselhos da UFMS. Paralelo a esses projetos atuei na psicologia clínica e no Departamento de Trânsito. Atualmente sou consultora do Programa Largada 2000, voltado para jovens de 14 a 19 anos, fruto de uma aliança do Instituto Ayrton Senna e Serviço Social da Indústria (SESI), desde 1999.

O objeto desta investigação é o trabalho e educação profissional: uma análise sob a ótica dos jovens. Como esses jovens que buscam programas de educação profissional e

programas de inserção no mercado de trabalho concebem as questões relacionadas com o trabalho, projeto profissional, qualificação e competência?

Esta pesquisa foi referendada pela perspectiva histórica, que considera que o homem, quando nasce, encontra estabelecido no mundo um sistema de significações elaborado historicamente e dele se apropria subjetivamente. Como afirma Leontiev (1978, p. 97), "O homem que percebe e pensa o mundo enquanto ser sócio-histórico está ao mesmo tempo armado e limitado pelas representações e conhecimentos da sua época e da sua sociedade".

Historicamente, a educação, apreendida no plano das determinações e relações sociais, constituída e constituinte dessas relações, apresenta-se como campo da disputa hegemônica que se dá na perspectiva de articular as concepções, a organização dos processos e dos conteúdos educativos na escola e, mais amplamente, nas diferentes esferas da vida social, aos interesses de classe (FRIGOTTO, 1995).

O campo educacional no Brasil tem significado um lugar privilegiado para as estratégias neoliberais, pela sua própria natureza, passível de ações do governo por meio dos elementos de regulação e de controle social.

[...] O que estamos presenciando é um processo amplo de redefinição global das esferas social, política e pessoal, no qual complexos e eficazes mecanismos de significação e representação são utilizados para criar e recriar um clima favorável à visão social e política liberal. (SILVA, 1995, p. 13).

Os jovens desta pesquisa são alunos matriculados em instituições com programas de educação profissional e de inserção no mercado de trabalho. São jovens das camadas mais pobres da população, interessados precocemente na entrada ao mercado de trabalho, visando ao próprio sustento e à contribuição para a renda familiar.

Para construção desse trabalho buscaram-se várias fontes bibliográficas que permitissem compreender historicamente as políticas de atendimento à criança e ao adolescente, a as reformas na educação e formação profissional para o jovem trabalhador brasileiro.

Dentro da análise das políticas públicas de atendimento e dos documentos produzidos na área, foram analisados em especial o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a legislação da Educação Profissional - Lei Federal nº 8.948/94, que dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica; Lei Federal nº 9.394/96, que

estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB); Portaria MEC n° 1.005/97, que implementa o Programa de Reforma da Educação Profissional.

Como resultado dessa pesquisa, o trabalho está distribuído em quatro capítulos. O primeiro capítulo, “Aspectos Sociais, Psicológicos e Educacionais do Trabalho”, apresenta a psicologia do trabalho na sociedade capitalista e a atividade humana numa perspectiva sócio-histórica e a relação trabalho-educação com as novas exigências do mercado de trabalho marcado pela concepção liberal do homem.

O segundo capítulo, "O Jovem no Cenário Brasileiro", apresenta os aspectos demográficos, sociais e político e a adolescência sobre o olhar da psicologia.

O terceiro capítulo aborda a "Educação e Formação Profissional - 1990 a 2000", a reforma dos anos 90 e o modelo de competência na educação proposto pela LDB e a exigência de um novo *portfolio* para seleção do trabalhador no mercado de trabalho, definido pela era do conhecimento, global e digital.

O quarto capítulo, "Trabalho e Educação sob o Olhar dos Jovens", reúne toda a atividade da pesquisa e análise da identificação, das concepções e das qualificações dos dados coletados por meio dos questionários aplicados aos 82 jovens.

E, finalmente, algumas considerações, com o objetivo de pontuar as análises a partir dos dados coletados pela pesquisa.

CAPÍTULO I ASPECTOS SOCIAIS, PSICOLÓGICOS E EDUCACIONAIS DO TRABALHO

1 QUESTÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS

Segundo Marx (1984), a categoria trabalho é que estabelece a diferença entre o homem e os animais. Os animais também são capazes de produzir. Ocorre que a produção que os animais realizam tem um caráter completamente distinto.

O animal constrói ninhos, casas, como as abelhas, os castores, as formigas, etc. Porém produz unicamente o que necessita imediatamente para si ou para sua prole; enquanto que o homem produz universalmente; o animal produz unicamente por mandato da necessidade física imediata, enquanto que o homem produz inclusive livre da necessidade física e só produz realmente liberado dela; o animal se produz somente a si mesmo, enquanto que o homem reproduz a natureza inteira; o produto do animal pertence imediatamente a seu corpo físico, enquanto que o homem se enfrenta livremente com seu produto. O animal forma unicamente segundo a necessidade e a medida da espécie qual pertence, enquanto que o homem soube produzir segundo a medida de qualquer espécie e sabe sempre impor ao objeto à medida que lhe é inerente; por isso o homem cria também segundo as leis da beleza. (MARX, 1984, p. 112).

A dimensão social do homem, no registro do processo de trabalho não é uma abstração, mas uma determinação histórica. O trabalho é, portanto, a chave que permite iniciar a busca da compreensão do homem.

A palavra “trabalho” origina-se do substantivo latino *tripalium*, que significa aparelho de tortura. Esta idéia de trabalho, como tortura, sofrimento, castigo, sempre existiu. Na Bíblia, a condenação de Adão pelo Criador foi:

[...] a terra será maldita por causa da tua obra: tu tirarás dela o teu sustento à força de trabalho[...] tu comerás o teu pão no suor do teu rosto[...] E a Eva também foi dada a condenação: [...] Eu multiplicarei os trabalhos dos teus partos, tu parirás teus filhos em dor, e estarás debaixo do poder de teu marido, e ele te dominará”. (GEN. 3, p. 6 e 7).

No Novo Dicionário Aurélio, a palavra “trabalho” também está associada a esforço, luta: “Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim”; “Esforço incomum; tarefa, obrigação[...]” (FERREIRA, 1975, p. 1393).

Ainda no dicionário, encontramos referência à lenda grega de Sísifo, segundo a qual o rei Corinto, ao escapar do deus da morte, Tanatos, enviado por Zeus para castigá-lo, foi levado ao inferno e condenado ao suplício de rolar uma rocha até o cimo de um monte, de onde ela se despencava, e o rei condenado devia recomeçar o trabalho, incessantemente. Dessa forma, quando se refere ao trabalho esgotante e inútil, que "nunca tem fim", está-se invocando o mito do "trabalho de Sísifo" (URT, 1992).

A organização atual do trabalho passou por várias transformações histórico-sociais. O trabalho é um produto social e como tal tem a sua história. Para compreender as situações vividas no mundo atual é preciso entender a história. A diversidade atribuída ao trabalho e às formas com que ele se reveste hoje só será compreendida se se resgatar a sua história. Essa história já foi, e é, alvo de inúmeros estudos abordados segundo várias correntes de pensamentos e áreas de conhecimento.

Conforme Marx e Engels, (1989), as fases de desenvolvimento da divisão do trabalho determinam as relações dos indivíduos entre si no que diz respeito ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho.

Na fase tribal, o povo se alimentava por meio da caça e da pesca, da criação de gado, ou da agricultura. A estrutura social e a divisão do trabalho estavam relacionadas com a família, respeitando a hierarquia dos chefes patriarcais da tribo, os membros da tribo e os escravos.

Na Antiguidade se dá a propriedade comunal, ou seja, reunião de várias tribos para formar uma cidade. Os cidadãos possuem o poder sobre seus escravos trabalhadores apenas em sua coletividade.

Na organização do sistema feudal, as relações de produção estavam baseadas numa estrutura hierárquica da posse da terra e a vassalagem a ela conectada dava à nobreza o poder sobre os servos. Aos homens livres e cidadãos, era permitido a dedicação do seu tempo à filosofia, à política e à contemplação.

No feudalismo, o modo de produção considerava a terra a principal fonte de riqueza, cujo objetivo era garantir a subsistência e a sobrevivência dos indivíduos.

Segundo Bock (1986), essa realidade econômica possuía um correlato ao mundo das idéias, e a terra era considerada o centro do universo, sendo vista como estática, e o mundo como algo organizado e hierarquizado. Os dogmas da igreja estavam baseados na autoridade, tendo como critérios de verdade o plano divino, o homem era visto como um ser predeterminado.

As idéias dominantes justificavam a organização social do período. O mundo fechado e o universo finito combinavam com o feudo e com a economia de subsistência. A hierarquia no universo justificava a hierarquia social. [...] necessidade de submeter a razão a fé garantia a centralização do poder (BOCK, 1986, p.41).

Ainda neste período histórico, ocorreram grandes transformações no modo de produção, provocando uma nova organização das relações sociais, porque a utilização de novas técnicas na agricultura possibilitou o cultivo da terra em maior proporção, promovendo o aumento da produtividade e de excedentes, surgindo o comércio. Foi por meio do comércio que se começou a negociar os excedentes, e junto surgiu a idéia de acumular riquezas, não se baseando somente na troca de produtos, mas sim da moeda, o que acabou resultando na formação de centros comerciais nas cidades (MANACORDA, 1992).

Neste momento, a produção artesanal se organizou por meio das corporações de ofício, com fins lucrativos e comerciais, atendendo à classe em ascensão, denominada burguesia, que trazia consigo o objetivo de derrubar a ordem feudal.

Com a falência do feudalismo, aumentou o processo de migração do campo para as cidades, em busca de sobrevivência e de uma nova forma de organização social. Os camponeses deixaram o trabalho no campo, em busca de atividades relacionadas com o comércio e artesanato.

Segundo Manacorda (1992), a produção se desenvolvia de forma artesanal e individual, realizada nas oficinas que eram associadas às corporações de artes e ofícios. Logo, o mercador capitalista deixou de lado as corporações, destinando sua matéria-prima e o processo de produção a outras pessoas não associadas, mas que estavam sob o seu controle. Apesar de o modo de trabalho permanecer o mesmo, surgiu uma nova denominação, a cooperação simples, sob novas relações de propriedade, juntando-se os artesãos. A manufatura foi o próximo passo, na qual iniciou a primeira divisão do trabalho; cada trabalhador tinha sua rotina de trabalho, realizando pequena parte do processo produtivo como

um todo. Finalmente, passou-se ao sistema da fábrica, com a utilização de máquinas. A força produtiva não era mais dada pelo homem, e sim pela água dos rios, pelo carvão mineral, reduzindo-o a um simples acessório da máquina em funcionamento (MANACORDA, 1992).

O trabalhador, que antes na manufatura comandava com sua própria habilidade o ritmo e o tempo de trabalho, encontra-se, com o emprego da máquina, destituído desse controle.

No século XVIII, a luta da burguesia contra a nobreza e o clero é vivida intensamente. A burguesia passa a controlar as relações econômicas, revoluciona as forças produtivas, produz em larga escala, mas não detém o poder político. A sociedade transformada se agita em experimentar suas novas possibilidades de organização, conhecimento, cultura e ação. O Iluminismo é a síntese dessas idéias que defendem o uso da razão para impulsionar o progresso em todos os seus aspectos. A democracia burguesa, que se prenuncia, prega a igualdade perante a lei, a liberdade individual e a fraternidade entre os homens. Todos esses direitos fundamentais são determinados por outro direito inviolável e sagrado: o direito à propriedade (MARX e ENGELS, 1989).

Para Rousseau (1983, p. 259), a base real de sustentação da desigualdade no mundo social é a propriedade, pois é daí que decorrem a sociedade, as leis, as relações. "O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer, isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo".

A lei da propriedade transforma o trabalho num castigo e o homem num servo miserável. É da fixação da Lei da propriedade e da desigualdade a responsabilidade pelo desaparecimento da liberdade natural e, mais ainda, pela condenação do homem "ao trabalho, à servidão e à miséria" (ROUSSEAU, 1983, p. 269-270).

Com o desenvolvimento industrial, o artesão passou a não possuir nada, seu lugar de trabalho, a sua matéria-prima, instrumentos de produção, sua própria capacidade de produzir ficaram sob o domínio deste novo modelo de mercado, o capitalismo. Desta forma, além de ter sido expropriado de sua ciência, devia se adaptar às novas regras de mercado e produção (MANACORDA, 1992).

O parcelamento de tarefas, iniciado nas manufaturas e consagrado com o surgimento da maquinaria, simplifica o trabalho, aumenta consideravelmente a sua produtividade e o reduz a um mecanismo progressivamente mais barato. Essa forma de trabalho dispensa a especialização, mobilizando mão-de-obra não qualificada.

A divisão do trabalho, imposta pelo emprego da máquina (parcelamento e simplificação de tarefas), permitiu a incorporação de mulheres e crianças na produção.

Com a passagem do feudalismo para o capitalismo, objetiva-se libertar o homem tornando-o livre para vender sua força de trabalho. O modo de produção feudal deu lugar ao modo capitalista de produção cuja função principal passou a ser a "mais-valia", ou seja, a diferença entre o trabalho necessário à reprodução da vida do operário (o que é pago) e o trabalho excedente que o trabalhador é obrigado a realizar (não pago) (MARX, 1984).

Essa compreensão de que o homem real, ativo e objetivo constitui com a própria atividade, com o próprio trabalho, é o fundamento que permite revelar a objetividade e a subjetividade.

O conceito de trabalho, em Marx (1978), se desdobra em dois movimentos: produção e alienação da vida.

O homem desenvolve suas capacidades de produção ao objetivá-las. Ocorre, no entanto, que as necessidades humanas que originam a produção não são originadas na própria produção, isto é, o objeto produzido pelo homem é que dá origem à necessidade humana coletiva. As necessidades humanas são históricas e provêm das próprias objetivações de trabalho. Somente o homem pode fazer de sua atividade vital objeto de sua consciência e de sua vontade, realizando sua atividade de maneira refletida. O animal é atividade. O homem é potencialidade de liberdade e consciência em sua atividade vital. O homem é um ente genérico, um ser social e comunitário que só pode levar uma vida humana na sua relação com os demais homens e em consequência dessa relação. A sociabilidade humana origina-se no trabalho numa atividade humana específica e, em consequência disso, as formas de sociabilidade estão relacionadas com a evolução das forças produtivas. Nessa perspectiva, Marx (1978) resgata o trabalho como finalidade, conferindo-lhe um caráter prático que se efetiva na relação do homem com a natureza.

Marx (1984) constitui o trabalho como o centro de referência para o estabelecimento de si mesmo do homem. O trabalho assume sua significação universal, mediação na relação entre sujeito e objeto, não somente enquanto chave que abre a possibilidade da compreensão das diferentes determinações inerentes a todas as formas de alienação, mas também como o centro de referências práticas que visa à superação real das mediações historicamente específicas, por meio das quais a base ontológica da existência humana é alienada na sociedade capitalista.

Na Idade Média, o termo “alienação” aparece com significação espiritual, para designar um estado místico de êxtase, e na tradição judaico-cristã, para nomear a definitiva perdição humana perante os caminhos divinos.

Para Marx (1984), a alienação está relacionada não com uma dimensão natural e universal do homem e com as suas formas abstratas de constituição, mas com as condições concretas nas quais as objetivações humanas podem se processar, enfim, com os modos concretos e determinados, qualitativamente e quantitativamente, da existência humana. A alienação descreve uma situação em que, em decorrência da propriedade privada, da troca e da divisão do trabalho, o indivíduo social é separado do seu produto não sendo capaz de apropriar-se das objetivações que ele próprio, enquanto trabalhador coletivo, criou.

A dialética entre objetivação e apropriação, na obra Marx (1984), é a dinâmica essencial do trabalho e, por decorrência, a dinâmica essencial do processo de produção e reprodução da cultura humana. O processo de apropriação surge, antes de tudo, na relação entre o homem e a natureza. Nessa relação, o ser humano, pela sua atividade transformadora, apropria-se da natureza incorporando-a à prática social. Ao mesmo tempo ocorre o processo de objetivação, pois o ser humano produz uma realidade que adquire características socioculturais, acumulando a atividade de gerações de seres humanos. Isso gera a necessidade de outra forma do processo de apropriação, já agora não mais apenas apropriação da natureza, mas como apropriação dos produtos culturais da atividade humana, das objetivações do gênero humano (entendidas aqui como os produtos da atividade social).

A análise do trabalho alienado, empreendida por Marx (1984), compreende quatro aspectos amplos que conduzem à total e multifacetada alienação do homem: este se aliena dos produtos de seu trabalho, do processo de seu trabalho, de seu próprio ser e dos outros homens. O trabalho alienado, característico do capitalismo, que se baseia na propriedade privada, conforme aponta Marx, não constitui somente um elemento da alienação do homem, mas também um elemento da alienação das coisas. A análise acerca do papel desempenhado pelo dinheiro na vida dos homens na sociedade capitalista ilustra o caráter impessoal e desumano da propriedade privada e de sua força alienadora.

2 QUESTÕES PSICOLÓGICAS

2.1 PSICOLOGIA DO TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Com a nova formação social capitalista e os avanços da indústria, todas as conformações sociais foram ao encontro das necessidades de acumulação de capital. O desenvolvimento da ciência e o surgimento da psicologia científica surgem uma expectativa em tornar o homem mais produtivo (SPECTOR, 2002).

No final do século XIX, a Psicologia é reconhecida como ciência independente e neste mesmo período surge a psicologia industrial, que depois passa a ser denominada Psicologia do Trabalho.

Os psicólogos Hugo Munsterberg e Walter Dill Scott são considerados os principais fundadores dessa área. Psicólogos experimentais e professores universitários trabalhavam na aplicação de recursos da psicologia para resolver problemas em organizações. Munsterberg tinha particular interesse na seleção de funcionários e no uso de testes psicológicos. Escreveu o primeiro compêndio sobre Psicologia do Trabalho, intitulado *Psychology and Industrial Efficiency*, em 1913.

A principal influência sobre o campo da Psicologia do Trabalho está nas idéias do engenheiro Frederick Winslow Taylor, que estudou a produtividade de operários em sua carreira durante o final do século XIX e início do século XX. Taylor desenvolveu a administração científica como uma abordagem para manejar os operários da produção da fábrica (SPECTOR, 2002).

Do ponto de vista de gestão da força de trabalho, Taylor - e a sua gerência científica - desempenhou um papel importante na constituição do padrão fordista de acumulação. Taylor estabeleceu, em fins do século XIX, três princípios, os quais deveriam nortear a gerência científica do trabalho: 1) princípio da dissociação do processo de trabalho das especialidades dos trabalhadores; 2) princípio da separação entre concepção e execução; e 3) princípio da utilização do monopólio do conhecimento sobre o processo de trabalho e sua execução (BRAVERMAN, 1987).

O modelo fordista começou a estabelecer os pilares da moderna reprodução em massa. Ford percebe que o operário poderia permanecer parado realizando sua tarefa,

enquanto os automóveis, estes sim, deslocar-se-iam até o trabalhador. Nasce a linha de montagem de fluxo contínuo.

O fordismo caracteriza-se por um sistema de produção em grande escala e consumo em massa e tem seu desenvolvimento efetivo a partir dos anos 30 do século XX e torna-se um modo social e cultural de vida após a Segunda Guerra Mundial (FRIGOTTO, 1995).

A necessidade de controle da vida dos operários era tão grande que Ford enviava assistentes sociais às casas dos trabalhadores privilegiados para ter certeza de que o novo homem da produção de massa tinha o tipo certo de probidade moral, de vida familiar e de capacidade de consumo prudente para corresponder às necessidades e expectativa da corporação (RODRIGUES, 1998).

A crença de Ford no poder corporativo de regulamentação da economia, como um todo, era tão forte que a sua empresa aumentou os salários no começo da Grande Depressão nos EUA, na expectativa de que isso aumentasse a demanda efetiva, recuperasse o mercado e restaurasse a confiança da comunidade de negócios. Mas as leis coercitivas da competição se mostraram demasiadamente fortes. Foi necessária a intervenção do Estado, o que Ford tentara fazer sozinho. Ford estimulava seus operários a cultivarem legumes nas horas vagas nos próprios jardins, para proverem a maior parte de suas necessidades de subsistência na Grande Depressão dos anos 30 (BRAVERMAN, 1987).

A administração científica de Taylor levou à produtividade, através da exploração dos trabalhadores com longas horas de trabalho rotinizado, exigindo poucas habilidades manuais tradicionais e um controle do trabalhador sobre o tempo, o ritmo e a organização do processo produtivo. A rotatividade da força de trabalho de Ford mostrou-se muito alta, o que levava Ford a usar a mão de obra imigrante.

O sistema de Taylor fazia uma separação entre o pensar e o fazer, deixando o trabalhador distante do processo, alienado e desqualificado. Com uma rigorosa análise das ocupações profissionais, descrevia, minuciosamente, os requisitos relacionados com as metas de produção. Visava colocar o homem certo no lugar certo.

O homem certo para o cargo adequado precisa ter, além das aptidões específicas, uma família correta, amigos adequados e, principalmente - pensamentos adequados. A condição humana fica assim submetida a requisitos abstratos da seleção profissional e é, sob todos os aspectos um negócio[...]". (URT, S. apud MERANI, 1977, p. 27).

Os princípios da administração científica passaram a ser aceitos e aplicados em vários setores da sociedade. “[...] no esporte ou no trabalho doméstico, procura-se obter o máximo rendimento do tempo, não raro obedecendo-se às regras e instruções ditadas por bulas e guias científicos de racionalização do agir, do sentir e do pensar” (URT, S. apud RAGO; MOREIRA, 1987, p. 11). A concepção de trabalho do taylorismo visava a estratégias de movimentos econômicos sem levar em consideração os processos psíquicos superiores que regulam a atividade humana.

A Psicologia do Trabalho, durante as décadas entre as duas Guerras Mundiais, expandiu-se para a maioria das áreas nas quais ela é utilizada hoje. As empresas passaram a contratar psicólogos organizacionais para atender aos crescentes problemas funcionais, particularmente, os relacionados com a produtividade. A Psicologia do Trabalho, na época Psicologia Industrial, preocupava-se com as questões de produtividade no trabalho e eficiência organizacional, incluindo avaliação de habilidades do funcionário e o projeto eficiente do trabalho (SPECTOR, 2002).

A prática da Psicologia avança com o fordismo-taylorismo, mas foi no início do século XX o marco do desenvolvimento da psicologia dos grupos sociais, dando ênfase às relações humanas.

A Psicologia do Trabalho sob a influência do taylorismo foi fortemente criticada por servir de instrumento adicional para exploração do trabalhador por meio dos processos de seleção, treinamento e avaliação de desempenho.

A Psicologia do Trabalho refere-se ao desenvolvimento e à aplicação de princípios científicos no ambiente de trabalho. Divide-se em industrial (recursos humanos) e a organizacional. A industrial se preocupa com as questões de eficiência no projeto de tarefas, seleção e treinamento de funcionários e avaliação de desempenho. A organizacional se desenvolve a partir de relações humanas nas organizações, se preocupa em compreender o comportamento individual dentro dos grupos e aumentar o bem-estar dos funcionários no ambiente de trabalho (SPECTOR, 2000).

A Segunda Guerra Mundial provocou em enorme efeito estimulador sobre o desenvolvimento da Psicologia do Trabalho, com o surgimento da psicotecnia. Pela primeira vez, os componentes psíquicos, presentes na atividade de trabalho, são levados em consideração, como: percepção, memória, pensamento e atenção. A Psicologia em todas suas especialidades contribuiu para o esforço de guerra, na seleção de soldados, colocação deles

em diferentes trabalhos, treinamento, aspecto moral, avaliação de desempenho, desenvolvimento de equipes e em projetos de equipamentos.

No taylorismo, o critério para a adequação do homem aos trabalhos e sua conseqüente racionalização era a análise dos movimentos empregados na execução do trabalho; na Psicotecnia, o critério não é a rapidez e a economia dos movimentos, e sim, a segurança e harmonia em sua execução. Do ponto de vista ideológico, a Psicotecnia constituiu-se em um enfoque muito mais refinado que o taylorismo; porém, seus resultados também levaram a uma estabilização do sistema capitalista; como afirmou Munsterberg, “o experimento psicológico deve estar ao serviço planejado da atividade econômica”. (URT, S. 1992, p. 56).

A administração científica de Taylor foi o principal apoio organizacional do fordismo e as formas de pensar o trabalho, fruto do contexto histórico das busca desesperada de encontrar soluções para a crise do capital de 1929.

Com a depressão selvagem e do quase-colapso do capitalismo na década de 30 foi necessário conceber um novo modo de regulamentação para atender aos requisitos da produção fordista, uma nova concepção da forma e do uso dos poderes do Estado. A crise manifestou-se fundamentalmente como falta de demanda efetiva por produtos, sendo nesses termos que a busca de soluções começou. Diante do fracasso evidente dos governos democráticos com colapso econômico, buscou-se uma solução política em que os trabalhadores fossem disciplinados em sistemas de produção novos e mais eficientes e em que a capacidade excedente fosse absorvida em parte por despesas produtivas e infra-estruturas muito necessárias à produção e consumo.

O otimismo depositado na soberania do livre mercado, capaz de assegurar o pleno emprego por meio do equilíbrio da demanda e oferta, é questionado pela teoria do economista Keynes.

O enfoque keynesiano, ao invés de enfatizar a oferta, vai privilegiar a demanda, opostamente aos neoclássicos que afirmavam que toda oferta gerava sua própria demanda. Afirmara que a demanda de bens e possibilidade de vendê-los é que possibilita pôr em marcha os processos produtivos, sendo que esta demanda não tem que, necessariamente, gerar empregos, para o seu excesso de oferta ser absorvido no mercado de trabalho, ou seja, o desemprego passa a ser um problema endógeno ao sistema econômico, ainda que o mercado funcione livremente (SOARES, S., 1998).

Na teoria de Keynes, a reestruturação tecnológica, o aumento da população desempregada, cumpriria o papel de oferecer ao mercado uma base de oferta seletiva da força de trabalho, podendo as empresas renovar seus quadros, atendendo às exigências de qualificação para implementar novos processos de produção. Essa realidade comportaria a criação de um Estado Assistencial (SOARES, S., 1998).

No enfoque keynesiano se o sistema não é capaz de elevar a demanda agregada até o pleno emprego, cabe às políticas públicas fazê-lo. Essas idéias, predominantes em todo o mundo capitalista maduro, consistem num receituário de medidas para conter as ações do Estado de Bem-Estar Social defendido por Keynes como solução apenas para determinados momentos de crise.

Após 1945, o fordismo chegou à maturidade como regime de acumulação plenamente acabado no longo período pós-guerra e se manteve mais ou menos até 1973. E se aliou firmemente ao keynesianismo.

A alternativa proposta ao Estado do Bem-Estar Social, posta por Friedrich Hayek, Milton Friedman e Karl Popper, foi o neoliberalismo. Em 1944, Hayek escrevera “O Caminho da Servidão” no qual afirmava que a promoção da igualdade implementada pelo Estado do Bem-Estar conduziria a humanidade à servidão (RODRIGUES, 1998).

A nova grande crise do padrão de acumulação capitalista do pós-guerra colocou todo o mundo capitalista avançado numa longa recessão. A partir daí, as idéias neoliberais passaram a ser ouvidas. Para Anderson (1995), o neoliberalismo:

[...] é um movimento ideológico, em escala verdadeiramente mundial, como o capitalismo jamais havia produzido no passado. Trata-se de um corpo de doutrina coerente, autoconsciente, militante lucidamente decidido a transformar todo o mundo a sua imagem, em sua ambição estrutural e sua extensão internacional. (ANDERSON, 1995, p. 22).

Segundo Anderson (1995), socialmente o neoliberalismo conseguiu muito dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente desiguais; politicamente e ideologicamente, alcançou êxito nunca sonhado pelos seus idealizadores, com a disseminação de que não há alternativas para os seus princípios, pois todos, confessando ou negando, têm de adaptar-se às suas normas.

A crise do modelo fordista já apresentava problemas sérios em meados dos anos 60, mostrava-se incapaz de conter as contradições inerentes ao capitalismo; um conturbado

período de reestruturação econômica e de reajustamento social e político. No espaço social criado por todas as oscilações e incertezas, uma série de novas experiências nos domínios da organização industrial e da vida social e política começou a tomar forma. Surge um novo regime de acumulação que é marcado por confronto direto com a rigidez do fordismo (RODRIGUES, 1998).

Segundo Rodrigues (1998), o novo padrão de acumulação flexível se sustenta em uma nova dinâmica de gestão do processo produtivo e em um novo padrão tecnológico. Em ambos os aspectos, o conceito-chave é a flexibilidade.

O método proposto por Taiichi Ohno, engenheiro da empresa Toyota, é avesso do sistema concebido por Taylor e Ford. O modelo Toyota contrapõe, aos grandes lotes padronizados da produção fordista, à produção de séries restritas de produtos diferenciados. Assenta-se sobre dois pilares: o *just in time* e autonomia.

O método de produção *just in time* consiste em produzir exatamente as quantidades vendidas e produzi-las no tempo exatamente necessário, utilizando a técnica Kan-ban (fichas) - técnica adaptada dos supermercados americanos.

Antunes (1999) resume os traços constitutivos do toyotismo:

Ao contrário do fordismo, a produção sob o toyotismo é voltada e conduzida diretamente pela demanda. A produção é variada, diversificada e pronta para suprir o consumo. É este quem determina o que será produzido, e não o contrário, como se procede na produção em série e de massa do fordismo. Desse modo, a produção sustenta-se na existência do estoque mínimo. O melhor aproveitamento possível do tempo de produção (incluindo-se também o transporte o controle de qualidade e o estoque), é garantido pelo *just in time*. O Kanban, placas que são utilizadas para a reposição de peças, é fundamental à medida que se inverte o processo: é do final, após a venda, que se inicia a reposição do estoque, e kanban é a senha utilizada que alude a necessidade de reposição das peças/produtos. Daí o fato de em sua origem o Kanban estar associado ao modelo de funcionamento dos supermercados que repõe os produtos, nas prateleiras, depois da venda. (ANTUNES, 1999, p. 26).

O segundo pilar do método toyotismo é a “autonomia” - neologismo obtido da fusão das palavras autonomia e automação, o qual consiste na introdução, em máquinas automáticas, de determinados mecanismos que permitem a paralisação de peças defeituosas (RODRIGUES, 1998).

A inovação técnica e organizacional, promovida pela autonomia, permitia à fábrica encarregar um único trabalhador da supervisão de um número grande de máquinas automáticas, além da checagem da qualidade das peças produzidas por essas máquinas.

O trabalho organizado foi solapado pela reconstrução de focos de acumulação flexível em regiões que careciam de tradições industriais anteriores e pela reimportação para os centros mais antigos das normas e práticas regressivas estabelecidas nessas novas áreas. A acumulação flexível parece implicar níveis relativamente altos de desemprego estrutural, ganhos modestos de salários reais e o retrocesso do poder sindical - uma das colunas políticas do regime fordista (ANTUNES, 1999).

O mercado de trabalho passou por uma radical reestruturação. Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os empregadores tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão-de-obra excedente (desempregados ou subempregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis. A atual tendência dos mercados de trabalho é reduzir o número de trabalhadores centrais e empregar cada vez mais uma força de trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos quando as coisas ficam ruins (LINHART, 2000).

A organização mais coesa e a centralização implosiva foram alcançadas, na verdade, por dois desenvolvimentos paralelos da maior importância. Em primeiro lugar, as informações precisas e atualizadas são agora uma mercadoria muito valorizada. O acesso à informação, bem como o seu controle, aliados a uma forte capacidade de análise instantânea de dados, tornou essencial à coordenação centralizada de interesses corporativos descentralizados.

O acesso ao conhecimento científico e técnico sempre teve importância na luta competitiva; mas, também aqui, pode-se ver uma renovação de interesse e de ênfase, já que, num mundo de rápidas mudanças de gostos e necessidades e de sistemas de produção flexíveis, o conhecimento da última técnica, do mais novo produto, da mais recente descoberta científica, implica a possibilidade de alcançar uma importante vantagem competitiva. O próprio saber torna-se uma mercadoria-chave, a ser produzida e vendida a quem pagar mais, sob condições de ela mesma ser cada vez mais organizada em bases competitivas.

O modelo toyotista apresenta uma outra lógica de utilização da força de trabalho, valorizando as dimensões subjetivas e intersubjetivas, baseia-se na cooperação e comunicação, em novas relações interpessoais no intuito de aumentar a iniciativa e a motivação para o trabalho, o trabalhar em equipe é um requisito básico. Linhart (2000) deixa claro os reais interesses na preocupação com a subjetividade do trabalhador:

O que está em jogo na empresa contemporânea é a capacidade de transformar assalariados impregnados da cultura e dos valores contestatório e em oposição às chefias em assalariados dispostos a se mobilizar a serviço da empresa. Com a qual eles sejam capazes de se identificar, esposando seus interesses e tomando a sua defesa. (LINHART, 2000, p. 28).

Segundo Codo (1993), para compreender qualquer sociedade é preciso entender como se organizam as trocas entre os produtores e que relações sociais se definem. O objeto da Psicologia coincide com objeto da Economia: ambas as ciências buscam a compreensão das relações de troca do *Homo Sapiens*. Codo explica (1993, p.141):

[...] As mediações são construídas através do trabalho, exatamente porque trabalho é o ato de depositar significado humano à natureza. Em uma sociedade fundada na cooperação e na troca, desaparece qualquer outra forma que não o significado social do trabalho. O trabalho sempre determinou o modo de organização social e por isso mesmo passa a ser determinado por ele[...].

Nos últimos anos o interesse pela Psicologia do Trabalho se expandiu; e muitas vezes a sua prática é confundida com várias concepções de grupo social, desdobradas em técnicas de dinâmica de grupo, relações humanas, grupos de encontro e sensibilização. São práticas vivenciadas no cotidiano das empresas, que acabam camuflando as causas dos conflitos e das contradições existentes nas relações de trabalho. Afirma Codo (1993, p. 161):

Essencialmente, o limite estrutural destas ou daquelas práticas de "relações humanas na empresa" tem sido exatamente a insistência em emudecer, nas suas concepções de trabalho, quem, diria, o trabalho mesmo. Tudo se passa como se a situação de trabalho pudesse ser reduzida à sua face visível: um grupamento humano enredado em ação comum. As relações humanas na empresa estão determinadas pela organização do trabalho e raramente podem ser compreendidas sem elas.

A troca humana com a natureza diferencia-se da troca animal pela transcendência. Em seu metabolismo com a natureza, animal/natureza transforma-se no limite estrito da díade que se estabeleceu. Para os homens, cada relação com a natureza é maior do que ela mesma: pela via da construção dos símbolos, possibilitada pela linguagem e pelo trabalho, cada troca humana incorpora-se ao ser e ao vir a ser do homem, compondo agora sua historicidade (CODO, 1993).

As mediações são construídas por meio do trabalho, exatamente porque "Trabalho é o ato de depositar significado humano à natureza" (CODO, 1993, p. 141). A forma

contemporânea da organização social é a forma mercadoria, ou seja, a universalização do trabalho humano; a possibilidade de extensão do significado do gesto a qualquer dos homens do planeta, ou ainda, a abstração radical do trabalho específico construída pela equivalência de todos os trabalhos, troca universal, dinheiro. Entre outras coisas, deduz-se que não é a dupla representação como valor de uso e valor de troca que marca a forma mercadoria, mas sim a sua abstração de qualquer trabalho particular ou de qualquer troca em particular; a substituição, via moeda, da necessidade humana.

O mundo sofreu abalos graves com as duas grandes guerras. As nações aliadas encontravam-se à beira da ruína em 1944. Três décadas de recessão, fracassos financeiros. As guerras têm o dom de reunir uma grande necessidade de fundos e a impossibilidade de trabalhar para produzi-los. A forma encontrada pelos governos sempre foi a de resolver o problema por meio da gráfica do tesouro, emitindo dinheiro e esquecendo do seu valor real (CODO, 1993).

Com essa deteriorização das relações de troca, a partir de 1971 via-se uma construção de uma economia baseada na especulação financeira. A moeda enquanto mercadoria a gerar mais valor em si mesma, não mais com o equivalente da outra.

Do ponto de vista das relações de troca sob a forma monetária o que ocorre é a compra e venda da força de trabalho. Existem duas formas básicas de baratear custo da mão-de-obra: diminuindo o preço de compra ou aumentando a produção pelo mesmo número de horas. Portanto, é preciso um trabalhador capaz de tomar decisões, adivinhar problemas a tempo de preveni-los (CODO, 1993).

Recorre-se ao conhecimento científico da Psicologia do Trabalho para preparar este homem por meio dos departamentos de recursos humanos das organizações, buscando o envolvimento dos trabalhadores no processo de produção (CODO, 1993).

A procura por psicólogos e pedagogos pelas empresas gerou um movimento em torno das relações humanas, proliferaram as dinâmicas de grupo com exercícios de comunicação e cooperação, empenhados em inventar a humanidade do trabalhador, ou seja, aumentar a participação do trabalhador no processo de trabalho.

Em 1990, o *The National Institute for Occupational Safety and Health* (NIOSH), nos EUA, reconhece as desordens psicológicas ocupacionais como um problema prioritário (CODO, 1993).

No Brasil, a Norma Regulamentadora 17 (NR-17), que regulamenta ações jurídicas e políticas em saúde, que tem efeito de lei, resguardada pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que cuida das lesões por esforços repetitivos, também em 1990, leva em conta a organização do trabalho "adaptadas às características psicofisiológicas do trabalhador". (CODD, 1993, p. 160).

As bases sobre as quais se estabeleceram as relações de trabalho no século XX colocam em xeque a identidade da sociedade, e de cada um dos indivíduos. É nessa discussão que esta pesquisa pretende verificar como os jovens estão recebendo essa herança social e cultural. Neste contexto, qual a concepções sobre o mercado de trabalho desses jovens?

Alguns estudos de psicologia fazem uma leitura das relações de trabalho, apresentando a opressão e a exploração do trabalhador, a fim de contribuir para a sua conscientização. Pagés (1987), em sua pesquisa, tenta demonstrar o duplo mecanismo da relação entre os limites da coesão dos empregados e sua aceitação da exploração. Desenvolve o conceito de sistema sócio-mental como um referencial que permite dar uma resposta a essas questões.

O sistema sócio-mental constitui uma prática global da existência, cujos diversos aspectos esclarecem mutuamente seu sentido, que só pode ser lido nas relações entre as instituições sociais e as formas de investimento das quais são objeto [...] a dependência infantil à organização só tem um sentido de exploração pela análise do sistema econômico e, inversamente, à submissão à lógica econômica da organização só pode ser compreendida se intervir nas estruturas inconscientes [...] atacar ao mesmo tempo o dismantelamento dos grandes aparelhos de dominação, no nível do regime de propriedade de suas escolhas econômicas básicas, e prosseguir um trabalho de desalienação básicas". (URT, S. apud PAGÉS, 1987, p. 232-233).

Uma outra contribuição para a Psicologia do Trabalho, sem dúvida, veio da psicologia soviética, representada por Leontiev, Vigotsky, Luria e Rubinstein. Estes apresentam uma Psicologia que considera o homem em uma perspectiva histórica e que implica numa nova forma de estudar o trabalho humano.

2.2 ATIVIDADE HUMANA: UMA CONCEPÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA

A visão da teoria sócio-histórica¹, inspirada no materialismo dialético de Marx, considera que o processo pelo qual o ser humano foi se diferenciando dos demais seres vivos

¹ Teoria sócio-histórica, corrente psicológica fundada por Lev Semionovitch Vygotski, fundamenta-se na concepção de homem do materialismo histórico e dialético: o homem entendido como sujeito da história, determinante e determinado pelo contexto.

tem seu fundamento objetivo no trabalho, como atividade pela qual o homem transforma a natureza e a si próprio. Marx e Engels (1989, p. 339-340), em “A Ideologia Alemã”, afirmaram o seguinte:

[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e de toda a história é que os homens devem estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os seres humanos vivos. [...] O segundo ponto é que, satisfeita essa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades – e esta produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico.

a) Desenvolvimento da consciência e do psiquismo humano

Leontiev (1978), para explicar a determinação da consciência humana, parte do princípio das atividades humanas como formas de relação do homem com o mundo, dirigidas por motivos, por fins a serem alcançados. O trabalho, em sua abordagem, tem dupla função: é uma atividade produtiva e uma atividade de comunicação, pelas necessidades das relações de trabalho. A linguagem, nesse caso, não desempenha apenas a função de comunicação, ela é formadora da consciência e do pensamento humano.

Desta forma, o trabalho humano é uma atividade originariamente social, baseia-se na cooperação entre indivíduos, que supõe uma divisão técnica, embrionária que seja, das funções de trabalho.

A divisão do trabalho provoca uma modificação profunda e radical da própria estrutura da atividade dos indivíduos que participam no processo de trabalho.

Nesse sentido, é precisamente a atividade de outros homens que constitui a base material objetiva da estrutura específica da atividade do indivíduo humano. Historicamente, pelo seu modo de apropriação, a ligação entre o motivo e o objeto de uma ação não reflete relações e ligações naturais, mas ligações e relações sociais.

A primeira transformação da consciência provocada pelo desenvolvimento da divisão social do trabalho constitui-se do isolamento da atividade intelectual e física. A segunda é a mudança de estrutura interna. Essas relações penetram na consciência do homem e

psicologicamente desintegram sua estrutura geral e caracterizam uma relação de alienação na qual o homem não percebe nem o seu mundo e nem a si mesmo (LEONTIEV, 1978).

A alienação capitalista mutila o homem no sentido de que anula, nele mesmo, as qualidades humanas e desperta no ser humano qualidades que lhe são alheias. Marx (1984) analisa detalhadamente esse processo e deixa claro seu sentimento crítico e humano perante a auto-alienação do ser humano que ocorre pela alienação capitalista. E sua análise aponta para o fato de que esse processo afeta a todas as classes, ainda que de modo distinto: capitalista e proletariado.

A atividade psicológica interna do indivíduo tem sua origem na atividade externa. Os processos mentais humanos adquirem uma estrutura necessariamente ligada aos meios e métodos sócio-historicamente formados e transmitidos no processo de trabalho cooperativo e de interação social. As atividades mentais internas emergem da atividade prática desenvolvida na sociedade com base no trabalho, e são formadas no curso da ontogênese em cada nova geração. Os processos do indivíduo, internalizados a partir de processos interpsicológicos, passam a mediar a atividade do sujeito no mundo, numa interação constante entre o psiquismo e as condições concretas da existência do homem (LEONTIEV, 1978).

É por meio do processo de internalização que o homem vai construindo sua consciência, seus modos de agir e sua forma de perceber o mundo real. A consciência, inicialmente, só existe na forma de uma imagem mental, revelando o mundo circundante do sujeito; posteriormente, a atividade torna-se também um objeto de consciência, das ações dos outros homens e por meio deles, das suas próprias, intermediada pela linguagem.

A linguagem é aquilo através do qual se generaliza e se transmite a experiência da prática histórica da humanidade; por consequência, é igualmente um meio de comunicação, a condição da apropriação pelos indivíduos dessa experiência e a forma de sua existência na consciência. (LEONTIEV, 1978, p. 172).

A linguagem é uma convenção social, historicamente construída pelo homem a partir das interações sociais na atividade do trabalho. A linguagem, além de desempenhar o papel de meio de comunicação entre os homens, também é o meio, uma forma da consciência e do pensamento humano, tornando-se a forma e o suporte da generalização consciente da realidade (LEONTIEV, 1978).

Leontiev (1978) considera o desenvolvimento do psiquismo humano como um processo de transformação qualitativa. A passagem à humanidade foi acompanhada de uma mudança do tipo geral de reflexo psíquico e do aparecimento de um tipo superior de psiquismo: a consciência. Essa passagem se realizava consecutivamente ao aparecimento das relações de produção entre os homens. As particularidades do psiquismo humano são determinadas pelas particularidades dessas relações, dependem delas.

Na origem, os homens não têm consciência da sua relação com a coletividade. Posteriormente, quando a consciência humana vai progredindo, as significações lingüísticas que se criam na atividade coletiva de trabalho, além de refletir as relações dos homens com a natureza, refletem também as relações dos homens entre si.

O que caracteriza uma atividade especificamente humana é o uso dos instrumentos na sua execução. E é entendida como categoria mediadora da construção das funções superiores e da consciência. Porque, por meio do uso de instrumentos na atividade de trabalho, o homem, ao transformar o meio físico e social em que se encontra, também se transforma. A atividade instrumental é entendida, portanto, como uma unidade que preserva as propriedades do todo numa perspectiva dialética, compreende tanto o indivíduo quanto o meio físico-social, em interação recíproca.

Os instrumentos são ferramentas psicológicas, produtos da atividade social humana, historicamente construídas.

A fabricação e o uso de instrumentos só é possível em ligação com a consciência do fim da ação de trabalho. A utilização de um instrumento permite que se tenha consciência do objeto da ação nas suas propriedades objetivas. O instrumento é um objeto social, o produto de uma prática social, de uma experiência social de trabalho.

Para sua sobrevivência, o homem realiza o primeiro ato histórico, produz os meios que permitam a satisfação das suas necessidades, cria uma realidade humana, o que implica na transformação tanto da natureza como do próprio homem.

Ao produzir os meios para satisfação de suas necessidades básicas de existência, humaniza a si próprio, na medida em que a transformação objetiva requer dele uma transformação subjetiva. Cria uma realidade humanizada tanto objetiva como subjetivamente. Ao se apropriar da natureza, transformando-a para satisfazer suas necessidades, objetiva-se nessa transformação. Essa atividade humana objetivada passa a ser ela também objeto de

apropriação pelo homem, pois os indivíduos devem se apropriar daquilo que é criado pelos próprios seres humanos.

b) Apropriação da cultura humana

A apropriação das objetivações do gênero humano é uma necessidade do próprio processo de formação da individualidade. O indivíduo precisa apropriar-se dos resultados da história e fazer desses resultados os “órgãos da sua individualidade” (MARX, 1978a, p. 11).

Leontiev (1978, p. 268) explica as principais características do processo de apropriação da cultura pelos indivíduos. Uma das características da apropriação se dá em processo de comunicação entre eles. O indivíduo por meio da transmissão da cultura "reproduz os traços essenciais da atividade acumulada no objeto".

Outra característica desse processo, segundo Leontiev (1978, p. 169), é, a de que por meio desse processo são reproduzidas no indivíduo, "as aptidões e funções humanas historicamente formadas".

Duarte (1999, p. 123) destaca a importância dessa característica, por se tratar da mediação entre o processo histórico de formação do gênero humano e o processo de formação de cada indivíduo como um ser humano, pois enquanto nos outros seres vivos a relação entre a espécie e cada ser pertencente a ela é determinada pela herança genética, no caso do ser humano a relação entre os indivíduos e a história social é mediatizada pela apropriação das objetivações produzidas historicamente.

Terceira característica descrita por Leontiev (1978, p. 272) é que tal processo é sempre mediatizado pelas relações entre os seres humanos, caracterizando-se como um processo de transmissão de experiência social. O indivíduo se forma, apropriando-se dos resultados da história social e objetivando-se no interior dessa história, sua formação se realiza por meio da relação entre objetivação e apropriação. Segundo Duarte (1999), a formação do indivíduo é sempre um processo educativo, mesmo quando essa educação se realiza de forma espontânea, isto é, quando não há a relação consciente com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social.

Leontiev (1978, p. 273) deixa claro que o processo de apropriação é um processo sempre educativo:

Quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é sua tarefa. Razão por que toda a etapa nova no desenvolvimento da humanidade, bem como no dos diferentes povos, apela forçosamente para uma nova etapa no desenvolvimento da educação: o tempo que a sociedade consagra à educação das gerações aumenta; criam-se estabelecimentos de ensino, a instrução toma formas especializadas, diferencia-se o trabalho do educador do professor; os programas de estudo enriquecem-se, os métodos pedagógicos aperfeiçoam-se, desenvolve-se a ciência pedagógica. Esta relação entre o progresso histórico e o progresso da educação é tão estreita que se pode sem risco de errar julgar o nível geral do desenvolvimento histórico da sociedade pelo nível de desenvolvimento de seu sistema educacional e inversamente.

3 EDUCAÇÃO E SUA ADEQUAÇÃO ÀS DEMANDAS DA FLEXIBILIZAÇÃO GERADAS PELAS REESTRUTURAÇÕES PRODUTIVAS

A educação e a formação para o emprego são hoje uma das maiores preocupações das políticas governamentais. A educação enfrenta enormes desafios e se depara com uma contradição quase impossível de resolver: por um lado, é acusada de estar na origem de muitas exclusões sociais e de agravar o desmantelamento do tecido social; por outro, é a ela que se faz apelo, quando se pretende restabelecer algumas das “semelhanças essenciais à vida coletiva”, de que falava o sociólogo francês Emile Durkheim, no início deste século (DELORS, 1996).

Segundo Moraes (1999), na história, a educação aparece como forma de resolver, em médio e longo prazos, os problemas que a política não poderia solucionar em curto tempo. No final do século XIX, os republicanos buscaram na educação a condição para emancipar a sociedade e para a constituição da nacionalidade e da cidadania. No início do século passado, a educação do povo aparece como solução para erradicar os graves problemas sociais que afligiam o país e, nos anos 60 deste mesmo século, os modelos desenvolvimentistas viram na educação a solução para o crescimento econômico e desenvolvimento social. Nos anos 80, marcados por crises econômicas, pela globalização dos mercados e por uma nova correlação de forças políticas na esfera internacional, a questão da educação novamente é alvo de atenção nos discursos dominantes e nas políticas governamentais (MORAES, 1999).

De acordo com o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI - Educação um Tesouro a Descobrir, a relação entre o ritmo do progresso técnico e a qualidade da intervenção humana torna-se cada vez mais evidente, assim como a necessidade de formar agentes econômicos aptos a utilizar as novas tecnologias

e que revelem um comportamento inovador. Requerem-se novas aptidões e os sistemas educativos devem dar respostas a essa necessidade, não só assegurando os anos de escolarização ou de formação profissional estritamente necessário, mas formando cientistas, inovadores e quadros técnicos de alto nível.

A rapidez das alterações tecnológicas fez surgir, à escala das empresas e dos países, a necessidade de flexibilidade qualitativa da mão-de-obra. Em todos os setores, sente-se a necessidade de competências evolutivas articuladas com o saber e com o saber-fazer mais atualizado. Nessa evolução, verifica-se que se dá uma importância cada vez maior aos investimentos ditos imateriais, como a formação, à medida que a “revolução da inteligência” produz seus efeitos. A formação permanente de mão-de-obra adquire a dimensão de um investimento estratégico que implica a mobilização de vários atores: para além dos sistemas educativos, formadores privados, empregadores e representantes dos trabalhadores são convocados de modo especial (DELORS, 1996).

Ainda segundo Delors (1996), tudo leva a pensar que tal tendência aumentará por causa da evolução do trabalho nas sociedades modernas. A natureza do trabalho mudou, aumentou o setor terciário que emprega hoje um quarto da população ativa dos países em desenvolvimento e mais de dois terços da dos países industrializados. O aparecimento e desenvolvimento de “sociedades da informação”, assim como a busca do progresso tecnológico, sublinham a dimensão cada vez mais imaterial do trabalho e acentuam o papel desempenhado pelas aptidões.

No mercado de trabalho da sociedade do conhecimento não é mais possível falar em mão-de-obra, uma vez que o trabalho manual perde a centralidade, erigindo-se o conhecimento no seu lugar.

Em decorrência da convergência tecnológica entre informática e telecomunicações ocorreu uma transformação radical na forma e conteúdo do trabalho. A atuação passa a não ser mais fatiada entre pessoas e setores, conforme ocorria na atuação baseada nas regras da gerência científica. Deixa de ser sobre a matéria e migra para o simbólico, exigindo uma maior capacidade de abstração. A nova forma de executar e gerenciar o trabalho pressupõe um trabalhador capaz de assumir todas as fases do processo de produção (MACHADO, 1994).

O mundo do trabalho contemporâneo traz na sua literatura algumas palavras, como trabalhabilidade, modificando alguns conceitos, como emprego, pois, neste momento de

transição da era industrial para a pós-industrial, o mundo está fazendo muitas travessias e mostrando uma nova ordem de necessidades, o trabalho e a busca do posto de trabalho norteia-se pela educação permanente, polivalência, flexibilidade e a melhoria constante das habilidades básicas, específicas e de gestão, definindo assim o conteúdo da trabalhabilidade (COSTA, 2002).

Os processos de reestruturação produtiva aceleram o aumento contínuo do desemprego, na sociedade em que a produtividade domina inquestionável para a modernidade social, o que gera uma nova forma de ser do trabalhador (COSTA, 2002).

O convívio com um cotidiano feito de substituição de operações, subtração de etapas do processo de produção, inclusão de novas tecnologias exigentes de conhecimentos específicos, novos padrões de conduta gerencial, desenvolve no trabalhador a insegurança sobre sua manutenção no posto de trabalho, somada com a preocupação difundida, no próprio contexto, sobre o destino do trabalho e seus vínculos.

A onda de flexibilização do trabalho traz, em seu bojo, a necessidade do conhecimento do trabalhador sobre todas as etapas do processo de produção, rompendo com a fragmentação da produção do modelo taylorista-fordista (RODRIGUES, 1998).

Com todas essas exigências do mercado de trabalho, a situação do jovem é preocupante quando não existe uma política de juventude no país que atenda à diversidade e especificidade dos jovens.

Pobreza e desigualdade marcam a vida de 54 milhões de brasileiros. No grupo de adolescentes, há 8 milhões que sofrem com a injustiça e com a exclusão social, resultantes das enormes iniquidades na distribuição dos rendimentos, da riqueza e do poder que dominam o mundo de hoje, aumentando cada vez mais a distância entre ricos e pobres, brancos e negros, homens e mulheres. Os jovens das classes menos favorecidas são os mais atingidos por esta ausência de definições políticas. É preocupante a falta de perspectiva da juventude no nosso país. A juventude continua a enfrentar altos níveis de desemprego, pobreza, violência nas periferias das grandes cidades, doenças epidêmicas, analfabetismo funcional e abuso de drogas, entre outros desafios sociais e econômicos. (COSTA, 2002).

A educação, como já citada, está sendo chamada mais uma vez a uma situação emergencial, pautando-se pelo modelo da competência, tendo como referência central a concepção liberal do ser humano.

A educação hoje tenta atender à velocidade de produção do conhecimento. O fato cria uma nova demanda sobre pessoas. Cada vez mais empresas exigirão do profissional novas competências, como flexibilidade, capacidade de trabalho em grupo e muita intuição.

No discurso neoliberal, a educação ganha novo sentido como elemento básico para a competitividade e empregabilidade. A empregabilidade é qualidade individual para o emprego, que exige uma formação em habilidades no campo das condutas, dos conhecimentos e dos valores que possibilite certa flexibilidade pessoal para adaptar-se a situações imprevistas, ao desemprego, às mudanças de funções, à cognição de conhecimentos e condutas que o transformem em um cidadão multifuncional (GARCIA, 2002).

A educação básica, a formação técnico-profissional e a requalificação passam por uma mudança de sentido segundo a educação formal, para além do ensino fundamental; passa a ser parte de projetos individuais e não mais de projetos sociais e coletivos. Predomina a lógica privada da busca da competência, feita individualmente a partir de suas próprias escolhas e de suas habilidades. A proposta é de que cada indivíduo seja bastante autônomo, criativo, adaptável, flexível para lutar pelas poucas vagas possíveis no mercado de trabalho, altamente seletivo (GARCIA, 2002).

O neoliberalismo trata de uma estratégia de poder que se articula em dois sentidos, um, por meio de reformas, que são receitas que se dizem reordenadoras dos planos econômico, político e educacional, e outro, por meio de estratégias culturais, que orientam a imposição dos novos diagnósticos da crise, construindo novos significados sociais, para legitimar as reformas neoliberais como salvadoras a serem aplicadas no atual contexto social.

Essas orientações das políticas públicas impregnam o mundo da educação e condicionam as trajetórias dos jovens e suas disposições para programarem o futuro, ou aceitando o jogo seletivo.

Este capítulo teve a intenção de compreender as tramas concretas, implícitas nas relações sociais, psicológicas e educacionais do trabalho, que se apresentam nos processos observáveis da realidade dos jovens sujeitos desta pesquisa.

CAPÍTULO II O JOVEM NO CENÁRIO BRASILEIRO

1 JUVENTUDE

O conceito de juventude varia conforme o interesse específico de quem o maneja. Assim, o conceito de juventude é objeto de análise de distintas ciências: a demografia, preocupada em desvelar seu peso no conjunto da população; a medicina, interessada nos aspectos relacionados com o desenvolvimento físico, sexualidade e a reprodução; a psicologia, dedicada a compreender os comportamentos de transição entre a infância e a idade adulta; e a sociologia, voltada para o entendimento da atuação dos jovens nas dinâmicas que se dão em diversas esferas do cotidiano social.

A adolescência neste trabalho é entendida como uma construção social, daí a necessidade de localizar e datar os jovens dos quais, a cada momento e em cada circunstância, está se falando.

Segundo o critério cronológico, jovem, no enfoque da Organização das Nações Unidas (ONU), é a pessoa que está na faixa etária compreendida entre 15 e 24 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define os limites etários da seguinte forma: criança - pessoa até doze anos de idade incompleta e, adolescente, aquela entre doze e dezoito anos.

Os sujeitos desta pesquisa estão na faixa etária de 15 a 18 anos; portanto, segundo o ECA, esses jovens estão em plena adolescência. Este capítulo destaca a questão jovem no cenário brasileiro, levando em consideração os aspectos demográfico, social, político e, por último, a adolescência segundo o olhar da psicologia.

1.1 ASPECTO DEMOGRÁFICO

Segundo a ONU, a população jovem mundial cresceu de 1.016 milhão para 1.066 bilhão em cinco anos (1995-2000) e ainda há uma expectativa desse número atingir 1.176 bilhão até o ano 2050.

O crescimento do número de jovens de 15 a 24 anos está levando diversos países e organismos internacionais a incluir o tema juventude em suas agendas de prioridades.

A importância demográfica desse grupo é inegável. Mas as estatísticas do Brasil não o têm como foco de sua preocupação. Para o adolescente da faixa etária de 12-18 incompletos não existem dados específicos; é um ciclo de vida que não é abordado pelos institutos de pesquisa, por exemplo, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)². Isto só confirma que a adolescência ainda não constitui foco específico de pesquisa, planejamento e execução de políticas públicas para o adolescente.

No Brasil há 21.249.557 de adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos; a cada oito brasileiros, um é adolescente (IBGE, 2002a).

A demografia aponta que da década de 70 para cá o Brasil deixou de crescer como um país de terceiro mundo. A queda na taxa de natalidade foi exponencial. A mortalidade infantil foi reduzida de maneira acentuada. Deixou de ser uma sociedade de crianças e jovens e se tornou uma sociedade de jovens e adultos (CNPd, 2000).

A população de 0 a 14 anos diminuiu sua participação na composição brasileira de 43% para aproximadamente 35%. A população com mais de 15 anos representa hoje 65% do total dos brasileiros.

A geração que fez 20 anos no ano 2000 será uma das maiores proporções de jovens da história demográfica brasileira, confirmando a chamada “onda jovem”.

Essa transição demográfica, que transforma um país de crianças e jovens para um país de jovens e adultos, determina que mais da metade da população brasileira estará entre as faixas etárias de 15 a 45 anos, consideradas estas as melhores épocas da vida humana para aprender a trabalhar, configurando-se aí uma situação potencialmente favorável para o desenvolvimento social e econômico, e sem dúvida um grande desafio para os gestores de políticas públicas a inserção desses jovens no mercado de trabalho (CNPd, 2000).

O contingente populacional brasileiro de 15 a 24 anos, de acordo com o IBGE (2002a), passou de 8,2 milhões, em 1940, para 34 milhões, em 2000. Essa dinâmica

²O IBGE agrega os dados de 0 a 4 anos, de 5 a 9 anos, de 10 a 14 anos, de 15 a 19 anos e, por vezes, esta última faixa é aberta ficando de 15 a 17 anos e de 18 a 19 anos. Aqui já se depara com um problema, pois só se pode chegar a estatísticas relativas à adolescência quando são buscados dados desagregados, por idade, quando eles existem, para recompô-los em seguida segundo a faixa de idade desejada. Assim, se por um lado o IBGE adota, por exemplo, as categorias sexo, cor e raça, elementos que permitem pensar a diversidade de sujeitos da sociedade brasileira, por outro, não adota ainda as diferentes fases da vida, tal como vêm sendo abordadas na legislação existente, a exemplo da adolescência do ECA.

populacional do contingente jovem reflete os processos que vêm ocorrendo, particularmente nas últimas três décadas, e afetando a estrutura etária da população brasileira. Estes são a queda da fecundidade e da mortalidade. Assim, a desaceleração no ritmo de crescimento da população de 15 a 24 anos é conseqüência da intensa e continuada queda da fecundidade. Seus efeitos - como em ondas sucessivas - vão se fazer sentir nas faixas etárias subseqüentes a cada década. O impacto desse processo resulta num aumento absoluto da população que vai engrossando as faixas etárias seguintes - fenômeno caracterizado como onda jovem (MADEIRA e BERCOVICH, 1992).

Os gestores de políticas públicas não têm estado atentos a essas variações no tamanho da demanda. Tratava-se de uma pequena geração de adolescentes e jovens, que vários gestores de políticas públicas da época, particularmente na área de educação e emprego, passaram a considerar como tamanho de referência para o planejamento futuro. A onda jovem já coloca sérios problemas para o planejamento escolar, saúde, além da perplexidade e desvios no entendimento de tendências nas análises relativas ao mercado de trabalho. Segundo Árias (1997), a ausência desse componente (pressão demográfica), no debate sobre mercado de trabalho, o intriga, porque em estudos anteriores já apontava que, no final dos anos 90, seria especialmente difícil para acomodação da População Economicamente Ativa (PEA), por causa da sobreposição de duas ondas: a onda jovem, que ressurgiu depois de ter sido amortecida nos anos 80, e a onda dos que têm idade em torno de 40 anos, ou seja, os pais dos jovens de hoje. Para acomodar cerca de 1,5 milhão de jovens que entram no mercado de trabalho, o Brasil necessitaria crescer ao menos 5,5% ao ano (hoje cresce em média 2%) (MADEIRA e BERCOVICH, 1999).

1.2 ASPECTO SOCIAL

O panorama social brasileiro historicamente é proveniente da tradição colonial de concentração de riqueza, propriedade e renda, que, somada ao trabalho escravo, provocou uma violação aos direitos humanos e à cidadania, fazendo com que o Brasil se tornasse, em termos de desigualdades socioeconômicas, uma sociedade de apartação no sentido estrito da palavra.

A pobreza e desigualdades marcam a vida de 54 milhões de brasileiros. No grupo de adolescentes, há 8 milhões de indivíduos marcados pela pobreza³, pela baixa escolaridade⁴.

³ Por pobreza define-se: renda familiar *per capita* de meio salário mínimo. (Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa, 2001).

⁴ Por baixa escolaridade entende-se: menos de 5 anos de estudo. (Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa, 2001).

Os adolescentes vivem processos de desigualdade, de maneira mais intensa do que os adultos, revelando uma perversa combinação entre condição etária, pobreza, raça e gênero. Essas desigualdades se manifestam nos mais diferentes campos, mas aqui o olhar será especialmente os da educação e o do trabalho, porque a combinação escola-trabalho é corrente entre trabalhadores jovens de famílias trabalhadoras, visando a complementar a renda familiar - afetada pelos baixos salários ou pelo desemprego - para melhorar o padrão de consumo, ou para garantir sua permanência na escola (MEC/SEF, 2002).

No Brasil, há quase 1,8 milhão de pessoas, crianças e adolescentes, com idades entre 10 e 14 anos, que não sabem ler e escrever. Num mundo letrado, numa sociedade de informações, não saber ler nem escrever significa estar “excluído” ou numa situação de “inclusão precária e instável” (MARTINS, 1997). Assim, o sentimento que predomina entre os analfabetos é o de uma cidadania incompleta, com base na própria legislação brasileira que pelo artigo 14, parágrafo 4º, da Constituição Federal do Brasil reza; "São inelegíveis os inalistáveis e os analfabetos".

O número de analfabetos e de pessoas com menos de um ano de escolaridade na faixa etária de 10 a 17 anos, segundo o IBGE (2002a), são 4,79%, isto significa que mais de um milhão de adolescentes está nesta situação. Evidenciando um quadro inaceitável em qualquer tempo e lugar, mais ainda num país como o Brasil, que, em 1988, a “Constituição Federal determinou como um dos objetivos do Plano Nacional de Educação a integração de ações do poder público que conduzem à erradicação do analfabetismo (art. 214, I)” (CONSED, 2001).

Além dos analfabetos absolutos, há o analfabetismo funcional⁵. Nesta situação há mais de 7 milhões de adolescentes com apenas 1 a 3 anos de estudo, ou seja, 30,29%.

Esses dados mostram a necessidade de uma política de juventude no país, no sentido até de cumprir com uma exigência legal expressa no ECA em seu artigo 54, inciso I: “É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: - ensino fundamental, obrigatório, gratuito, inclusive para os que a ela não tiverem acesso na idade própria”. Também na Constituição Federal, em seu artigo 208, inciso I, tem-se expressa essa mesma exigência: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”.

⁵ Analfabetismo funcional define-se: pessoas com menos de 4 anos de escolaridade (Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa, 2001).

Essa população jovem é carente de estudos sobre suas especificidades e diversidades culturais e sociais. Não basta saber o número de adolescentes analfabetos e com baixa escolaridade, é necessário saber onde eles se encontram. Relativo a essa questão, como já comentado no item transição demográfica, esse grupo não é prioridade nas estatísticas do país; portanto, não se têm dados desagregados no Censo 2000 para essa faixa etária. Os dados encontrados, quanto à localização desses adolescentes, são referentes à faixa etária de 10 a 14 anos, segundo situação de domicílio e por grandes regiões.

Esses dados confirmam a situação existente em 1996:

- a) na zona rural continua existindo a maior concentração de analfabetos (INEP, 2000);
- b) o perfil do analfabetismo mantém um forte viés regional, que reflete e reproduz as desigualdades socioeconômicas e inter-regionais existentes no País (INEP, 2000). No Nordeste estão mais de 77% da população analfabeta de 10 a 14 anos do Brasil e dentre os analfabetos da zona rural, mais de 87% estão nesta região.

Segundo Schuartz (2000), não bastam a existência das políticas universais de educação, é preciso garantir a existência de políticas especiais que tenham como meta a correção de distorções existentes. É necessário criar condições para que adolescentes permaneçam na escola ao longo de todo o ensino fundamental e médio. Não bastam programas de alfabetização e pós-alfabetização, é preciso analisar quais são os processos e mecanismos vividos por adolescentes que os fazem abandonar a escola ou que lhes impossibilitam de continuar freqüentando.

Nos dados do IBGE (2002b), verifica-se que:

- a) praticamente todos os adolescentes na faixa de 12 a 14 anos freqüentam a escola;
- b) entretanto, dos 15 aos 17 anos verifica-se uma matrícula decrescente no ensino fundamental e de maneira bastante acentuada no ensino médio e profissionalizante.

Os dados de 1996 davam conta de que cerca de 42% de adolescentes e jovens na faixa etária de 15 a 19 anos afirmaram não freqüentar a escola naquele ano. Dados do ano 2000 revelaram que 2.232 milhões de adolescentes estavam fora da escola; apenas 41% dos adolescentes concluíram o ensino fundamental; apenas 32% dos adolescentes e jovens de 15 a 19 anos freqüentavam o ensino médio; 46% dos alunos do Ensino Fundamental estudavam em séries que não correspondiam à idade (MEC/INEP 2000). Também aqui as diferenças regionais são marcantes.

Segundo Gentili (1998), a teoria do capital humano teve a função de legitimar as formas de exclusão educacional no contexto de um sistema escolar em processo de expansão. Segundo essa abordagem, sem uma expansão do sistema educativo não era possível garantir o crescimento econômico. No entanto, a simples expansão da matrícula, sem um planejamento da oferta de recursos humanos, geraria uma lógica improdutiva e ineficiente no interior das escolas. Gentili (1998, p. 112) explica:

Para o enfoque neo-economicista a expansão da matrícula como simples critério político aprofunda e amplia a ineficiência e improdutividade das instituições públicas de educação. O que deve difundir-se para o interior do sistema escolar são as relações mercantis de concorrência. Em suma, é o próprio sistema educativo que precisa começar a funcionar como um mercado. Se esta lógica se expande e penetra capilarmente nas relações internas das instituições educacionais, a matrícula expandir-se-á quase “naturalmente”. Em última instância, isto dependerá do livre jogo de oferta e demanda que ocorrerá no interior do sistema.

A idéia de qualidade atribuída à educação passou a significar uma extensão do critério mercantil próprio do mundo empresarial, aproximando-se muito da lógica da produtividade do mundo dos negócios (GENTILLI, 1998).

Significa dizer que o problema da qualidade está muito longe de ser solucionado, o que coloca o Brasil em posição muito desvantajosa no *ranking* do desenvolvimento humano, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), da ONU. Quando este foi criado em 1990, o país apareceu em 50º lugar, muito abaixo de sua posição econômica (por volta da 10ª economia mundial). Logo chegou a descer para posições abaixo da 70ª, nunca mais voltando para patamares inferiores a 50ª. Um dos maiores problemas é a aprendizagem precária, explica Demo (2000, p. 42):

Neste sentido, não basta, de modo, algum, exaltar que o problema quantitativo da frequência à escola estaria resolvido, quando se percebe que, com respeito à qualidade, temos ainda praticamente tudo por fazer. É muito difícil pretender que o Brasil entre no clube dos países desenvolvidos se a qualidade educativa da população seja tão primária.

As transformações econômicas e tecnológicas, marcadas pelo avanço do pensamento neoliberal, colocam cada vez mais em evidência os desequilíbrios regionais, assim como entre os meios urbano e rural, reforçando a concentração e a distribuição de renda.

Além dos problemas relativos à educação formal, que vivem os adolescentes, surge hoje uma nova exclusão, a "exclusão digital"⁶ que atinge mais fortemente as populações de baixa renda, baixa escolaridade, zona rural e zonas periféricas dos centros urbanos e de regiões pobres brasileiras (O PROGRAMA, 2002).

As iniciativas, no sentido de combater essa exclusão pelas mais diferentes esferas de governo e por instituições da sociedade civil, têm sido na aquisição de equipamentos para as escolas o que não é a solução mais adequada. No caso de computadores, muitas vezes o adolescente não tem acesso à tecnologia que existe no seu espaço.

O problema é complexo mesmo para os educadores, que não têm o hábito de utilizar os novos recursos materiais, nem mesmo audiovisuais disponíveis, que já estão na escola há mais tempo que os computadores. É muito comum encontrar um acervo de vídeo de qualidade do Programa Videoescola, mas pouco ou nunca utilizado, nem como material didático nem para educação continuada dos educadores. O que se pode observar é que a maioria dos educadores, como os educandos, não tem acesso às novas tecnologias de informação e comunicação.

Uma outra situação de exclusão é a desigualdade racial que atinge adolescentes negros e negras. A desigualdade entre negros e brancos no Brasil é histórica⁷. A pobreza e a desigualdade incidem fortemente sobre crianças, adolescentes e jovens negros e negras.

A incidência da pobreza em um recorte que contemple simultaneamente raça, gênero e faixa etária dos indivíduos nos permite evidenciar uma nítida hierarquia de discriminação no interior da pobreza. [...] Os efeitos idade e raça se combinam de forma a que os oito piores grupos de nossa estratificação correspondem ao conjunto de homens e mulheres pretos ou pardos entre 0 a 14 anos de idade. (HENRIQUE, 2001 p. 13).

Segundo Henriques (2001, p.13) "a pobreza concentra-se fortemente na infância e juventude, mas, de forma ainda mais categórica, entre os negros dessas faixas de idade".

⁶ Exclusão digital é o processo pelo qual a adoção desigual das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TCIs) leva a sociedade a se dividir em dois grupos: de um lado, os que têm acesso aos computadores de última geração, melhores serviços de telefonia e treinamento específico, e, de outro, os que, por uma razão ou outra, não dispõem dessas facilidades (O PROGRAMA, 2002).

⁷ Os negros em 1999 representam 45% da população brasileira, mas correspondem a 64% da população pobre e 69% da população indigente. Os brancos, por sua vez, são 54% da população total, mas somente 36% dos pobres e 31% dos indigentes. Ocorre que, dos 53 milhões de brasileiros pobres, 19 milhões brancos, 30,1 milhões são pardos e 3,6 milhões são pretos. Entre os 22 milhões de indigentes temos 6,8 milhões brancos, 13,6 milhões pardos e 1,5 milhão, pretos. (HENRIQUE, 2001).

As desigualdades não param aí. Também em termos educacionais, negros e brancos têm diferenças gritantes. Segundo Henriques (2001), um negro de 25 anos tem 2,3 anos menos de escolaridade do que um branco de mesma idade.

A mesma desigualdade pode ser verificada quando se analisa a evolução da escolaridade de pessoas de 11 a 17 anos que ainda não completaram a 4ª. série do ensino fundamental: brancos apresentaram uma variação de 41,6% - para o período de 1992 - 29,3% e 1999 - 17,1%, e negros, uma variação de 30,9% - para o mesmo período - 54,3% e 37,5%, respectivamente.

Assim, as diferenças entre negros e brancos permanecem, com desvantagens para negros.

Isso tudo deve ser sinalizador para a necessidade de se incorporar o elemento raça/etnia nas reflexões sobre as políticas de educação, de trabalho para adolescentes pobres, sob pena de se continuar perpetuando essa desigualdade como natural.

O 22º Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial (WDR), de 1999, prevê um crescimento da pobreza e do número de necessitados e o aumento da distância entre países em desenvolvimento e os industrializados. Com esses dados alarmantes, começa-se a ter a consciência de que os resultados econômicos não podem ser buscados a qualquer custo, sem considerar o bem-estar do ser humano: saúde, educação, condições de moradia, acesso aos bens culturais, participação social, condições ambientais e renda (CNPQ, 2000).

Segundo Demo (1997), para combater a pobreza, o ingrediente mais central é a cidadania, que a pobreza não se reduz à face material das carências. Esta é fundamental, mas muito mais grave é a pobreza política, a condição de massa de manobra da população: a ignorância cultivada, por meio da qual se mantém a população excluída e na posição de mero objeto das políticas.

É grave passar fome, mas ainda mais grave não saber que fome é inventada e imposta, e que para dar conta da fome, não basta cesta básica, é preciso produzir o próprio alimento e, mais que tudo, comandar o processo emancipatório próprio (DEMO, 1997, p. 43).

Para Chauí (1997), o contrato social, expressão da modernidade, que pretendia incluir os sujeitos na sociedade e que ganhou força no Estado do Bem-Estar Social, deu lugar a contratos que criam estratégias muito mais voltadas a atender à exclusão do que à inclusão, que a opção do modelo econômico e político globalizado considera a miséria do mundo inevitável, naturalizada, incorporada ao cotidiano, portanto, pensada sob a ótica da exclusão.

1.3 ASPECTO POLÍTICO

As políticas públicas para criança e adolescente a partir da Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990), denominada Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), regulamentou o artigo 227 da Constituição de 1988, que estabelece os direitos fundamentais da criança e do adolescente. Além disso, o Estatuto harmoniza-se com a Convenção sobre os Direitos da Criança e do Adolescente, aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989. Esta Convenção foi também aprovada pelo Congresso Nacional, por meio do Decreto Legislativo nº 28, de 14 de setembro de 1990.

Os princípios e as concepções relativas à criança e à adolescência, embutidos nesse conjunto de normas internacionais e nacionais, consideravam a doutrina da proteção integral como base e sistema, para garantir os direitos da criança e do adolescente como direitos humanos. As crianças e os adolescentes não são mais considerados menores ou incapazes, mas pessoas em desenvolvimento para se tornarem protagonistas e sujeitos de direitos e passarem a assumir plenamente suas responsabilidades dentro da comunidade, em função do pleno desenvolvimento de sua personalidade, e crescer no seio da família.

Para situar o ECA em relação aos códigos de menores de 1927 e de 1979, será apresentado um breve comentário a respeito dessas legislações que marcam a regulamentação jurídica e política do ordenamento legal para a infância e a adolescência.

O código de menores de 1927, estabelecido pelo Decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro de 1927, consolida as leis de assistência e proteção a menores que vieram se constituindo desde o início da República e visavam aos delinquentes e aos abandonados. Essas duas categorias resumem a focalização dada pelas políticas para a infância.

Os Estados e Municípios deviam organizar a vigilância sanitária e higiênica às creches, gotas de leite ou instituições de puericultura, com subsídios do Governo Federal. Os infantes expostos eram os abandonados que poderiam ser recolhidos com um registro secreto para preservar a honra de alguém. O Código aboliu o sistema das rodas, mas manteve seus princípios: o de preservar o silêncio sobre a origem da criança e o de manter o bastardo em sigilo.

A Lei 6.697, de 10 de outubro de 1979, denominada Código de Menores, deu continuidade ao Código de 1927, acentuando as disposições relativas ao abandono e à delinqüência, já destacados como categorias no Código de 1927. A diferença de um código

para o outro, é que havia no de 1979 uma visão terapêutica ou de tratamento relativa ao infrator. Entretanto, dentro dos estabelecimentos e no processo de internamento, predominava a mesma visão moralista, de inibição dos desvios e de vícios na família ou na sociedade. A intervenção era dada pelo juiz. O termo situação irregular é conceito-chave para se entender o Código de 1979.

A ruptura com o Código de Menores situou-se num contexto de forte mobilização popular e política, na mudança da ordem repressora para institucionalização democrática, participativa e descentralizadora (COSTA, s.d.).

O processo de ruptura não se realizou de forma abrupta, mas num constante conflito que reflete a correlação de forças sociais entre os que defendem posições de repressão, assistenciais, cidadania e outros que defendem o mercado em primeiro lugar.

Segundo Pinheiro (2000), na luta pela democratização do país, em oposição à visão repressora/clientelista, foi se estruturando e manifestando socialmente um paradigma de um Estado de Direito e não apenas por direito de uns e outros e desvinculados entre si. Nesse Estado de Direito, o fundamental é o direito a ter direito assegurados na lei e no sistema de dispositivos políticos concretos, configurando-se a cidadania no reconhecimento tanto da autonomia individual (fruto do liberalismo) como da democracia enquanto poder constituinte do povo (fruto do liberalismo e das lutas pelo direito de voto) e da igualdade e equidade (fruto da luta pelo socialismo). Nesse sentido, deveriam ser assegurados direitos universais a todos no âmbito da saúde, da educação, da segurança social, das mínimas condições de vida. Esse paradigma se traduziu na luta pelas eleições diretas em 1984, e por uma Constituição cidadã de 1986 a 1988. Nesse paradigma é que se situam os direitos da criança e do adolescente previstos no artigo 227 da Constituição, configurando-se o conceito de criança-cidadã.

A política de atendimento aos direitos da criança e do adolescente, de acordo com a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente, deve ser entendida como um conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais dos Municípios, dos Estados, do Distrito Federal e da União dirigidas ao atendimento e à defesa dos direitos da população infanto-juvenil.

Nos anos 90, acentuam-se as mudanças mundiais nas relações econômicas e de poder, no contexto da globalização econômico-financeira que amplia o poder das grandes empresas, inclusive com as fusões e o comércio entre elas, implicando a deslocalização da produção industrial, com a busca da competitividade e a fabricação dos produtos que integrem

peças produzidas em várias partes do mundo. Ao mesmo tempo, a revolução informacional muda as bases da produção, com a introdução da robótica e da informática, reduzindo empregos em grande escala. Para garantir essas novas formas de produção e a circulação de mercadorias, e principalmente do capital financeiro, os Estados nacionais passam a desregular as leis, a privatizar empresas e serviços públicos e a reduzir o papel do Estado na Economia, configurando-se o neoliberalismo, que se traduz nas Reformas do Estado, ao qual adere o Brasil. Passam-se a reduzir direitos sociais. Em nome dessa redução, justificando-se com o discurso da falência do Estado e isto implica um passo na direção de reformas orientadas para o mercado e coordenadas pelo Estado e pelo mercado (BRESSER, 1996). O mercado é que passa a ser um eixo central do processo de sobrevivência, em vez do Estado de Direito, levando à privatização de fundos públicos, como os da Previdência Social, e de serviços, como os de saúde e de educação, desde as creches até a universidade, e mudando o foco das políticas assistenciais para os mais pobres e excluídos, reduzindo-se o acesso universal ou até substituindo-o por formas transitórias e precárias de políticas focalizadas. É o que se denomina de institucionalização neoliberal (SILVA e MOTTI, 2001).

O Estatuto da Criança e do Adolescente não só se inscreve na história como um sistema de atendimento, mas como um projeto civilizatório, voltado para a realização dos direitos humanos da criança como cidadã. A concepção de criança não é mais a de um adulto em miniatura ou de um objeto sem vontade própria, mas de um ser protagonista de seu desenvolvimento.

Em relação ao sistema de garantias dos direitos da criança e do adolescente, o ECA estabelece os Conselhos de Direitos e os fundos nos três níveis de governo e o Conselho Tutelar.

Os Conselhos de Direitos são órgãos deliberativos e paritários que definem a política de atendimento e controlam o orçamento da criança, em integração com todas as políticas. Os Conselhos Tutelares são órgãos que devem zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente. São órgãos estatais, entretanto, permanentes e autônomos, com cinco membros eleitos, escolhidos pela comunidade e que devem existir em todos os municípios, com poderes não jurisdicionais, mas que atendem as crianças e os adolescentes quanto às medidas de proteção e também de encaminhamento, orientação, apoio, inclusão em programas comunitários, abrigo, matrícula. Esses conselhos podem, ainda, fazer encaminhamento junto ao Ministério Público e providenciar medidas estabelecidas pela Autoridade Judiciária, além de expedir notificações, requisitar certidões de nascimento e de

óbito, assessorar o Poder Executivo na elaboração da Proposta Orçamentária para programas e planos de atendimento. Representam, em nome da pessoa e da família, contra a violação dos direitos relativos à garantia que têm as pessoas e as famílias de se defenderem de programações de rádio e televisão que contrariem os valores éticos e culturais e educativos da sociedade (conforme § 3º, inciso II, do Art. 220 da Constituição Federal, apud SILVA e MOTTI, 2001).

Segundo Costa (1992), o atendimento aos direitos da criança e do adolescente deve estar assim organizado em todos os municípios:

- a) das Políticas Sociais Básicas, enquanto direito de todos, compreendidas como aquelas destinadas ao atendimento do direito à saúde, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao saneamento, à urbanização e ao emprego;
- b) das Políticas e Programas de Assistência Social, enquanto direito universal, compreendidas como um conjunto de ações voltadas a assistir aqueles segmentos que se encontram em estado permanente ou temporário de necessidade ou carência, em razão de privação econômica ou de outros fatores;
- c) das Políticas de Proteção Especial, entendidas como direito restrito àquelas crianças e àqueles adolescentes que necessitam de serviços especializados médicos e psicossociais, enquanto vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão;
- d) das Políticas de Garantia de Direitos, compreendidas como conjunto de medidas dirigido à proteção dos direitos de crianças e adolescentes envolvidos em situação em que existe conflito de natureza jurídica.

O paradigma de defesa dos direitos, previsto no ECA, ao mesmo tempo sonho e bandeira de luta, está, pois, em flagrante contradição com a realidade social do país, marcada pela desigualdade social, econômica, cultural, racial, de gênero e política, com condições de vida e de projetos de vida profundamente polarizados. Enquanto alguns podem ter acesso a todas chances de realização pessoal e de seu grupo, outros ficam excluídos das possibilidades e das condições de acesso à cidadania.

As políticas públicas, em geral, pouco têm possibilitado a mudança da trajetória de desigualdade para a grande maioria, visto que, pela correlação de forças que condiciona esta desigualdade, vêm garantindo mais benefícios aos grupos já inseridos nos serviços do Estado.

A política econômica vem mantendo as condições do processo desigual que produz, ao mesmo tempo, a riqueza e a pobreza.

Das medidas políticas para a infância e a adolescência na década de 90, a partir da institucionalização do ECA, serão destacadas as relativas à educação e ao trabalho infanto-juvenil.

A educação por meio da LDB se colocou como paradigma de proteção integral a garantir o direito de todos e o dever do Estado para a educação básica e fundamental. Nesta década, houve mais acesso à escola, mas sem garantia de qualidade.

Sabe-se que a educação não se limita à escola, mas a escola representa, na prática e simbolicamente, o *locus* privilegiado da aprendizagem formal e da qualificação socialmente reconhecida. Estar fora da escola significa, para crianças e adolescentes, a principal forma de exclusão social e de negação da cidadania. A institucionalização do ECA implica, pois, a inclusão nesse direito básico.

O acesso à escola melhorou, mas as condições salariais dos professores e as condições de ensino ainda não são satisfatórias. A Emenda Constitucional nº 14, de 1996, veio assegurar o direito à universalização do ensino fundamental obrigatório e gratuito, criando-se o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF). Estabeleceu-se um valor por aluno, correspondente a um padrão mínimo de qualidade. O que não significa garantia de boa aplicação da verba do FUNDEF na educação por parte dos gestores (SILVA e MOTTI, 2001).

O Estatuto da Criança e do Adolescente privilegia a escola e não o trabalho das crianças, pois considera a educação como direito fundamental para todas as crianças e para todos os adolescentes como forma de proteção integral e forma de pleno desenvolvimento de sua pessoa, além de preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho - Art. 53. O direito à educação implica não só o acesso, mas a permanência e o sucesso na escola, bem como o direito à organização como estudante, sendo dever do Estado, da família e dos estabelecimentos educacionais manter esta política e garantir esse direito. Para os menores de 16 anos, conforme a Emenda Constitucional nº 20, de 1999, fica proibido o trabalho, salvo na condição de aprendiz. Segundo o Art. 62 do ECA, considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo a LDB. O Art. 68 do ECA trata do trabalho educativo, que deve garantir o desenvolvimento pessoal do educando e as condições para sua formação.

Além das mudanças econômicas, a inclusão do tema na renda pública se deve ao novo paradigma da proteção integral, ao envolvimento de novos atores no combate ao trabalho infanto-juvenil e à Organização Internacional do Trabalho (OIT), que definiu como proposta mundial à erradicação do trabalho infantil, principalmente, com as Convenções 138 e 182. A Convenção nº 138, de 1973, completada com a de nº 146, define a idade mínima para o trabalho em 15 anos, dependendo, no entanto, da economia de alguns países que pode baixá-la para 14 anos, mas advoga pela elevação da mesma há 16 anos. Para o trabalho perigoso, fixa a idade de 18 anos.

No Brasil, o trabalho dos adolescentes vem sendo regulado pela Consolidação das Leis do Trabalho de 1943, hoje com várias propostas de modificação no Congresso Nacional. Na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), está clara a perspectiva de proteção e os órgãos fiscalizadores do Ministério do Trabalho, como as Delegacias Regionais do Trabalho devem controlar a aplicação da Lei.

Assim, abordar a questão do trabalho precoce implica, necessariamente, enfrentar também questões relativas à família.

As famílias pobres no Brasil têm sido abordadas, em programas como o de renda mínima, apenas a partir de um único critério: o de renda. Medeiros (2000) coloca que para que esses programas possam ser mais efetivos é importante conhecer outros fatores que envolvem os arranjos familiares, tais como as relações entre os membros da família, pois elas podem ter “implicações que geram externalidades positivas e negativas. Além disso, “as famílias podem ser usadas para conceber, executar ou controlar programas” (MEDEIROS, 2000).

Com o elevado índice de desemprego e as formas precárias de emprego no país, aumentou a taxa de desocupação para aqueles que estão nas faixas etárias de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos. Nos anos de 1992 e 1998, cresceu respectivamente nesses anos 47,4% e 38,5% (QUADROS e ANTUNES, 2001). Assim, adolescentes que buscam o primeiro emprego, a partir dos 16 anos, se deparam com uma situação que lhes é absolutamente desfavorável.

Como num círculo vicioso, trabalho precário, desemprego e pobreza se constituem, de modo geral, faces da mesma moeda para adolescentes pobres. Situação que acompanha o sujeito, mesmo quando já se encontra em outro ciclo de vida, o da juventude.

É grande a participação dos jovens no mercado de trabalho. A maioria deles procura trabalho por necessidade de sobrevivência ou por busca de independência financeira,

sendo em muitos casos o trabalho incompatível com a frequência escolar. Desta forma, os jovens, muitas vezes, abandonam a escola em detrimento ao trabalho, fazendo com que a maioria receba baixos rendimentos e trabalhe no mercado informal. (QUADROS e ANTUNES, 2001, p. 45).

Naquilo que diz respeito à renda, estudos indicam que o componente etário merece ser destacado. De fato, quando se considera a distribuição etária do desemprego dos anos 90, ressalta-se o elevado peso do desemprego juvenil (QUADROS e ANTUNES, 2001).

Se aos dados de taxas de desocupação somam-se os de origem, verifica-se um aumento da precarização das condições de vida dos adolescentes uma vez que houve um crescimento do percentual de adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos, “desocupados”, para o período 1992 e 1998 (QUADROS e ANTUNES, 2001), pertencentes aos grupos familiares de origem de empregados domésticos e nenhuma pessoa ocupada, de 8,9% em 1992 para 12,5% em 1998.

Essas duas situações evidenciam quão importante é a renda auferida pelo adolescente para a sua própria sobrevivência, bem como para a de sua família.

Tudo isso indica que é preciso observar nas políticas públicas a necessidade de adolescentes pobres trabalharem. No entanto, a lei proíbe que trabalhem antes dos dezesseis anos de idade, mas o número de adolescentes de 12 a 15 anos que trabalha não permite ignorar que isso ocorre no País, mesmo que à revelia da lei. É fundamental definir políticas especiais que alterem essa situação, combatendo o trabalho infantil e do adolescente até os 14 anos.

Geralmente, o que se tem visto nesse campo são ações desarticuladas: primeiro, um sistema de formação profissional; segundo, programas de melhoria da renda familiar e terceiro, ainda, iniciativas tímidas de criação de mecanismos relativos à inserção no mundo do trabalho. Ações que, por vezes, têm efeitos importantes, mas que deixam os adolescentes, especialmente o pobre, ao sabor de um mercado que tem diminuído cada vez mais os postos de trabalho, sujeitando-os à situação de baixa remuneração, de condições precárias de trabalho e concorrendo com adultos.

Pochmann (2002), em entrevista dada ao "Educativo", compara dados do IBGE de 1989 e 1998, e constata uma triste coincidência para quem tem entre 15 e 24 anos de idade. Nessa faixa etária, a quantidade de jovens que ingressaram no mercado de trabalho nos anos 90 (2,3 milhões) é quase igual ao acréscimo no número de jovens desempregados nesse período. Em 1989, havia 1 milhão de jovens desempregados; em 1998, esse número passou

para 3,3 milhões. O desemprego juvenil teve um inchaço de 194,8%, três vezes maior que o aumento do desemprego da população em geral. Se 2,3 milhões são um número fácil de decorar, traçar um gráfico dos jovens desempregados no Brasil, nos últimos dez anos, trata-se de uma linha reta. Em 1989, havia 16,9 milhões de jovens empregados; em 1998, havia 16,1 milhões⁸.

Segundo dados do Ministério do Trabalho, houve uma diminuição de postos para adolescentes, na faixa etária de 15 a 17 anos, com variação negativa da evolução do emprego formal de -58,5%, no período de 1989 a 1999. Para a mesma faixa etária e mesmo período, a variação em cada setor foi: industrial (-70,9%); construção civil (-71,9%); comércio (-45,5%); serviços (-46,8%); agropecuária, extração vegetal, caça e pesca (-11,4%).

Dentre os adolescentes (15 a 17 anos) que trabalhavam no setor formal verificou-se, para o período de 1989 e 1999, um aumento no grau de instrução. Assim, respectivamente para os anos de 1989 e 1999, verificou-se: 2,1% e 1,1% de analfabetos ocupados; 18,7% e 7,4% com 4^a. série completa; 35,4% e 26% com 8^a. série incompleta; 12,3% e 31,0% com 2^o. grau incompleto.

Analisando esses dados, pode-se concluir que há uma tendência de maior exigência em termos de grau de escolaridade para que adolescentes tenham acesso a um posto de trabalho formal. Entretanto, é preciso não isolar nem supervalorizar essa variável, visto que ela vem combinada com uma alta variação negativa da evolução dos postos de trabalho. Combinado a tudo isso, há também o enorme contingente de trabalhadores do setor informal, no qual, de modo geral, as condições de trabalho são bastante precárias.

Todo esse quadro fica ainda mais agravado quando nele se incorpora o elemento gênero, pois se é inegável a constatação de que homens e mulheres são diferentes, além das diferenças entre os gêneros, há desigualdades históricas no País, manifestações de processos de dominação e de exploração vividos pelas mulheres. Mulheres têm média salarial menor que a dos homens; elas estão mais à mercê do mercado informal do que homens; o trabalho doméstico, profissão caracterizada como eminentemente feminina, é marcado por relações de informalidade, de superexploração, da enorme presença de mão-de-obra infante-juvenil; mulheres sofrem muito mais violência nas relações afetivas e amorosas do que homens.

Naquilo que diz respeito ao sexo, os números evidenciam que o percentual de homens e mulheres adolescentes é praticamente o mesmo. Do total de adolescentes, 50,37% são homens (10.703.243) e 49,63% são mulheres (10.546.314). Entretanto, aprofundando a

⁸ Entrevista. Disponível em: <<http://www.hipernet.ufcs.br>>.

discussão sobre esta variável encontra-se uma desigualdade instalada que não pode ser ignorada quando da proposição de políticas públicas.

Esse quadro é vivido pelas mulheres de modo geral, mas, dentre elas, as adolescentes constituem um grupo peculiar no interior do quadro de pobreza. Segundo dados do PNAD (IBGE, 1999), verifica-se que no Brasil:

- a) na faixa etária de 15 a 19 anos, há 4,8% de mulheres como chefes de família e 3,7% de homens. Para as demais faixas etárias há uma inversão no quadro e os homens passam, majoritariamente, a assumir o papel de chefe de família. Assim tem-se para a faixa de 20 a 24 anos, 12,3% de mulheres e 28,3% de homens; de 25 a 29 anos, 14,5% de mulheres e 59,5% de homens; de 30 a 34 anos, 16,4% de mulheres e 76% de homens. Esta tendência segue até os 70 anos ou mais;
- b) do total de mães, na faixa etária de 10 a 20 anos, com filhos nascidos vivos: 47,9% das mães têm entre 10 e 17 anos; 78,9% delas, na faixa etária de 15 a 19 anos, têm até o Ensino Fundamental;
- c) relativo à taxa de desemprego aberto, mulheres são mais vulneráveis (46,4%) do que homens (30,8%) na faixa 10 a 17 anos.

Todos esses dados permitem concluir que mulheres adolescentes encontram dificuldades maiores que as dos homens em diversos campos, o que as impedem de viver plenamente esta fase da vida. Assim, por exemplo, o fato de muitas terem que se responsabilizar pela família, de terem filhos precocemente, estarem mais sujeitas ao desemprego, faz com que deixem de, por exemplo, freqüentar a escola. Assumir a responsabilidade da casa, cuidar do(s) filho(s), trabalhar e estudar parecem incompatíveis. Aprende-se desta forma, já na adolescência, a viver uma situação de desigualdade entre homens e mulheres, com algumas vantagens para os homens, mesmo dentre os pobres. Isso indica a necessidade de intervir nessa situação sob pena dela se perpetuar.

Relativo a trabalho verifica-se que o serviço doméstico remunerado é a maior ocupação das trabalhadoras brasileiras.

[...] Abrindo as faixas etárias pelos grupos ocupacionais destaca-se a taxa de participação nas faixas mais jovens (10-16 anos) da ocupação de babá, as meninas/mocinhas em 1993 eram 37% dessas trabalhadoras, em 1998 essa participação caiu para 25%, mas é de longe a ocupação mais importante desse contingente de mulheres. (MELO, s/d).

Dentre as babás/atendentes, grupo ocupacional de serviços domésticos no qual predominam crianças, adolescentes e jovens, o percentual de trabalhadoras sem carteira em 1998 era de 85,05%. É também no interior desse grupo ocupacional que mais de 76% de pessoas trabalham sem carteira assinada e é justamente nesta categoria que se verifica uma tendência de mais alta escolaridade: 49,48% têm mais de cinco anos de estudo. Entretanto, mesmo a escolaridade maior não tem evitado que elas deixem de se submeter a condições tão precárias de trabalho, o que conduz à necessidade de uma forte vigilância no sentido de eliminar a possibilidade de que mulheres adolescentes se submetam a essas condições (MELO, s.d.).

Outra situação que merece destaque no sentido de exemplificar que políticas públicas universais, produzidas de maneira linear, não dão conta de equacionar desigualdades específicas instaladas, é o caso das mulheres que, mesmo com maior nível de instrução, são fortemente atingidas pelo desemprego. Conforme Pochmann (2002, p. 12), "o novo pobre brasileiro é mulher, jovem com bom nível de instrução, que mora na grande cidade onde nasceu. Chefia sua família e está em busca de trabalho que lhe dê alguma renda". Isso evidencia que o fato de a mulher ter mais anos de estudo não a coloca em melhores condições que os homens, seguem em número maior no mercado informal, percebem rendas médias menores que as dos homens.

A dificuldade de obtenção de dados sobre as condições vividas e encontradas, com relação ao trabalho, por adolescentes negros é sinalizadora, mais uma vez, da desigualdade vivida por sujeitos que vivem essas duas condições, no interior do próprio grupo étnico-racial. Eles ficam subsumidos na denominação genérica, negros, como se não vivessem uma fase particular da vida, com características e necessidades próprias. Assim, é possível levantar hipóteses a partir de dados gerais e, mais uma vez, é necessário dizer que institutos de pesquisa precisam incorporar em suas bases de dados a categoria adolescente (12 a 18 anos incompletos), agregando a ela, neste caso, a categoria raça.

Em pesquisa realizada em seis regiões metropolitanas brasileiras (São Paulo, Salvador, Recife, Distrito Federal, Belo Horizonte e Porto Alegre), no ano de 1998, verificou-se que negros são mais fortemente atingidos pelo desemprego que não-negros. Em Salvador, por exemplo, a taxa de desemprego entre negros é 45% maior que entre os não-negros. Além disso, os rendimentos dos trabalhadores e trabalhadoras negros são sistematicamente inferiores aos dos não-negros. Nas duas situações as mulheres negras são ainda mais discriminadas do que homens (DIEESE, 2002). Supõe-se que essa mesma condição seja

vivida por adolescentes negros, talvez agravada pela idade, o que requer políticas específicas para que se possa corrigir a desigualdade instalada.

2 ASPECTOS PSICOLÓGICOS: O DESAFIO DE SER ADOLESCENTE

A adolescência é um fenômeno, sobretudo dos últimos 50 anos. Até então, se preocupava com o devir dos jovens, tanto físico quanto moral e econômico, mas a adolescência não era um fato social reconhecido. Era uma faixa etária, mas não por isso um grupo social. Ainda menos um estado de espírito e um ideal de cultura.

O primeiro psicólogo a estudar a Psicologia da Adolescência foi Stanley Hall, como campo distinto do conhecimento. Vários estudiosos da adolescência tentam explicar o fenômeno da adolescência, uns privilegia os fatores biológicos, por considerar o desenvolvimento como uma série de mudanças pré-estabelecidas e reguladas internamente, outros valorizam os fatores ambientais, por considerá-los como determinantes das potencialidades individuais. As controvérsias se manifestam entre hereditariedade x meio, biológico x social, objetivo x subjetivo. (CALLIGARIS, 2000).

Para entender o fenômeno da adolescência na cultura atual, é necessário primeiro lembrar que a própria infância é uma invenção moderna.

A descoberta da infância começou no século XIII e teve sua evolução acompanhada pela história da arte nos séculos XV e XVI, e durante o século XVIII. O estudo realizado pelo historiador francês Philippe Áries (1978) mostra a transformação dos sentimentos de infância e da família, a partir do exame de pinturas, antigos diários de famílias, testamentos, igrejas e túmulos.

A análise das modificações (ocorridas pelas mudanças nas formas de organização social) do sentimento devotado à infância contribuiu para uma maior compreensão da criança no presente, não mais estudada como um problema em si, mas segundo a perspectiva do seu contexto histórico.

Segundo Áries (1978), até o século XII, a arte medieval demonstrava que a sociedade desconhecia a infância ou não tentava representá-la, não por falta de habilidade, mas por não haver lugar para a infância nesse mundo. No século XI, as crianças eram representadas nas pinturas como adultos em miniatura, utilizando apenas escalas menores.

No século XIII surgiram alguns tipos de criança um pouco mais próximos do sentimento moderno, a representação surgia em forma de anjo, na aparência de um rapaz adolescente, muito comum no século XIV.

O segundo tipo de criança seria o modelo e o ancestral de todas as crianças pequenas da história da arte - o menino Jesus, ou Nossa Senhora menina. A infância era ligada ao mistério da maternidade da Virgem e do culto a Maria.

No século XV surgiram dois novos tipos de representação da infância: o retrato e o *putto* (pequeno anjo que pode ser representado sem asas). Ninguém pensava em conservar o retrato de uma criança quando tivesse sobrevivido e se tornado adulta ou que tivesse morrido pequena, porque essa situação era considerada conseqüência da demografia da época e persistiu até o século XIX.

A grande novidade do século XVII foi a criança representada sozinha e por ela mesma, a criança surgia como um dos modelos favoritos dos pintores.

Este estudo do historiador francês Philippe Áries (1978) conclui que não é a família que é nova, mas sim o sentimento de infância que surge nos séculos XVI e XVII.

A idéia de infância não existiu sempre e nem da mesma maneira. Surge com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção social da criança na sociedade. Hoje, a educação da criança tem como foco de discussão e entendimento, não a criança abstrata concebida, mas a criança concreta, analisada e inserida em um contexto histórico e particular.

Na visão da antropologia cultural, a adolescência é uma invenção cultural. Antropólogos constataram que povos primitivos não passam por essa fase. Não existe um longo período que separa as atividades infantis do mundo adulto. Com a maturação e alterações biológicas se inicia a puberdade, caracterizando a passagem para o grupo adulto por meio dos ritos de passagem (URT, 1992).

Margareth Mead (1928), em seus estudos com adolescentes de Samoa, constatou que necessariamente a adolescência não configura como uma fase de crise e de conflitos. A passagem da infância para fase adulta se dava de uma forma harmônica, em função de suas condições de vida e das relações com as pessoas (CLÍMACO, 1991).

A palavra "adolescência", etimologicamente, é derivada do verbo latino *adolescere* que significa crescer até a maturidade. O conceito moderno de adolescência passa a ter uma conotação psicossocial.

Várias são as teorias psicológicas que abordam a adolescência, entre elas a psicanalítica, a teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget (1978) e a teoria psicossocial de Erickson (1998).

Na teoria psicossocial de Erickson (1998), a crise é um fator necessário ao desenvolvimento do indivíduo. E considera como tarefa básica da adolescência a aquisição da identidade pessoal. Essas crises se dão nas transformações de identificações em identidade por meio dos conteúdos psicológicos na articulação entre o indivíduo e a sociedade.

Para Arminda Aberastury (1981), psicanalista Argentina, o elemento sociocultural influi com um determinismo específico nas manifestações da adolescência, mas que se deve considerar que atrás dessa expressão sociocultural existe um embasamento psicobiológico. Aponta a síndrome normal da adolescência como pontos importantes desta fase da vida do ser humano, como a busca de si mesmo, que implica em encontrar aquilo que o caracteriza como ser único. Nesta busca recorre às situações que se apresentam como mais favoráveis no momento. Uma delas é a uniformidade, que proporciona segurança e estima pessoal, o que justifica a necessidade dos jovens juntar-se a grupos.

Ao mesmo tempo, o jovem tem necessidade de intelectualizar e fantasiar, uma espécie de reajuste emocional, um autismo positivo segundo a autora. O mundo exterior vai se diferenciando cada vez mais do mundo interno, portanto, serve também para defender-se das mudanças incontroláveis ocorridas no mundo externo e no seu próprio corpo.

Por conta da crise de identidade surgem conflitos com os pais, porque geralmente está em outro nível de necessidades e não consegue estabelecer qual a reflexão que quer. Nesse momento apresenta-se também localização temporal, ocorre a evolução sexual desde o auto-erotismo até a heterossexualidade, que se dá por meio da passagem do objeto de amor do próprio corpo para o outro. Atitude social reivindicatória, por conta da transição, contradição excessiva em todas as manifestações de conduta. Segundo Aberastury (1981), estes são alguns sintomas da síndrome normal da adolescência pelos quais os adolescentes passam.

A teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget (1978) mostrou que existem formas diferentes de interagir com o ambiente nas diversas faixas etárias. A estas formas próprias de agir e pensar, Piaget (1978) denominou estágio ou período. A criança é vista como

agente de seu próprio desenvolvimento. Ela irá construí-lo a partir dos quatro determinantes básicos, ou seja, maturação, estimulação do ambiente físico, aprendizagem social e tendência ao equilíbrio.

Para Piaget (1978), na adolescência o indivíduo será capaz de formar esquemas conceituais abstratos, ocorre uma transformação nas estruturas mentais por volta dos doze anos de idade. A gênese dessas novas estruturas se apóia nos estágios anteriores do desenvolvimento cognitivo, sendo um prolongamento das estruturas sensório-motoras e dos agrupamentos das operações concretas. Esse estágio se caracteriza pela aquisição das operações lógico-formais o que evidencia a passagem do pensamento concreto para o pensamento formal abstrato. Com isso os adolescentes adquirem capacidade para criticar os sistemas sociais e propor novos códigos de conduta; discutir valores morais de seus pais e construir os seus próprios. Essa nova aquisição colabora na problemática básica da adolescência, a busca da identidade e da autonomia.

Para Vigotsky (1989), a gênese social da consciência humana e das funções psicológicas superiores consiste, no processo de internalização, ou seja, na reconstrução interna de uma atividade externa, explicando assim toda a constituição do indivíduo;

[...] Todas as funções do desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social e, depois no nível individual, primeiro entre pessoas (interpsicológico), e de depois no interior da criança (intrapicológico). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (VIGOTSKY, 1989, p. 64).

Esse processo de formação das funções psicológicas superiores e da consciência, que vai do interpsicológico, esclarece o vetor do desenvolvimento humano na concepção de Vigotsky (1989), o indivíduo já nasce um ser social, e a partir das interações que estabelece com outras pessoas, constitui-se enquanto sujeito, ou seja, alguém capaz de regular, voluntariamente, sua conduta.

A interiorização consiste na apropriação pelo sujeito das conquistas e conhecimentos historicamente construídos, apropriação esta que se dá na e pela interação social.

Para a psicóloga social argentina Cláudia Jacinto (1995), da Rede Latino-Americana de Educação e Trabalho, adolescência é encarada do ponto de vista do desafio, como um conjunto de tarefas a serem cumpridas. Essas tarefas da adolescência podem ser descritas em

torno de dois grandes eixos: a definição da própria identidade e a construção de um grande projeto de vida (JACINTO, 1995).

Para plasmar sua identidade e construir seu projeto de vida, o adolescente passa por uma trajetória biográfica e por uma trajetória relacional, ao longo das quais vai progressivamente adquirindo os elementos que lhe permitirão compreender-se e aceitar os demais e, por meio da busca do seu querer-ser, orienta-se para aquilo que confere sentido à sua existência nos planos pessoal e social (JACINTO, 1995).

Segundo a autora, o ser humano nasce duas vezes: o primeiro nascimento quando sai de dentro da mãe, nasce para a família e para o mundo. Para a família, porque ela ganha mais um indivíduo. E, para o mundo, porque surge mais um indivíduo a ser considerado pelos institutos de pesquisa e estatística. O segundo nascimento ocorre na adolescência, quando o ser humano nasce para si mesmo e para a sociedade. Nascer para si significa plasmar sua identidade, ou seja, diferenciar-se dos pais e dos outros e construir seu projeto de vida.

A trajetória biográfica refere-se às oportunidades que lhes foram oferecidas ou que foram por ele conquistadas, e ao proveito que o adolescente foi capaz de fazer delas em torno de sua preparação para assumir os papéis da vida adulta. Oportunidades em termos de educação básica, cultura, esporte, lazer e preparação para o ingresso no mundo do trabalho. A trajetória biográfica e relacional do adolescente vai depender de como funcionam, ao longo dessa fase de sua vida, três instituições fundamentais do mundo adulto: a família, a escola e o trabalho (JACINTO, 1995).

A adolescência seria, em nossa sociedade, uma época de planejar a vida, de transformações. O adolescente está em uma fase de confrontar as informações, de formatar uma identidade.

Ao longo de sua vida, a partir de seu nascimento, o adolescente vai recebendo informações e estas informações vão formando seu universo mental, ele vai construindo definições e conceitos.

A base da identidade é o conjunto de fatores e fenômenos humanos, materiais, históricos e sociais de uma sociedade e a base de identidade é formada por aquilo que cada indivíduo internaliza particularmente. A identidade, ao mesmo tempo, reflete e se confunde com a estrutura social, mas cada pessoa é única.

Pode-se concluir que fica difícil definir a fase da adolescência em nossa sociedade. O critério básico é o determinante econômico e assim haverá condições diferentes de desenvolvimento do jovem para diferentes classes sociais.⁹ (BOCK, 2001).

Segundo Bock (2001), existe um paradoxo na sociedade em relação ao que se refere aos jovens se tornarem adulto. A sociedade obriga alguns jovens a se tornarem adultos muito cedo e, ao mesmo tempo, considera esse jovem adulto como adolescente. Então não se tem a adolescência uma fase definida do desenvolvimento humano, mas como um período da vida que apresenta suas características sociais e suas implicações na personalidade e identidade do jovem.

Os adolescentes se reúnem em grupos que podem ser mais ou menos fechados, mas sempre apresentam ao mundo uma identidade própria, diferente do universo dos adultos e dos outros grupos. Os grupos têm, portanto, em comum um *look* (vestimentas, cabelos, maquiagem), preferências culturais (tipo de música, imprensa) e comportamentos (bares, clubes, restaurantes e outros).

Numa sociedade capitalista cada grupo impõe facilmente a seus membros uma conformidade de consumo bastante definida. Por isso mesmo, todos os grupos se tornam também grupos de consumo facilmente comercializáveis. Os adolescentes, organizados em identidades que eles querem poder reconhecer sem hesitação, se tornam consumidores ideais por serem um público-alvo perfeitamente definido. A adolescência e suas variantes são assim um negócio excelente. O próprio marketing se encarrega de definir e cristalizar os grupos adolescentes, o máximo possível (CALLIGARIS, 2000).

Procurou-se neste capítulo situar os jovens no contexto brasileiro, qual a situação demográfica, social e política que estão inseridos, como também no olhar da Psicologia do Desenvolvimento em diferentes abordagens, fundamental para o entendimento de como os jovens desta pesquisa entendem educação e as perspectivas de trabalho em meio aos processos de transformação econômicos, políticos e sociais, presentes no cenário histórico da sociedade brasileira.

⁹ A temática adolescência, vista num processo de relações concretas existentes dentro de um universo cultural em permanente transformação histórica, tem sido objeto de estudos realizados por vários pesquisadores, por exemplo: Jacinto (1995); Heller (1994); Zagury 2000; Garcia (2002), entre outros.

CAPÍTULO III

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: 1990-2000

1 EDUCAÇÃO E TRABALHO SOB A ÓTICA DO NEOLIBERALISMO

As relações entre sociedade, processo produtivo, processo de trabalho e educação ou qualificação humana e profissional, consideradas suas especificidades essenciais, trazem no seu objeto comum o homem em suas relações práticas e sociais.

O discurso neoliberal passou a ganhar um campo fértil na década de 70 com a crise do modelo econômico do pós-guerra, quando o mundo capitalista apresentava baixas taxas de crescimento e com elevada inflação. Essa situação levou a busca de por novas fórmulas que orientassem o governo a sair dessa situação.

O discurso educativo do neoliberalismo configura-se a partir de uma reformulação dos enfoques economicistas do "capital humano": a educação serve para o desempenho no mercado e sua expansão potencializa o crescimento econômico. Neste sentido, ela se define como a atividade de transmissão do estoque de conhecimentos e saberes que qualificam para a ação individual competitiva na esfera econômica, no mercado de trabalho (GENTILI, 1995).

As abordagens econômicas da educação, baseadas na perspectiva do capital humano, são decorrência do caráter positivista que tem como base a teoria econômica, o que se constitui numa apologia das relações sociais de produção da sociedade burguesa.

Segundo Frigotto (1984), a idéia de "capital humano" surge, historicamente, bem antes da década de 50. O fato de que sua formulação sistemática e seu uso ideológico político somente se verificam a partir do fim da década de 50 e início da década de 60 aponta para a hipótese de que é efetivamente neste período que as novas formas que assumem as relações intercapitalistas demandam e produzem esse de tipo de formulação.

O conceito de capital humano, que constitui o construtor básico da economia da educação, vai encontrar campo próprio para seu desenvolvimento no bojo das discussões sobre os fatores explicativos econômico. A preocupação básica ao nível macroeconômico é a

análise dos nexos entre os avanços educacionais e o desenvolvimento econômico de um país (FRIGOTTO, 1984).

A educação, então, é o principal capital humano enquanto é concebida como reprodutora de capacidade de trabalho, potenciadora do fator trabalho. Neste sentido é um investimento como qualquer outro (FRIGOTTO, 1984).

A noção de investimento defendida pelos apologistas da perspectiva do capital humano pressupunha a existência de um *Welfare State* que incrementava o gasto público social e destinava cada vez mais recursos à área educacional.

O problema político consistia em discutir quem pagava, de fato, a expansão do sistema escolar, quem era o ator central que devia pagá-la numa sociedade planejada. A questão consistia em saber quanto investiriam em educação o setor público e as famílias e quanto deveriam investir para poder responder aos desafios de um mercado cujos benefícios tenderiam a universalizar (CASTRO, 1997).

Desta forma, era atribuído ao Estado um papel duplo, como agente de investimento e como mecanismo de regulação do conflito social. Esses fatores contextualizam e explicam a re-acomodação da função social que os setores dominantes atribuem atualmente à educação. A crítica neoliberal ao *Welfare State* implicava descartar de vez a centralidade do Estado como agente financiador das políticas sociais. Ao mesmo tempo implicava também descartar a necessidade daquele planejamento centralizador que antes fascinava os desenvolvimentistas. As políticas educacionais do neoliberalismo, mesmo conservando um alto grau de centralização autoritária baseada no desenho dos currículos nacionais e controle dos programas de formação de professores (APPLE, 1994), baseiam-se no reconhecimento da importância que possuem os mecanismos de transferência da responsabilidade pela gestão dos programas sociais e a privatização do gasto que permite subsidiá-los. Inclusive irão atribuir ao mesmo pacto corporativo - a "coalizão keynesiana" - no qual se fundava o *Welfare State* as causas da ineficiência e a improdutividade que sofrem as sociedades (GENTILLI, 1995).

Segundo Gentilli (1995), a relação trabalho/emprego na perspectiva do capital humano baseava sua promessa de universalização do trabalho no argumento de que quanto maior o crescimento, maior o número de empregos. Isso não é verdade como é mostrado nas diferentes versões, que na economia-mundo capitalista, assumirá a Terceira Revolução Industrial durante a hegemonia dos regimes neoliberais: é possível crescer economicamente e manter, ao mesmo tempo, altos índices de exclusão do mercado de trabalho. O problema é

crescer. Se tal crescimento gera ou não empregos, garante ou não uma distribuição mais eqüitativa da renda, democratiza o acesso à riqueza e ao poder ou se, ao contrário, contribui para consolidar os privilégios das minorias, é uma questão que os indivíduos devem resolver na luta competitiva que se trava cotidianamente no mercado.

1.1 PEDAGOGIA DA QUALIDADE

A nova ordem mundial e a centralidade assumida pela ciência e a tecnologia aproxima de forma estrutural o setor produtivo do campo educacional enquanto possibilidades de formação de recursos humanos e de produção de pesquisas orientadas para o mercado em sua dimensão global. Frigotto (1995, p. 48-49) faz uma análise da preocupação filantrópica dos empresários com a educação:

Só no ano de 1991 o IEL (Instituto Euvaldo Lodi) elaborou o projeto Pedagogia da Qualidade, com o apoio da CNI, SENAI e SESI, coordenou o Encontro Nacional Indústria-Universidade sobre Pedagogia da Qualidade[...], realizou mais de 16 encontros estaduais sobre educação para a qualidade: e 15 cursos sobre qualidade total (Relatório do IEL de 1992).

O IEDI (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), que reflete mais claramente o ideário de mentalidade mais-aberta e que se articulam com pesquisadoras ligados a institutos de pesquisa ou a universidades, também em 1992, reproduziu o documento: Mudar para competir - A nova relação entre competitividade e educação, estratégias empresariais [...].

Com uma mesma perspectiva, mas buscando influenciar diretamente as políticas educacionais do governo, o Instituto Herbert Levy da Gazeta Mercantil e a Fundação Bradesco encomendaram a João Batista de Oliveira e Cláudio de Moura Castro a coordenação de um documento sobre Educação e Competitividade - Uma Proposta para o Governo. Nesta proposta situam a escola básica como dever fundamental do Estado e apresentam diferentes formas mediante as quais as empresas podem colaborar com o poder público na educação básica e no tipo de educação demandada para as empresas.

Segundo Frigotto (1995), este processo de conscientização sobre a qualidade e produtividade no País conquista espaço na imprensa que se engaja na divulgação dessa nova fórmula modernizante. O processo de disseminação da qualidade e produtividade, enquanto valores a serem difundidos nas várias esferas das atividades humanas, como uma estratégia central para o projeto de modernização brasileira posto em curso a partir de 1990, serviu para consolidação de uma gestão empresarial orientada pelos pressupostos da Filosofia da Qualidade Total e pela real necessidade de desenvolvimento das forças produtivas das

empresas no Brasil, diante das pressões exercidas pelos condicionantes da nova ordem mundial.

Neste novo ciclo de acumulação do capitalismo, sua base produtiva acompanha os pressupostos da Terceira Revolução Industrial, perante as demandas do processo de trabalho - baseado na microeletrônica, na robótica, na informática e na engenharia genética. A qualificação da mão-de-obra torna-se, portanto, para o capital, um ponto central no movimento de produção de mais-valia e, assim, a educação básica e secundária assume posição de destaque nas reformas e políticas institucionais no momento histórico (FRIGOTTO, 1995).

Segundo Junior J. (1995), Gestão de Qualidade Total é um conjunto articulado de elementos da Escola de Relações Humanas, da abordagem sistêmica da administração e da cultura organizacional. Relacionando aspectos psicológicos motivacionais com variáveis do clima organizacional, esta teoria produz um sistema de valores que conjuga os valores pessoais de seus funcionários com os valores dos produtos da empresa, no qual a qualidade ocupa lugar de destaque. Este sistema de valores procura interagir o trabalhador à empresa.

O discurso da qualidade tem influenciado as políticas educacionais deixando fortes marcas nas Leis de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação Brasileira, que enfatizam a subordinação da educação às necessidades do mercado de trabalho, como meio de empregabilidade, que subentende o desenvolvimento da capacidade flexível de adaptação individual às mudanças operadas no meio de produção. São idéias intimamente ligadas às concepções do Banco Mundial como saídas para o desenvolvimento e modernização da sociedade (SOARES, 1998).

Passa a educação escolar a responsabilidade de inserir o indivíduo no mercado de trabalho, a partir do que cabe a ele, em posse de ferramentas obtida na escola, vencer ou fracassar.

2 MODELO DE COMPETÊNCIA NA EDUCAÇÃO

O relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, presidida por Jacques Delors, que durante o período de 1993 a 1996 trabalhou na elaboração de diretrizes para a educação mundial para o próximo século, foi publicado no Brasil em 1998, com apoio do Ministério da Educação e com apresentação assinada pelo ministro Paulo

Renato Souza, considerando: “Assim, estou seguro de que a edição brasileira do Relatório, coordenado por Jacques Delors, contribuirá para o processo em que, de modo especial, se empenha o Ministério da Educação, qual seja, o de repensar a educação brasileira.” (DELORS, 1996, p. 10).

Para Delors (1996), a educação deve organizar-se à volta de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda vida, serão de algum modo, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas, e finalmente aprender a ser, via essencial que integra os três precedentes.

O primeiro pilar é o Aprender a Conhecer que visa, não tanto a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento; pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e como uma finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, e Finalidade, porque baseado no prazer de compreender, de conhecer, de descobrir (DELORS, 1996).

O aumento dos saberes sob os seus diversos aspectos leva a compreender melhor o ambiente, favorece o despertar curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir.

Para Delors (1996), o segundo pilar do conhecimento o Aprender a Fazer e o Aprender a Conhecer são indissociáveis. Mas a segunda aprendizagem está mais ligada à questão da formação profissional: como ensinar o aluno a levar à prática os seus conhecimentos e, também como adaptar a educação ao trabalho futuro quando não se pode prever qual será a sua evolução?

A este propósito a Comissão da UNESCO distingue o caso das economias industriais nas quais domina o trabalho assalariado do das outras economias nas quais domina, ainda em grande escala, o trabalho independente ou informal. Nas sociedades assalariadas que se desenvolveram ao longo do século XX, a partir do modelo industrial, a substituição da mão-de-obra pelas máquinas tornou o trabalho humano cada vez mais imaterial e acentuou o carácter cognitivo das tarefas (DELORS, 1996).

Na indústria, para os operadores e os técnicos, o domínio do cognitivo e do informativo nos sistemas de produção torna um pouco obsoleta a noção de qualificação profissional e leva a que se dê muita importância à competência pessoal. Os empregadores substituem, cada vez mais, a exigência de uma qualificação, ainda muito ligada à idéia de competência material, pela exigência de uma competência que se apresenta como uma espécie de *cocktail* individual, em que se juntam a qualificação, em sentido estrito, adquirida pela formação técnica e profissional, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe, a capacidade de iniciativa, o gosto pelo risco (DELORS, 1996).

O terceiro pilar do conhecimento diz respeito ao Aprender a Viver juntos, aprender a viver com os outros. A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. Desde tenra idade a escola deve, pois, aproveitar todas as ocasiões para esta dupla aprendizagem.

Passando a descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela dada pela família, pela comunidade ou pela escola, deve ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. Só então poderão, verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. Desenvolver esta atitude de empatia, na escola, é muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida.

O quarto e último pilar do conhecimento é o Aprender a Ser. Desde a sua primeira reunião que a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI reafirmou um princípio fundamental: a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa - espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebeu na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Num mundo em mudança, de que um dos principais motores parece ser a inovação tanto social como econômica, deve ser dada importância especial à imaginação e à criatividade e, por serem claras manifestações da liberdade humana, elas podem vir a ser ameaçadas por uma certa standardização dos comportamentos individuais (HIRATA, 1994).

Considerando que o conceito de competência assume posição central, neste contexto, torna-se necessário rever alguns conceitos de qualificação e competência. Hirata (1994) chama a atenção para a multidimensionalidade do conceito de qualificação, pois esta compreende a qualificação do emprego (conjunto de exigências definidas a partir do posto de trabalho), qualificação do trabalhador (conjunto de atributos dos trabalhadores, mais amplo que o primeiro), por incluir as qualificações sociais ou tácitas, e qualificação como relação social, historicamente redefinida entre capital e trabalho. Esta dimensão é a que mais fortemente expressa, de maneira concreta, a concepção de força de trabalho como mercadoria (HIRATA, 1994).

A competência, segundo Hirata (1994, p. 132), é "uma noção oriunda do discurso empresarial nos últimos dez anos e retomada em seguida por economistas na França [...]". É, segundo a autora, uma "noção marcada política e ideologicamente por sua origem, da qual está ausente a idéia de relação social que define o conceito de qualificação para alguns autores (KERGOAT, 1982; FREYSSINET, 1977, 1992)". Desalnier (1993, p. 99-100) afirma que, o conceito de competência vem "suplantando gradativamente o de qualificação e, inclusive, ofuscando certas reflexões propostas por esse conceito". De acordo com a autora, competência designa saber ser, mais do que saber fazer, e implica dizer que o trabalhador competente é aquele que sabe utilizar todos os seus conhecimentos "obtidos através de vários meios e recursos" nas mais diversas situações encontradas em seu posto de trabalho.

Para Moraes (1999), o conceito de competência, utilizado na educação brasileira, tem por finalidade:

[...] justificar a seletividade e a contenção do acesso e, assim, aumentando e cristalizando as diferenças, estratégias regadas com o molho da lógica da mercadoria que privilegia os privilegiados e exclui, cada vez mais, o atendimento aos pobres como forma de justiça social, tratando "igualmente" os diferentes e os excluídos mantendo-se e fortalecendo-se a hegemonia do capital.

Desta forma, o conceito de competência é anteposto ao de qualificação, segundo as perspectivas do capital, tendo em vista as novas formas pelas quais este se organiza para obter maior e mais rápida valorização. Nesse sentido, as necessidades determinadas pela produção integrada e flexível, tendo em vista a referida valorização, produzem o progressivo deslocamento da importância anteriormente atribuída à qualificação formal e ao saber técnico (tomados como elementos centrais para definição da identidade do trabalhador, de seu lugar

social e de seu salário) para uma outra dimensão, resumida na expressão “saber ser”, na qual se confundem, articulam, mobilizam saberes, comportamentos, racionalidade orientada para fins, “sustentada por outros valores qualitativos como colaboração, engajamento e mobilidade, fortemente apelativos da estrutura subjetiva do ser-do-trabalho” (MACHADO, 1998, p. 6) “Saber ser” é, nesse contexto, colocar-se por inteiro, mobilizar-se completamente, em direção a um fim, neste caso, a valorização do capital.

O "modelo de competência" põe, no lugar da relação definida pela qualificação, uma outra que é marcada pela imprecisão, pela fluidez, pela indefinição, pela instabilidade, em que o saber, a posse do conhecimento do ofício, tende a ser colocado em segundo plano, elevando-se ao primeiro um conjunto de “capacidades gerais e mal definidas (que) tende a crescer com a aceleração das valorizações da organização e das atribuições de cargos. Quanto menos os empregos são estáveis e mais caracterizados por objetivos gerais, mais as qualificações são substituídas por "saber ser" (HIRATA, 1994).

No Brasil, a noção de competência, apesar de já ser conhecida no âmbito das ciências humanas desde os anos 70, passa a ser incorporada nos discursos dos empresários, dos técnicos dos órgãos públicos que lidam com o trabalho e por alguns cientistas sociais, como se fosse uma decorrência natural e imanente ao processo de transformação na base material do trabalho.

Usada de forma generalizada, é empregada, indistintamente, nos campos educacionais e do trabalho como se fosse portadora de uma conotação universal. No discurso dos empresários há uma tendência a defini-la menos como “estoque de conhecimento/habilidades”, mas, sobretudo, como capacidade de agir, intervir, decidir em situações não sempre previstas ou previsíveis. O desempenho e a própria produtividade global passam a depender em muito dessa capacidade e da agilidade de julgamento e de resolução de problemas (MORAES, 1999).

A partir das décadas de 1960 e 1970 muitos pesquisadores e técnicos de planejamento adotaram a concepção de "qualificação formal" empregando-a como índice de desenvolvimento socioeconômico, que abrangia tanto as taxas média de escolarização da população, como a progressiva extensão do tempo médio de permanência na escola, índices estes que haviam alcançado patamares elevados nas últimas três décadas, nos países capitalistas avançados do ocidente e nos países pertencentes ao ex-bloco, liderado pela URSS. Tais índices estatísticos "taxas médias de escolarização e duração da escolaridade" foram paulatinamente sendo utilizados como parâmetros internacionais de avaliação e

replanejamento das políticas educacionais dos países de Terceiro Mundo, por parte das agências internacionais de desenvolvimento (ENGUITA, 1991).

Ancorados na concepção de "qualificação formal", alguns autores mencionam o fenômeno da supereducação ou superqualificação, segundo o qual “o efeito da confiança popular nas virtudes da educação, das políticas oficiais de igualdade de oportunidades e de luta entre grupos de *status* por meio das credenciais outorgadas pelo sistema escolar leva as pessoas a receberem mais educação, em média, do que realmente necessária no emprego.” (ENGUITA, 1991, p. 250).

Esta situação procura dar respaldo científico às políticas neoliberais de educação, baseadas na visão de Estado Mínimo, ou seja, a atual política educacional é parte do projeto de reforma do Estado que tem como objetivo racionalizar recursos, diminuindo o papel do Estado no que se refere às políticas sociais. A proposta do Estado Mínimo configura-se como realidade de Estado mínimo para as políticas sociais e de Estado máximo para o capital.

As concepções de qualificação elaboradas a partir dos enfoques das teorias do capital humano e do planejamento macrossocial estão ancoradas em enfoques macroeconômicos que privilegiam dimensões relativas ao desenvolvimento econômico, crescimento e a diversificação do mercado formal de trabalho e suas relações com os sistemas de educação escolar.

Sob esta nova filosofia, a empresa procurou desenvolver ações que se voltam para a promoção de valores e de determinadas atitudes por parte dos trabalhadores.

Para o mercado de trabalho hoje, o perfil dos trabalhadores e as suas características subjetivas devem mudar num movimento sem fim, exigindo novas habilidades, até então relegadas a segundo plano e até mesmo negadas nas relações de trabalho anteriores. Soma-se a esses papéis, a necessidade de lidar com tecnologias de informação e de comunicação que demandam o domínio de códigos abstratos e novas linguagens.

A exigência de novas competências tem resultado, numa crescente individualização das relações de trabalho, nas quais cada profissional passa a ser remunerado pela quantidade de valor que agrega aos produtos e aos processos, enfraquecendo as instâncias de representação dos trabalhadores. As pessoas são selecionadas para o mercado de trabalho por competências definidas recentemente pela era da competição global e digital. Competências como raciocínio lógico abstrato, habilidades sociocomunicativas, responsabilidade, disposição para correr riscos e espírito de liderança passaram a ser demandadas. A destreza em outras

línguas (como inglês) e linguagens (como informática) está se tornando pré-requisito para o ingresso e manutenção em um mercado de trabalho estruturado (HIRATA, 1994).

Segundo Machado (1998), sob o referencial das competências tem-se adotado um caráter de generalidade, aparentemente consensual, e que serve para padronizar uma forma de pensar um perfil desejado do trabalhador. Não levando em consideração uma série de condicionantes das ações humanas em atividades de trabalho:

- a) as diferenças socioculturais, de gênero, de etnia e etárias;
- b) a heterogeneidade das estruturas do mercado de trabalho e dos campos de atividades de trabalho;
- c) a distância existente entre a aquisição de conhecimentos e a possibilidade de aplicá-los em atividades profissionais;
- d) a possibilidade de existir outras lógicas de eficácia, construídas a partir da atividade concreta de trabalho, das referências e saberes que os sujeitos adquirem no curso da história de suas experiências de vida, da qual eles não se separam.

Na sociedade capitalista em que a competição e o individualismo são exacerbados, o sucesso e o êxito convertem-se na única e exclusiva finalidade de uma ação, o processo é preterido pelo produto, pelo resultado e pela eficiência. Entretanto, o homem como ser consciente espera ou prevê uma valoração de sua atividade, que é por ela influenciada.

3 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: REFORMAS DOS ANOS 90

As reformas implementadas na educação profissional e no ensino médio brasileiros expressaram a necessidade de adequação dessas modalidades de ensino às modificações ocorridas no mundo do trabalho. Neste sentido, as reformas do ensino médio e profissional objetivam adequá-los a uma nova realidade na qual o domínio do "conhecimento" e a capacidade de competição são fatores fundamentais para a competitividade econômica de uma nação. A educação básica é o elemento fundamental a ser fortalecido no âmbito das políticas de governo.

A melhoria da qualidade da educação profissional pressupõe uma educação básica de qualidade e constitui condição indispensável para o êxito num mundo pautado pela competição, inovação tecnológica e crescentes exigências de qualidade, produtividade e conhecimento. (BRASIL, CNE/CEB, 1999, p. 16).

Mas além de destacar os fenômenos econômicos determinados pela globalização da economia e pela reestruturação produtiva, destaca-se, também, a necessidade da educação contribuir para a constituição de um novo modelo de desenvolvimento sustentável, o que só pode ser possível estabelecendo-se mecanismos de aumento do nível de escolarização da população.

Nas condições contemporâneas de produção de bem, serviços e conhecimentos, a preparação de recursos humanos para um desenvolvimento sustentável supõe desenvolver capacidade de assimilar mudanças tecnológicas e adaptar-se a novas formas de organização do trabalho. Esse tipo de preparação faz necessário o prolongamento da escolaridade e a ampliação das oportunidades de continuar aprendendo. Formas equilibradas de gestão dos recursos naturais por seu lado, exigem políticas de longo prazo, geridas ou induzidas pelo Estado e sustentadas de modo contínuo e regular por toda a população, na forma de hábitos preservacionistas racionais e bem informados. (BRASIL, CNE/CEB, 1999, p. 19).

Segundo Gentili (1998), na pedagogia da competitividade, orientada pelos conceitos de competências e habilidades, opera-se uma mudança profunda no papel econômico atribuído à escola e aos processos de formação técnico-profissional. No contexto da era de ouro do capitalismo, particularmente após a Segunda Guerra Mundial, a atribuição da função econômica da escola assumiu uma clara perspectiva integradora. É neste contexto que surge a economia da educação como campo disciplinar específico, cujo eixo central associa educação com o desenvolvimento econômico, o emprego, a mobilidade e ascensão social.

As transformações em curso na sociedade brasileira estão fazendo ressurgir acalorados debates relativos a temas e problemas que remetem às relações entre trabalho, qualificação e educação, principalmente a formação profissional. Até o Decreto nº 2.208/97, que reformou o ensino de nível técnico, apesar das variações no entendimento e na definição dos níveis escolares e modalidades de ensino direcionadas ao mundo do trabalho, formação profissional designava, de maneira geral, o conjunto das iniciativas não escolares, informais, não submetidas à normatização legal, destinadas à transmissão de conhecimentos específicos ao exercício profissional e desenvolvidas por instituições de estatutos diversos – públicas, privadas, ONGs, empresas e associações empresariais, organizações sindicais e outras, para trabalhadores empregados e desempregados, bem como aos jovens em busca do primeiro

emprego. Convencionou-se incluir entre essas iniciativas não integradas ao sistema nacional de educação as ações filantrópicas, assistencialistas, dirigidas à população desescolarizada ou de baixa escolaridade, como substitutivas do ensino regular (MORAES, 1999).

O exame da nova legislação, a Lei nº 9.394/96 - LDB, o Decreto nº 2.208/97, que regulamenta a LDB no tocante à "educação profissional", e a Portaria nº 646, disciplinadora do assunto no âmbito da rede federal de educação, assim como o Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP), indica a ocorrência de mudanças não apenas na retórica, mas na orientação das políticas educacionais. O uso indiferenciado das duas noções "educação e formação" - a incorporação da formação na categoria de educação profissional, associa-se à avaliação negativa do "aparelho escolar formal" que, distante de um sistema produtivo em permanente e rápido processo de modernização, tem se mostrado incapaz de atender com agilidade a crescente demanda por níveis mais elevados de qualificação. Propondo-se a enfrentar esses problemas, a nova legislação preconiza a democratização e diversificação dos sistemas de Educação Profissional, por meio da construção de redes de parcerias e da articulação com os setores produtivos (MORAES, 1999).

De acordo com a LDB - Título V - Dos Níveis e das Modalidades de Educação e Ensino - Capítulo I - Art. 21 (BRASIL, 1996), que trata da composição dos níveis escolares, a educação escolar compõe-se de: I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, e II - educação superior.

E no Art. 22, "A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores" e se constitui:

- a) educação infantil que tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade;
- b) ensino fundamental que tem como objetivo a formação básica do cidadão desenvolvendo a capacidade de aprender (domínio da leitura, escrita e do cálculo); a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; desenvolvimento da capacidade de aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social;

- c) o ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, tem como finalidade: a consolidação dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental; a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando; o aprimoramento do educando como pessoa humana incluindo ética, autonomia e pensamento crítico; a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos (Lei nº 9394/1996).
- d) o ensino fundamental e o ensino médio são gratuitos nas escolas públicas e o Ensino Fundamental é obrigatório e a LDB determina como dever do Estado a progressiva extensão de obrigatoriedade e gratuidade do ensino médio.

A reforma do ensino técnico de nível médio, imposta pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, de acordo com o Decreto nº 2.208/97, apresenta como objetivo prioritário a melhoria da oferta educacional e a adequação às novas demandas econômicas e sociais da sociedade globalizada.

O fio condutor do Programa de Reforma da Educação Profissional apresenta-se da seguinte forma:

- a) reestruturação da rede Federal de Escolas Técnicas;
- b) reordenamento dos Sistemas Estaduais de Educação Profissional;
- c) atendimento ao segmento comunitário, assegurando expansão da oferta de matrículas e apoiando sindicatos, associações comunitárias e o setor público municipal na implementação de Programas de Educação Profissional (MEC-SEMTEC/MTb-SEFOR. Protocolo de Educação Profissional, 1997).

Para viabilização da implementação do Programa de Educação Profissional, o MEC/MTb/BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) promove o suporte financeiro.

Segundo Bueno (1996), essa determinação do governo brasileiro articula-se a um movimento estabelecido em todos os recantos do mundo. As mudanças ocorridas nestas últimas décadas nos campos político e econômico - decorrentes da globalização econômica - provocaram um certo consenso entre governantes e instituições multilaterais (BIRD, BID, CEPAL, OIT) acerca da necessária implementação de mudanças no sistema educacional, de forma a adequá-los à nova realidade.

Segundo o Art. 39 do Capítulo III da LDB (BRASIL, 1996), a Educação Profissional é “integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia e conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva”.

O Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997, regulamenta os dispositivos da LDB referente à educação profissional, definindo seus objetivos e níveis, além de estabelecer orientações para a formulação dos currículos dos cursos técnicos. O Decreto especifica, no artigo 3º, três níveis de educação profissional: o básico, o técnico e o tecnológico.

A educação profissional básica, destinada a qualificar e requalificar os trabalhadores, independente da escolaridade prévia, não está sujeita à regulamentação curricular, sendo oferecida de forma livre em função das necessidades do mundo do trabalho e da sociedade.

O MEC entende que a contribuição da educação para uma futura inserção no mercado de trabalho não está mais restrita à educação profissionalizante. Na sua concepção, não faz mais sentido a manutenção de uma dualidade entre a educação profissionalizante e a educação acadêmica. Embora a educação profissional objetive uma formação específica para a inserção laboral, a educação de cunho acadêmico deve garantir um conjunto de conhecimentos básicos que promovam a aquisição de competências fundamentais para uma futura profissionalização.

Por ser o conhecimento o elemento primordial na atualidade, é fundamental que a escola promova principalmente a capacidade dos indivíduos estarem sempre dispostos a apropriarem-se de novos conhecimentos. Assim, "aprender a aprender coloca-se como competência fundamental para a inserção numa dinâmica social que se reestrutura continuamente. A perspectiva é, de desenvolver meios para uma aprendizagem permanente, que permita uma formação continuada, tendo em vista a construção da cidadania" (MEC, 1997, p.3).

A educação profissional técnica, com a finalidade de habilitar profissionalmente alunos matriculados em cursos de nível médio e dele egressos, cuja organização curricular passa a ser própria e independente do ensino médio, pode ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este.

A desvinculação entre o ensino médio e o ensino técnico, segundo a LDB, possibilita uma flexibilização e significativa ampliação das oportunidades de educação profissional no nível do ensino médio.

O contraditório na proposta de reforma do ensino médio e profissionalizante do MEC encontra-se exatamente no papel que ele reserva a cada uma das modalidades de ensino. Enquanto para o ensino médio o MEC atribui um papel central no desenvolvimento de competências fundamentais ao exercício da cidadania e à inserção no mercado de trabalho, ele considera o ensino profissional apenas como espaço preparatório para o mercado de trabalho, isto é, ao definir a educação profissionalizante como complementar, o MEC assegura apenas para o ensino médio o potencial de aglutinar os conhecimentos que historicamente os trabalhadores vêm perseguindo (OLIVEIRA, 2001).

Para Oliveira (2001), uma das conseqüências da separação do ensino médio da educação profissional é que os setores em situação economicamente desfavorável passarão a viver diante de um dilema: inserir-se no ensino médio e esperar mais três anos para adquirir alguma certificação ou, de imediato, buscar adquirir certificações que os habilitem a disputar uma vaga no mercado de trabalho? Além de que a clientela das escolas públicas de ensino médio é predominantemente do curso noturno e os alunos matriculados neste horário serem majoritariamente trabalhadores. Segundo o autor, fica evidente que dificilmente ocorrerá destes indivíduos disporem da possibilidade física e material para aglutinar novas formações no seu currículo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Profissional de Nível Técnico estão centradas no conceito de competências por área. Do técnico será exigida tanto uma escolaridade básica sólida, quanto uma educação profissional mais ampla e polivalente.

Segundo o Parecer CNE/CEB 15/98, entende-se por competência profissional a capacidade de articular, mobilizar e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessárias para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho.

O conhecimento no Parecer CNE/CEB 15/98 é entendido como o que muitos denominam simplesmente saber. A habilidade refere-se ao saber fazer relacionado com a prática do trabalho, transcendendo a mera ação motora. O valor se expressa no saber ser, na atitude relacionada com o julgamento da pertinência da ação, com a qualidade do trabalho, a ética do comportamento, a convivência participativa e solidária e outros atributos humanos, tais como a iniciativa e a criatividade.

A educação profissional de nível técnico abrange, ainda, cursos ou módulos complementares de especialização, aperfeiçoamento e atualização. São formas de

complementação da própria qualificação ou habilitação profissional de nível médio, nitidamente vinculadas às exigências e realidades do mercado de trabalho.

A educação profissional tecnológica, acessível aos egressos do ensino médio, integra-se à educação superior e regula-se pela legislação referente a esse nível de ensino, devendo atender aos diferentes setores da economia, conferindo aos concluintes o diploma de tecnólogo.

A reforma reproduziu a dualidade histórica do ensino brasileiro entre educação geral e profissional, uma vez que não apenas se tem a continuidade de uma educação profissional dirigida aos que têm baixa escolaridade e inserção social desfavorável, como também como paliativo ao desemprego gerado pelas mesmas circunstâncias históricas que levam o MEC a pautar a educação pelo "modelo de competência" (FERRETTI, 1999).

No plano ideológico desloca-se a responsabilidade social do Estado para o plano do individual. Já não há política de emprego nem perspectiva de uma carreira, mas indivíduos empregáveis ou não, requalificáveis.

A conjuntura atual, de forma genérica, coloca os jovens numa situação de grande dificuldade, porque são instigados a buscarem autonomia, independência e realização por meio do trabalho, ao mesmo tempo em que esse se torna escasso, com exigências ampliadas.

Neste capítulo tentou-se entender a nova proposta pedagógica da educação e formação profissional para o mercado de trabalho, que está posta nos espaços educativos como também em outros espaços sociais, por onde circulam os jovens, que em conjunto e interdependentes coadunam-se com a realização dos projetos pessoal e profissional do jovem.

CAPÍTULO IV

TRABALHO E EDUCAÇÃO SOB O OLHAR DOS JOVENS

Esta pesquisa foi realizada sob a perspectiva histórica, que percebe os sujeitos como históricos, datados, concretos, marcados por uma cultura. Criam idéias e consciência ao produzir e reproduzir a realidade social, sendo nela ao mesmo tempo produzidos e reproduzidos (FREITAS, 1996).

O objetivo desta pesquisa foi o de analisar as concepções do jovem sobre trabalho, projeto profissional, competência e qualificação, na atual conjuntura social e política.

Para atingir este objetivo, foram aplicados questionários com 82 jovens, distribuídos em dois grupos: 1) estudantes matriculados em uma instituição cujo programa tem finalidade a inserção no mercado de trabalho (24 jovens) e 2) jovens matriculados em uma instituição da rede oficial de educação profissional (58 jovens).

Selecionou-se a amostra levando em consideração a posição do jovem em relação a sua inserção no mercado de trabalho e em relação à idade. Todos os jovens sujeitos da pesquisa estão na faixa etária entre 15 e 18 anos.

A quantidade de jovens que responderam os questionários em cada instituição foi determinada pelas salas de aula disponíveis no momento da aplicação.

A pesquisa foi realizada na cidade de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul, no período de 2001 a 2002.

A primeira instituição tem por objetivo preparar e inserir os jovens para o mercado de trabalho. O jovem permanece por um período de um ano recebendo orientações básicas de serviços de escritório, noções de xerox, de trânsito, primeiros socorros e um acompanhamento de reforço nas matérias básicas, português e matemática, além dos serviços de saúde, como atendimento odontológico e psicológico. Após essa fase preparatória, ele é encaminhado ao mercado de trabalho, já com 16 anos, idade limite determinada por lei para o exercício das atividades laborais. Este jovem continua sendo acompanhado pelo Instituto, até completar 18 anos, quando o seu contrato encerra com a empresa e com a Instituição.

A segunda instituição configura-se como uma rede oficial de educação profissional, em termos de formação, especialização e aperfeiçoamento.

Delimitou-se o objeto da pesquisa selecionando duas instituições da cidade de Campo Grande, da seguinte maneira: a) caracterização destas instituições com programas de inserção para o mercado de trabalho e de educação profissional; b) a caracterização dos jovens na faixa etária entre 15 e 18 anos, provenientes das camadas populares, à procura de qualificação para o mercado de trabalho.

A opção pelos jovens na faixa etária entre 15 e 18 anos, matriculados em instituições com programas de inserção para o mercado de trabalho e de educação profissional, partiu do pressuposto de que estariam mais envolvidos com seus projetos profissionais e interesse na inserção precoce no mercado de trabalho.

1 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Os questionários foram aplicados nas salas de aula, cedidos pelos professores, com autorização da direção da escola. Após a apresentação da pesquisadora e da pesquisa, seus objetivos e a importância da colaboração dos alunos, entregou-se a Declaração de Consentimento Informado (Anexo 1) e os questionários (Anexo 2) a todos os alunos. Não houve recusa explícita de nenhum aluno das duas instituições.

Os jovens levaram em média 40 minutos para responderem o questionário. Quando não compreendiam a questão alguns deles pediam informações e as recebiam individualmente. Durante a aplicação do questionário, o clima era de confiança e tranquilidade por parte dos jovens.

Antes da aplicação, propriamente dita, esta pesquisadora esteve nas instituições várias vezes. Primeiramente, aplicaram-se os questionários na instituição de educação profissional, dividida em turmas e turnos matutino e vespertino.

O questionário foi elaborado com questões fechadas e abertas. As questões foram distribuídas em três fases: a) identificação, b) das concepções e c) das qualificações.

2 ANÁLISE DOS DADOS

Com esse referencial, a análise dos dados dos questionários foi estruturada a partir da elaboração de categorias temáticas, abrangendo toda a complexidade e diversidade encontradas nas respostas dos jovens. Após esta fase, passou-se à elaboração dos quadros temáticos subdivididos nos subtemas, relacionando as categorias de análise e sua frequência nas respostas apresentadas.

Os Anexos de 3 a 10 apresentam os quadros das categorias quantitativamente e analisados qualitativamente, e aqueles com as respostas dos jovens.

a) Caracterização dos sujeitos

Pode-se observar que os dados da Figura 1 apresentam 86% para o sexo masculino e 14% do sexo feminino. O que mostrou o sexo masculino com uma grande representatividade. A procura do ensino profissional é maior pelo sexo masculino, pelas modalidades de cursos oferecidos pela instituição, por exemplo, o curso de Mecânica que se divide em mecânica de soldagem, serralharia e mecânica de autos e cada categoria se subdivide em mais duas ou mais subcategorias, eletricista de manutenção eletroeletrônica, eletricista instalador predial, entre outros.

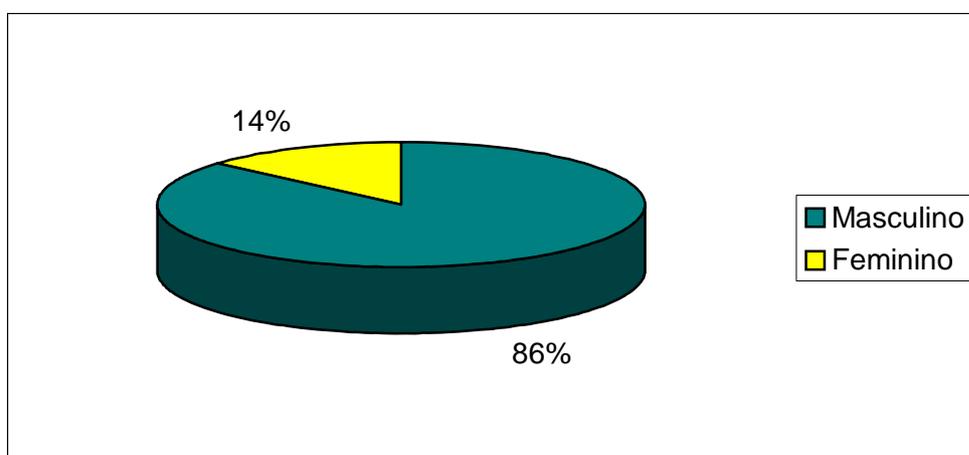


Figura 1 – Sexo.

Em relação à idade, a Figura 2 apresenta 43% dos jovens com 15 anos; 23% com 16 anos; 20% com 17 anos e 14% com 18 anos. Observa-se a predominância de jovens com 15 anos; seria a fase preparatória para o mercado de trabalho, já que oficialmente só poderão ingressar no mercado de trabalho aos 16 anos.

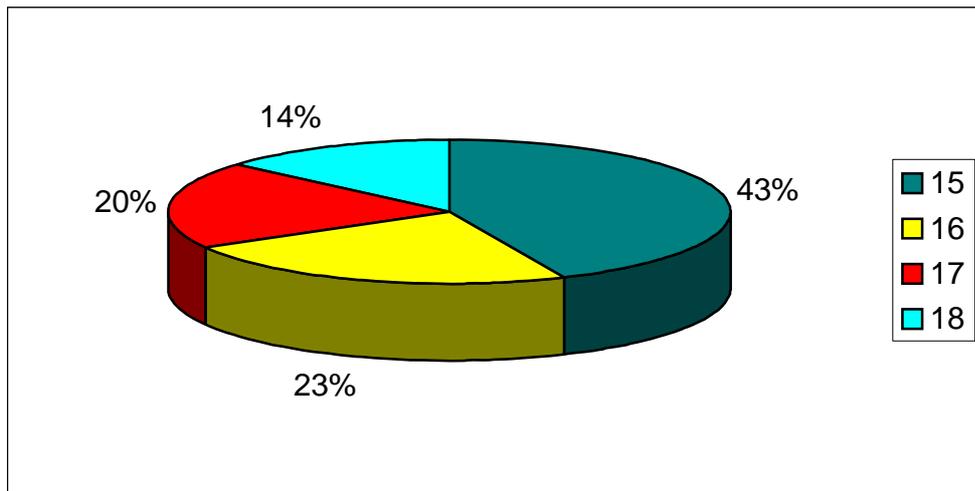


Figura 2 – Idade.

A Figura 3 apresenta o tipo de escola que os jovens desta pesquisa frequentam. A maioria deles estuda em escolas públicas, representando um total de 79% e apenas 21% estudam em escolas privadas.

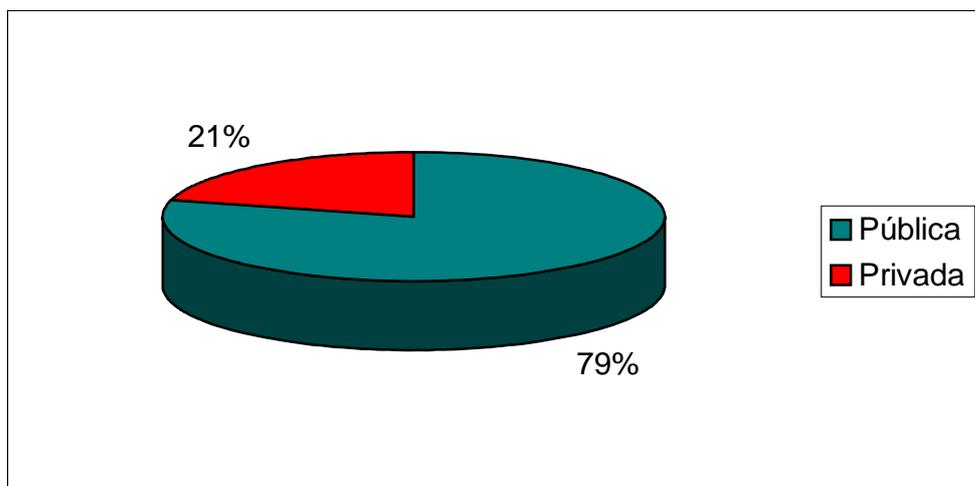


Figura 3 – Tipo de escola.

Na Figura 4, sobre escolaridade, 45% dos jovens encontram-se na 2ª série e 26% na 1ª série do ensino médio, 15% na 8ª série do ensino fundamental e 13% na 3ª série do ensino médio.

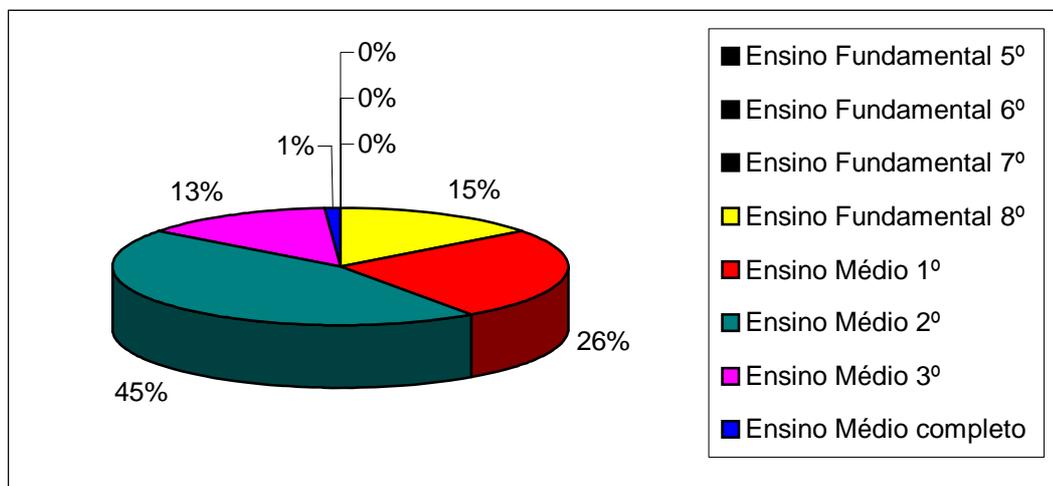


Figura 4 – Escolaridade.

A Figura 5 apresenta a situação dos jovens no momento da pesquisa, em relação à inserção no mercado de trabalho. Verificou-se que 71% dos jovens não trabalham e apenas 29% estão no mercado de trabalho.

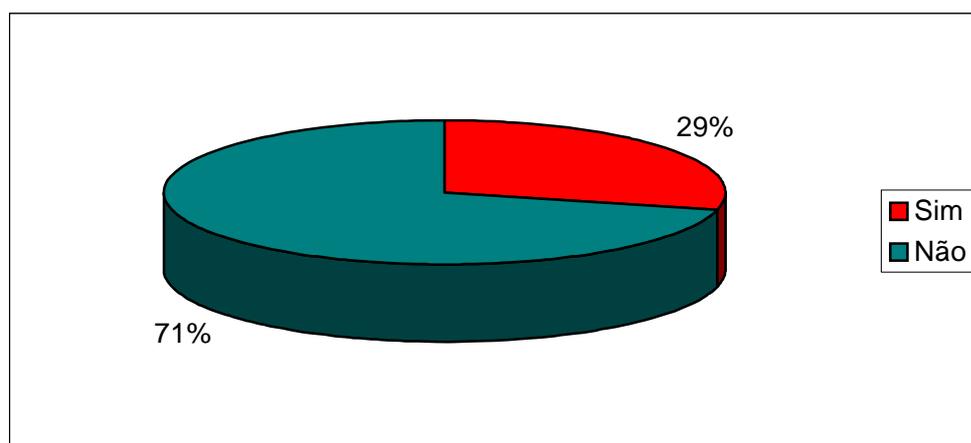


Figura 5 – Trabalho.

Esses jovens (29%) estão no mercado de trabalho como aprendizes, podendo ser contratados ou não pelas empresas. Os matriculados na instituição com programa de inserção no mercado de trabalho passam por um período preparatório de um ano (dos 15 aos 16 anos). Após esse período, são encaminhados às empresas, podendo ficar até os 18 anos, sob a

responsabilidade e acompanhamento da instituição. Quando ele completa 18 anos é automaticamente desligado do programa.

Na apresentação das concepções (Figura 6) denomina-se a instituição com programa de educação profissional de **Instituição A** e a instituição com programa de inserção no mercado de trabalho de **Instituição B**.

b) Das concepções

. Trabalho

A Figura 6 apresenta a concepção dos jovens, sujeitos desta pesquisa, sobre trabalho. A maioria deles atribuiu a concepção de trabalho como SUSTENTO. Foram 32 da Instituição A e 9 da Instituição B, perfazendo um total de respostas de 33,62%.

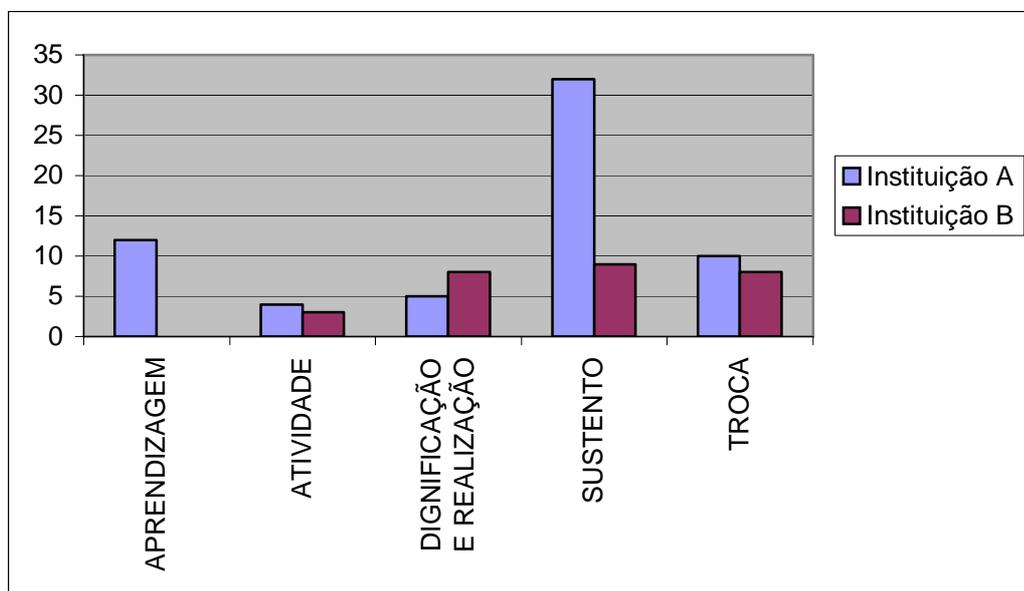


Figura 6 – Concepção de trabalho.

Os depoimentos, a seguir apresentados, mostram a importância da inserção no mercado de trabalho em suas vidas:

Trabalho para mim é minha vida, é onde está meu futuro. (16 anos, masculino, sujeito do Instituto A).

Trabalho para mim é uma maneira de sustentar e tentar melhorar as condições de vida, conseguindo algo e realizando sonhos com o benefício dele. (18 anos, masculino, sujeito do Instituto A).

É um meio de sustento de uma pessoa e também um meio de sobrevivência. (15 anos, masculino, sujeito do Instituto B).

É uma boa oportunidade para que possamos mostrar o que sabemos e para ganhar um dinheiro. Trabalhar não é apenas para se divertir, mas para ajudar os meus pais. (15 anos, feminino, sujeito do Instituto B).

Os depoimentos mostram o trabalho na sua dimensão de provimento das necessidades básicas de sobrevivência. A questão de sobrevivência das famílias dos jovens e deles próprio depende do trabalho.

Continuando a leitura da Figura 6, são apresentadas outras categorias na ordem de maior frequência de respostas atribuídas à concepção de trabalho: TROCA - 10 respostas da Instituição A e 8 da Instituição B; APRENDIZAGEM - 12 da Instituição A e nenhuma da Instituição B; DIGNIFICAÇÃO/REALIZAÇÃO - 5 respostas da Instituição A e 8 da Instituição B, e finalmente ATIVIDADE - 4 respostas da Instituição A e 3 da Instituição B.

A segunda categoria de respostas de maior frequência foi TROCA com 14,76%, que considera o trabalho como "prestar serviço em troca de um salário". O trabalho como valor econômico. A categoria APRENDIZAGEM (9,84%) considera o trabalho como aprendizado para a vida em sociedade. Os verbos qualificar e capacitar foram utilizados em vários depoimentos. Na categoria DIGNIFICAÇÃO/REALIZAÇÃO (10,66%), o trabalho é visto como realização profissional e pessoal e também digna. A categoria ATIVIDADE foi a de menor frequência de respostas (5,74%).

. Projeto de Vida Profissional

A Figura 7 apresenta a concepção dos jovens quanto ao projeto de vida profissional. Na categoria FAZER FACULDADE, 15 respostas da Instituição A e 20 da Instituição B, perfazendo um total de 28,7% das respostas, e, em segundo lugar, a categoria PROFISSIONAL QUALIFICADO/COMPETENTE com 18 respostas da Instituição A e nenhuma da Instituição B, perfazendo 14,76%. A categoria TER UMA PROFISSÃO, com 12

respostas da Instituição A e nenhuma da Instituição B, perfazendo um total de 9,84%. TER UM EMPREGO, com 6 do Instituto A e 2 do Instituição B, perfazendo um total 6,56% das respostas.

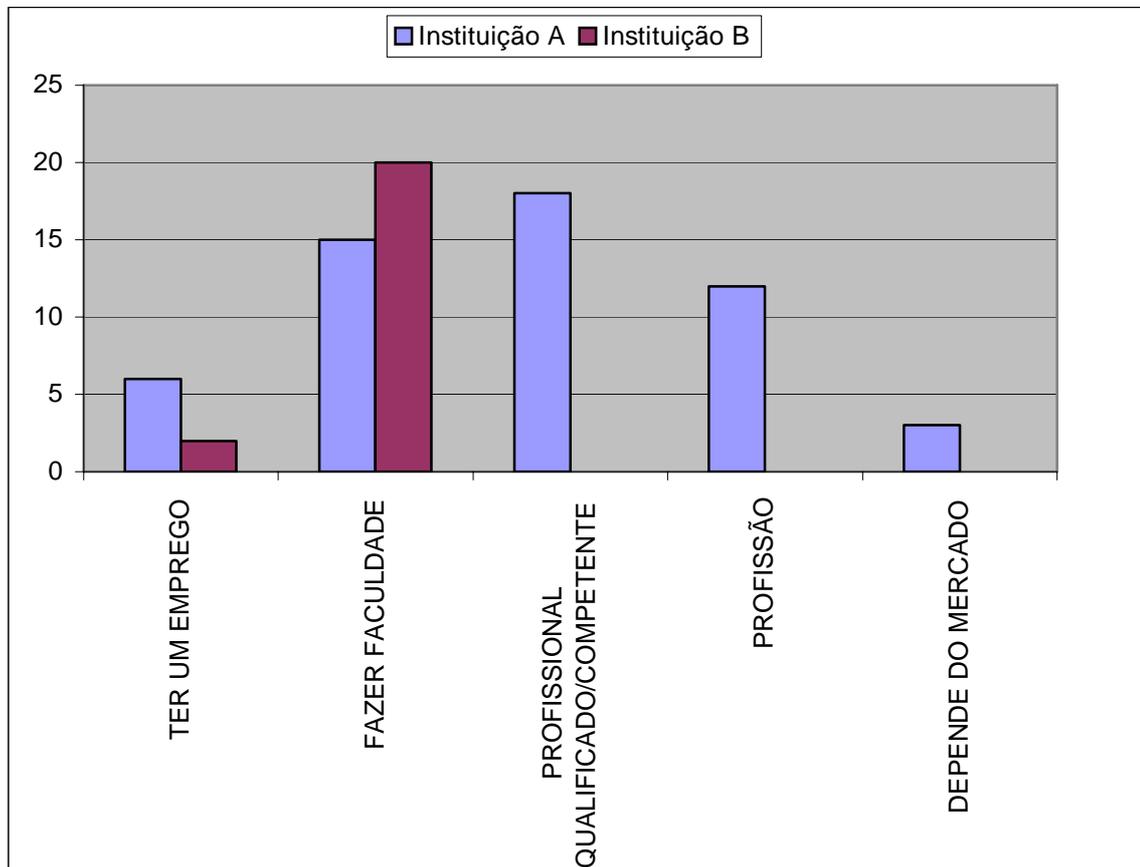


Figura 7 – Projeto de vida profissional.

Seguem-se alguns depoimentos:

Meu projeto de vida é estudar muito e me formar em medicina. (15 anos, feminino, sujeito do Instituto B).

Depois de cursar o ensino médio, pretendo fazer um curso técnico de laboratório, prestar vestibular para medicina, ser pediatra oncologista, e se não for possível medicina, ser bióloga (15 anos, feminino, Sujeito do Instituto B).

Me formar em engenharia elétrica, ser um profissional gabaritado e competente e ter minha própria empresa. (17 anos, masculino, Sujeito do Instituto A).

Cada vez mais me qualificar, mostrar o meu perfil profissional na empresa. (16 anos, masculino, Sujeito da Instituição A).

Como mostram os depoimentos, existe uma crença de inserção social numa visão fortemente marcada pelos ideais liberais.

Observa-se também que a maioria atribui o sucesso ou fracasso dos seus projetos ao seu esforço pessoal, à responsabilidade e à força de vontade.

Fica clara a concepção econômica de educação veiculada pela Teoria do Capital humano nos depoimentos dos jovens. Nesta lógica, cada trabalhador torna-se proprietário de seu "capital humano" que deve ser vendido no mercado competitivo, assumindo a responsabilidade direta pelo sucesso ou fracasso.

. Competência

A Figura 8 apresenta a concepção de competência pelos jovens sujeitos dessa pesquisa.

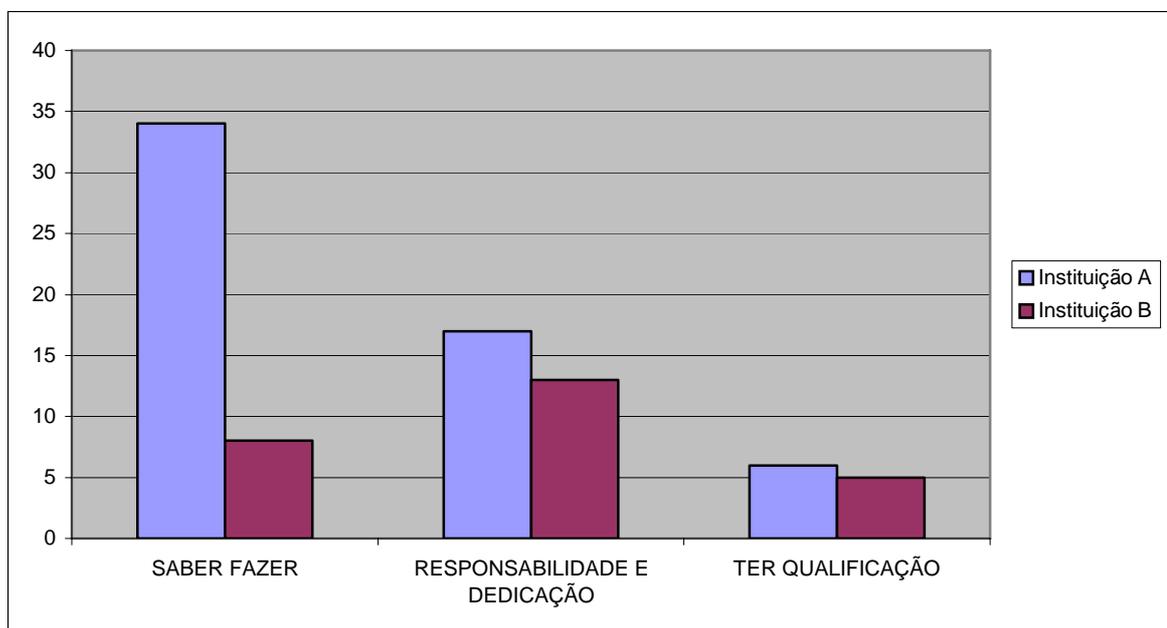


Figura 8 – Concepção de competência.

A categoria SABER FAZER ficou com o maior número de respostas: 34 da Instituição A e 8 da Instituição B, perfazendo um total de 34,44% das respostas. Na sequência, a categoria RESPONSABILIDADE/DEDICAÇÃO, com 17 da Instituição A e 13

da Instituição B, perfazendo um total de 24,6% das respostas e, finalmente, a categoria TER QUALIFICAÇÃO, com 6 respostas da Instituição A e 5 da Instituição B, perfazendo um total de 9,02% das respostas.

Ser competente para mim é saber fazer muito bem meu serviço e tratar bem as pessoas. (15 anos, masculino, Sujeito da Instituição A).

É ter responsabilidade, saber o que fazer na hora certa. É não desobedecer a um superior, é sempre estar se aperfeiçoando e aprimorando os conhecimentos, para garantir nosso lugar no posto de trabalho. (15 anos, masculino, sujeito da Instituição A).

É a capacidade de satisfazer o cliente, ser capaz de resolver problemas e desenvolver bem o seu trabalho, procurar sempre aprimorar seus conhecimentos e ser o melhor sempre. (17 anos, masculino, Sujeito da Instituição A).

É desenvolver um trabalho com rapidez, eficiência e qualidade" (15 anos, masculino, Sujeito da Instituição B).

Nos depoimentos dos jovens, a concepção de competência apresenta-se como "saber-fazer" no sentido de qualificação para o trabalho, o que difere do "saber-fazer" para Delors (1998).

Segundo Delors (1998), o desafio da educação no século XXI está na mudança de objetivos, em uma nova concepção de competência, que deixa a visão puramente instrumental do "saber-fazer", para uma visão do indivíduo em sua totalidade - aprender a ser. As mudanças nos processos produtivos estão fazendo com que se valorize muito mais a competência pessoal, com qualidades subjetivas denominadas "saber-ser", saber e "saber-fazer". O que compõe o perfil do trabalhador ideal, ter capacidade de comunicar-se, trabalhar em equipe e resolver conflitos. Essas características estão sendo consideradas essenciais, cabendo à educação transmitir esses saberes.

Desalnier (1997, p. 55) escreve sobre a incorporação da noção de competência na formação:

Ampliar as ações voltadas à qualificação que, ao mesmo tempo, contemplem os pressupostos que configuram a formação que visam a instaurar a competência junto aos seus formandos. Tal empreendimento envolve rupturas, junto às instituições que se dedicam a formação, que sejam capazes de ampliar os espaços de possibilidades para permitir a operacionalização dessa nova forma de formar o trabalhador. E o êxito de tais intervenções está em parte associado à compreensão relativa ao significado de qualificação e de competência como compressão que condensam diferentes aspectos da sociedade atual.

Segundo Ferretti e Silva Jr. (2000, p. 48), o documento oficial, embora não defenda a subordinação da educação à lógica do mercado, estabelece uma relação - "tão intensa e direta, pela via do modelo de competência - entre educação e o sistema produtivo", que não há como não concluir pelo predomínio dos interesses do capital sobre a educação.

Segundo Machado (2000.), competência não é simplesmente uma soma de itens e habilidades. Ela faz parte da historicidade do sujeito, do seu papel como protagonista da prática social. Sua construção é um processo continuamente recomeçado. Ela traz uma dinâmica de aprendizagem. Trata-se de um espaço de transformações e de recomposição de saberes; de aprendizagem como estruturação da identidade, processo que conjuga a construção do sujeito e da situação social.

3 DAS QUALIFICAÇÕES

a) Motivos da Participação no Curso de Qualificação Profissional

A Figura 9 apresenta os motivos da participação nos cursos de qualificação profissional.

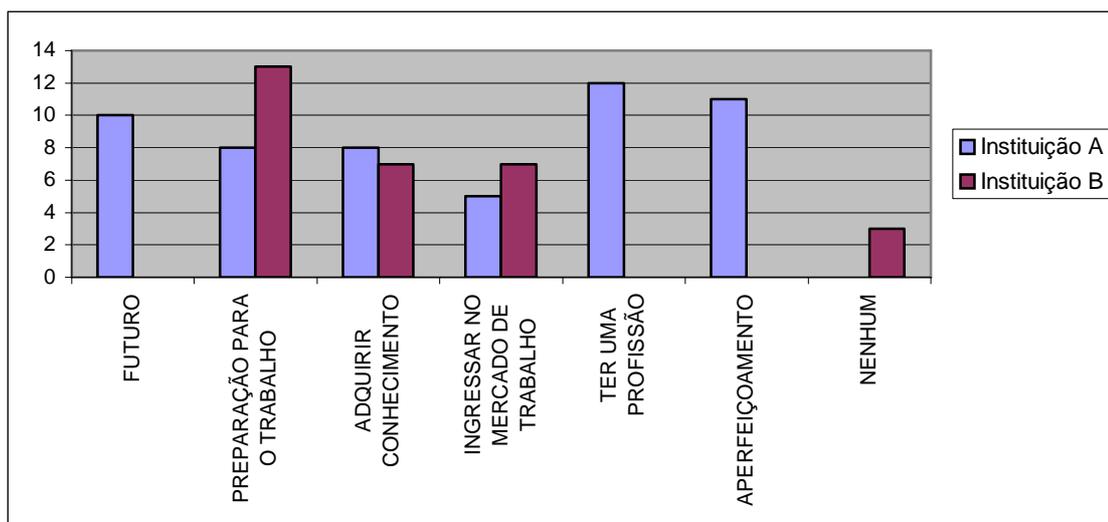


Figura 9 – Motivos da participação no curso de qualificação profissional.

A categoria PREPARAÇÃO PARA O TABALHO ficou com 10 respostas dos jovens da Instituição A e 13 da Instituição B, perfazendo um total 17,22% das respostas. A categoria ADQUIRIR CONHECIMENTO, com 8 da Instituição A e 7 da Instituição B, perfazendo um total de 12,03%. A categoria INGRESSAR NO MERCADO DE TRABALHO, 5 da Instituição A e 7 da Instituição B, perfazendo um total de 9,84% das respostas. A categoria TER UMA PROFISSÃO ficou com 12 respostas da Instituição A e nenhuma da Instituição B, perfazendo também um total de 9,84% das respostas. A categoria FUTURO ficou assim distribuída: 10 respostas da Instituição A e nenhuma da Instituição B, perfazendo um total de 8,2% das respostas dos jovens. A categoria APERFEIÇOAMENTO ficou com 11 respostas da Instituição A e 11 da Instituição B, perfazendo um total de 9,02% das respostas e, finalmente, 3 jovens da Instituição B responderam que não tinham nenhum motivo para participarem dos cursos de Qualificação. Alguns depoimentos para esclarecimentos:

Ter mais conhecimento no que for fazer e no que nos espera lá no mercado de trabalho (15 anos, masculino, Instituição B).

Ser um profissional qualificado para entrar no mercado de trabalho concorrendo igualmente com outros profissionais. (17 anos, masculino, Instituição A).

Ter uma profissão, Ter uma formação ampla, te um futuro garantido. (16 anos, masculino, Instituição A).

Nas respostas dos jovens fica clara a cultura do trabalho hoje, legitimando a ideologia da qualificação profissional como solução para os problemas do desemprego e da precarização do trabalho. Uma cultura que transfere para o indivíduo a responsabilidade do emprego e da sua capacidade para consegui-lo.

Os ideais neoliberais reproduzem o pensamento neoclássico, incorporando a teoria do capital humano nas propostas de qualificação profissional, invadindo o sistema educacional e direcionando a formação educativa segundo os objetivos do mercado.

Propagam-se as noções de qualificação como uma necessidade do trabalhador elevar seu nível e capacidade de desenvolver-se ou adaptar-se aos novos processos de reestruturação produtiva.

A intelectualização do trabalho, causada pela complexificação dos processos, ao mesmo tempo em que instala a desqualificação, o trabalho precário, informal, temporário,

parcial, numa situação oposta à qualificação dos postos de trabalho seletivos, cria o contexto onde o profissional qualificado torna-se referencial, para demonstrar o nível de desqualificação do outro (CASTRO, 1992, p.215):

[...] saber o nexos entre trabalho e qualificação; seu fundamento deve ser buscado agora nas relações políticas entre saberes e poderes no interior da fábrica. Estas refletem as experiências e as qualidades que os sujeitos trazem consigo e com as quais atuam na barganha por sua inserção nos sistemas de classificação que organizam as relações no campo profissional”.

b) Colaboração do curso de qualificação para o Projeto Profissional

A Figura 10 apresenta as respostas dos jovens sobre a colaboração do curso para o seu projeto profissional.

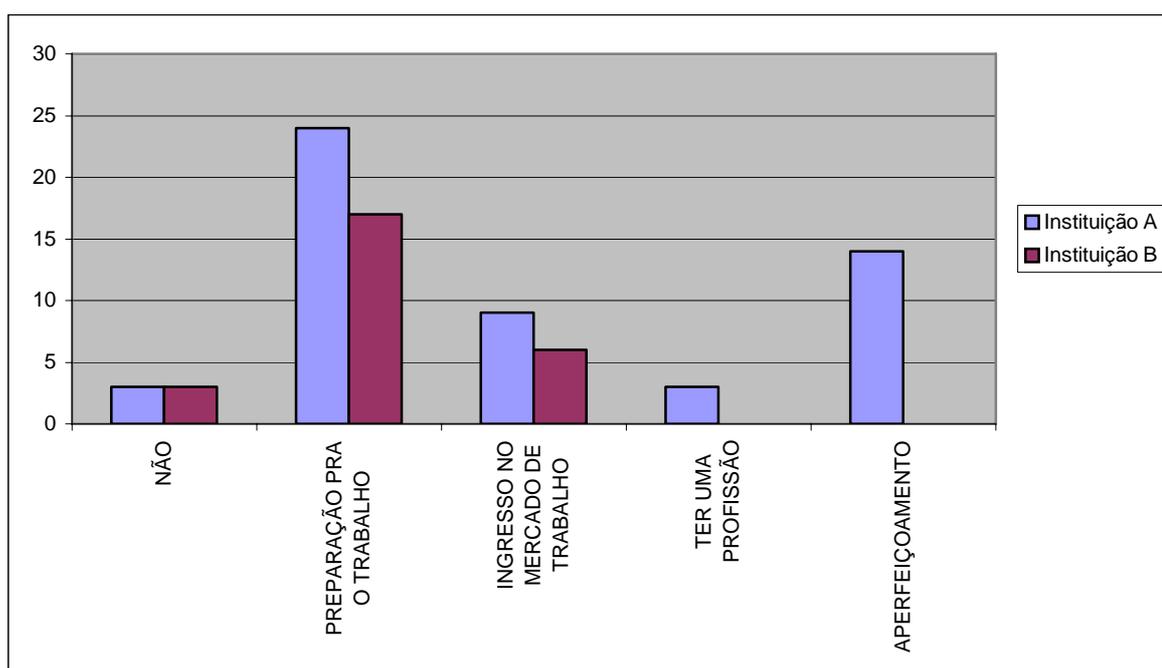


Figura 10 – Colaboração do curso para o projeto profissional.

Quando inquirido sobre a colaboração dos cursos de qualificação no projeto profissional dos jovens, a categoria PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO foi predominante nas respostas, com 24 respostas da Instituição A e 17 da Instituição B, perfazendo um total de 33,62% das respostas. Em seguida veio a categoria INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO, com 9 respostas da Instituição A e 6 da Instituição B, perfazendo um total de

12,3% das respostas. A categoria APERFEIÇOAMENTO, com 14 respostas da Instituição A e nenhuma da Instituição B, perfazendo um total de 11,48% das respostas. Alguns jovens acham que os cursos NÃO colaboram com os seus projetos profissionais: 3 da Instituição A e 3 da Instituição B, perfazendo um total de 4,92% das respostas. Finalmente, TER UMA PROFISSÃO foi a de menor freqüência de respostas, com 3 da Instituição A e nenhuma da Instituição B, portanto, totalizando 2,46% das respostas.

c) Busca na Inserção no Mercado de Trabalho

A Figura 11 apresenta a questão sobre como o jovem se sente em busca da inserção no mercado de trabalho. A categoria EXPECTATIVA/MEDO/ANSIEDADE concentrou um maior número de respostas, com 24 da Instituição A e 7 da Instituição B, perfazendo um total de 25,42% das respostas. Na seqüência, a categoria SITUAÇÃO DIFÍCIL, com 16 da Instituição A e 7 da Instituição B, perfazendo um total de 18,86% das respostas. A categoria PASSAGEM ficou muito próxima da categoria anterior, com 11 respostas da Instituição A e 11 da Instituição B, perfazendo um total de 18,04% das respostas. E dois jovens da Instituição A responderam que ainda NÃO PROCURARAM a inserção no mercado de trabalho.

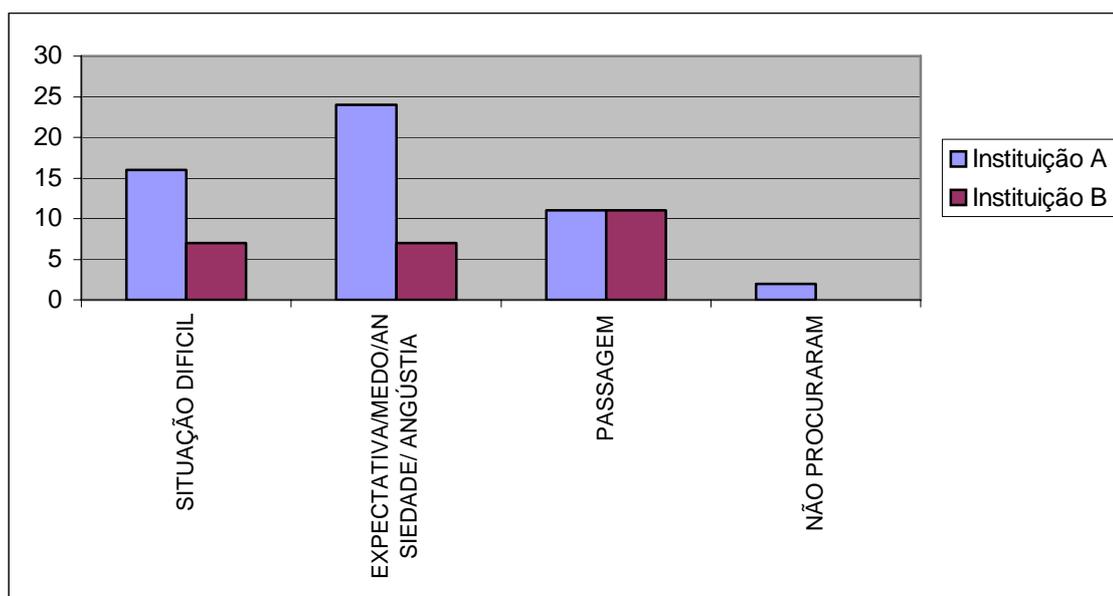


Figura 11 – Inserção no mercado de trabalho.

A seguir são apresentados alguns depoimentos:

Ansioso e nervoso ao mesmo tempo com medo de não dar bola fora. (17 anos, masculino, Instituição A).

É algo que dá um pouco de medo. Por mais que você saiba, sempre dá insegurança em relação à capacidade e ao relacionamento com os outros funcionários da empresa. (17 anos, masculino, Instituição A).

É estar em constante ânsia, em não saber realmente o que se enfrentará. Como situações problemas e dificuldades profissionais e pessoais. Ansioso. (15 anos, masculino, Instituição B).

É difícil, pois além de haver pouco emprego a disputa é muito grande. As empresas querem que nós tenhamos experiência, mas não nos dão chance para consegui-la. (15 anos, masculino, Instituição B).

As novas condições de inserção no mercado de trabalho dos que estão buscando emprego pela primeira vez os colocam perante a uma nova maneira de enfocar e de vivenciar fenômenos sociais diversos. Os sofrimentos ligados às dificuldades de conquistar *status* socioprofissional, as profundas mudanças na vida diária, os riscos associados ao desemprego e ao subemprego são conhecidos. Por isso mesmo, as transformações por que passa o mundo contemporâneo estão a demandar novas e maiores forças psíquicas e virtudes pessoais, necessárias à vida em um mundo em que a concorrência se acirrou. São atributos que transcendem as possibilidades do sistema educacional, a aquisição de qualificação ou de competência (PAIVA, 1997).

d) Maior dificuldade para a inserção no mercado

A Figura 12 refere-se à questão da maior dificuldade que os jovens encontram na inserção ao mercado de trabalho.

Segundo eles, a maior dificuldade encontrada está na categoria RELACIONAMENTO/ADAPTAR-SE AOS NOVOS COLEGAS, com 18 respostas da Instituição A e 7 da Instituição B, ficando com 20,50% das respostas. A segunda mais cotada foi a categoria FALTA DE EXPERIÊNCIA, com 12 da Instituição A e 11 da Instituição B, perfazendo um total de 18,86% das respostas. A categoria INSEGURANÇA/MEDO, com 10 da Instituição A e 8 da Instituição B, perfazendo um total de 14,76% das respostas. A categoria FALTA DE OPORTUNIDADE/COMPETITIVIDADE, com 9 respostas da Instituição A e nenhuma da Instituição B, perfazendo 7,38% das respostas. Três jovens da

Instituição A responderam que a maior dificuldade para inserção no mercado de trabalho estava em assumir RESPONSABILIDADES, ficando com 2,46% das respostas.

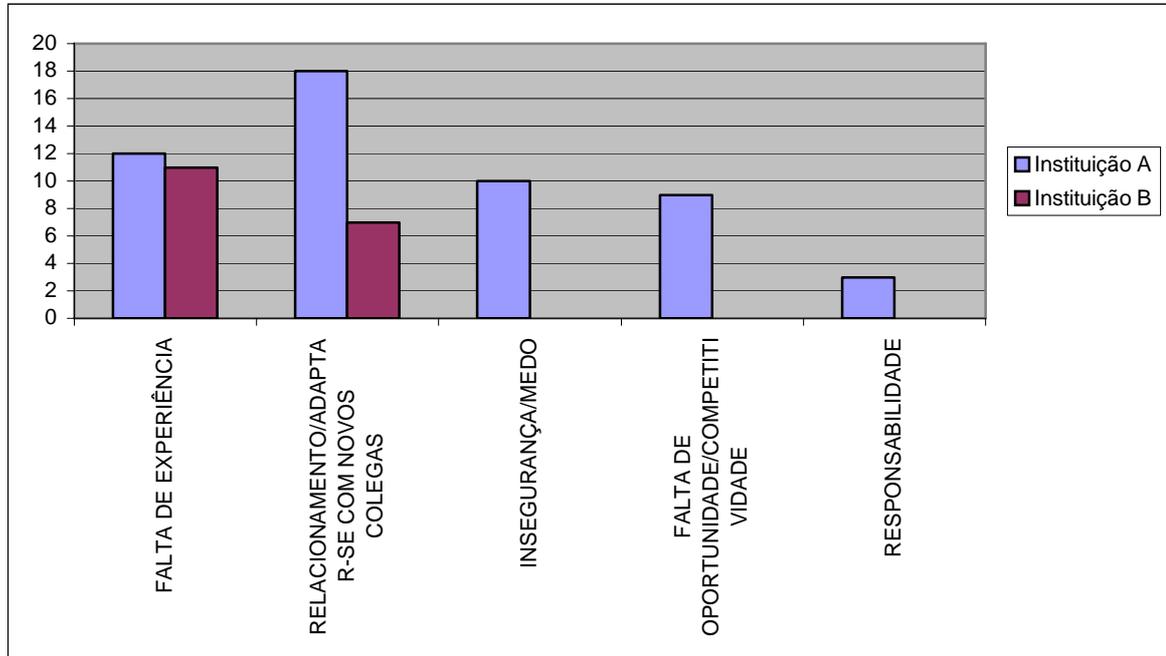


Figura 12 – Inserção no mercado de trabalho.

A seguir são apresentados alguns depoimentos dos entrevistados:

É um pouco difícil por não ter experiência no mercado de trabalho, tem que sempre buscar mais e mais, mas se for bem qualificado é fácil. (17 anos, masculino, Instituição A).

Buscar a inserção no mercado é difícil para todos, pela competitividade e pela responsabilidade de se apresentar bem e trabalhar bem. (16 anos, masculino, Instituição A).

É difícil, porque eu fico naquela, será que vai dar certo? Será que vou conseguir superar os meus erros? Então tenho medo porque não sei o que possa vir a ser. É assustador. 16 anos, masculino, Instituição A).

Lutar para conseguir uma oportunidade e provar sua competência. (15 anos, masculino, Instituição B).

É estar em constante ansia, em não saber realmente o que se enfrentará. Como situações, problemas e dificuldades profissionais e pessoais. Ansioso. (15 anos, masculino, Instituição A).

Com o desemprego crescente e a raridade do trabalho na forma de emprego assalariado regular, ainda assim o trabalho continua a ser um fator estruturante da vida das

peças. Da mesma forma que o mundo do trabalho tem passado por transformações em sua configuração, também ele sofre transformações na maneira como é representado e valorado pelas pessoas.

O trabalho como uma atividade eminentemente humana caracteriza-se por uma necessidade crucial na vida das pessoas nas sociedades modernas, uma vez está vinculado à possibilidade de lhes garantir o sustento, status social, e também, a maneira como organizam suas vidas.

Ao invés de se enfatizar o papel das chances educacionais como elemento de redução das desigualdades sociais e como fator capaz de propiciar mobilidade horizontal e vertical, tende-se hoje a reconhecer que é cada vez mais difícil quebrar a desigualdade cumulativa ao longo da biografia individual. Ao mesmo tempo em que se constata que as instituições educacionais de todo tipo vêm perdendo suas funções como instâncias legitimadoras e normativas na regulação dos transcurso de vida.

e) Pretende fazer mais Curso de Qualificação?

A Figura 13 mostra o interesse dos jovens das duas instituições em fazer cursos de qualificação. O que também constitui a adesão desses jovens às exigências do mercado de trabalho, ou seja, adequar-se à idéia emergente de que o trabalhador deve se submeter a uma validação permanente e a uma constante prova de sua adequação às atividades de trabalho.

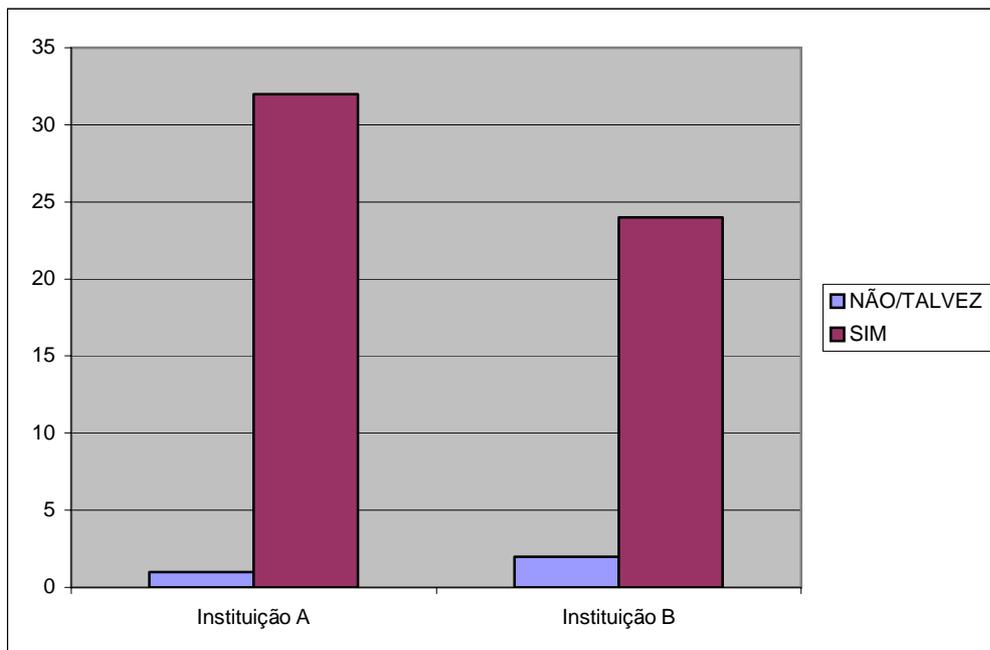


Figura 13 – Pretendo fazer mais cursos de qualificação.

f) Pretende fazer mais Curso de Qualificação? Quais?

A Figura 14 apresenta uma variedade de cursos que os jovens têm interesse em participar, como: cursos de línguas, informática, enfermagem, informática, injeção eletrônica, mecânica, marcenaria, eletroeletrônica, turismo, telecomunicações, montagem e manutenção de computador, administração, desenho, medicina, técnico de laboratório e biologia.

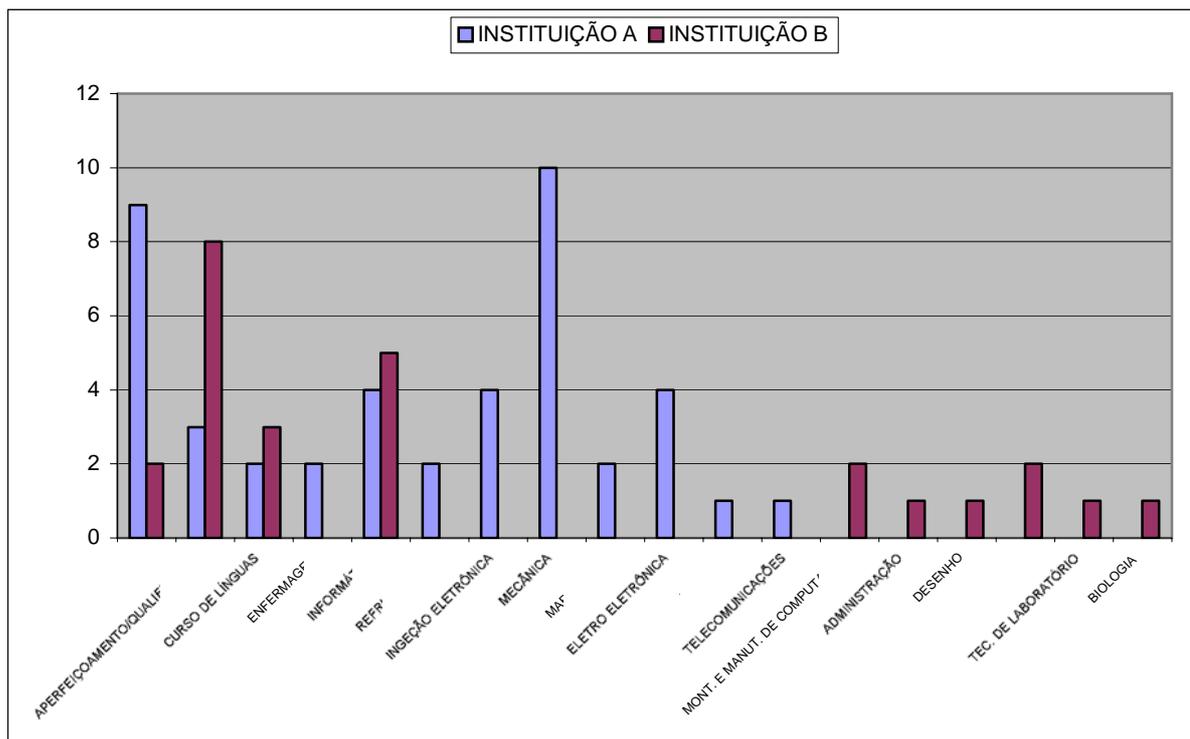


Figura 14 – Pretende fazer mais cursos de qualificação? Quais?

A globalização e a reestruturação produtiva, marcada por um processo de exclusão social, forçaram o Brasil a promover uma profunda reforma educacional. As modificações na estrutura da educação brasileira acontecem no bojo da implantação de uma série de políticas sociais que visam a estabelecer as relações favoráveis às mudanças no padrão de acumulação dos países do Terceiro Mundo.

A formação profissional tem sido vista como uma resposta estratégica aos problemas postos pela globalização econômica, pela busca da qualidade e da competitividade, pelas transformações do mundo do trabalho e pelo desemprego estrutural. Muitos estudiosos afirmam que a inserção e o ajuste dos países dependentes ao processo de globalização e de reestruturação produtiva, sob uma nova base científica e tecnológica, dependem da educação básica, da formação profissional, qualificação e requalificação.

Segundo Silva (1994), os problemas sociais e os problemas educacionais não são tratados como questões políticas, como resultado e objeto de lutas em torno da distribuição desigual de recursos materiais e simbólicos e de poder, mas como questões técnicas, de eficácia/ineficácia na gerência e administração de recursos humanos e materiais.

A reforma educacional brasileira tem como marco importante a aprovação, em 1996, da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A título de regulamentar a LDB, o Governo Federal apresentou uma profunda reforma no ensino técnico nacional. Sua política de formação profissional se expressa tanto na educação formal como por meio de cursos não regulares. A reforma na política de formação profissional está estabelecida de acordo com a legislação que opera a Reforma do Ensino Técnico e Tecnológico, de cursos oferecidos em parcerias com a iniciativa privada, Estado e entidades sindicais, a partir de financiamentos que incluem recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e do Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP).

Esta reforma do ensino técnico e tecnológico se assenta sobre um sistema dual histórico e uma LDB mínima, que é coerente com a tese do Estado Mínimo e com os elementos de ajuste estrutural neoliberal explicitados em capítulos anteriores. Uma das questões centrais da reforma é a obrigação das escolas separarem o ensino regular médio da formação técnica. Ao retirar a formação profissional do sistema formal de educação, a reforma aprofunda a separação entre a escola e o mundo do trabalho. Para Silva (1994, p.30)., "a escola no capitalismo é capitalista porque é separada da produção. Ela é capitalista não por causa de seus efeitos individuais, mas essencialmente por sua posição estrutural de separação em relação à produção".

Outro instrumento importante na reestruturação do sistema de educação profissional é o PROEP. Este programa é uma iniciativa do Ministério da Educação e do Desporto e do Ministério do Trabalho. O objetivo é a "adequação de currículos e cursos às necessidades do mundo do trabalho; da qualificação, reciclagem e reprofissionalização de trabalhadores, independente do nível de escolaridade (PROEP, 1997, p. 1).

O Sistema Nacional de Educação Tecnológica, elaborado pela Secretaria Nacional de Ensino Técnico (SENETE), do MEC, com apoio da Secretaria de Ciências e Tecnologia, pauta-se pela necessidade de o Brasil ingressar no estágio de desenvolvimento atingido pelos países de primeiro mundo, por meio de investimentos sistematizados na busca e uso intensivo de modernas tecnologias, para o qual demanda a formação de recursos humanos capazes.

A formação geral tecnológica, voltada para o preparo de profissionais capazes de absorver, adaptar-se, desenvolver e gerar tecnologias, é o novo desafio da educação.

A educação tecnológica guarda compromisso prioritário com o futuro no qual o conhecimento vem se transformando no principal recurso gerador de riqueza, seu verdadeiro capital e exigindo, por sua vez, uma renovação da escola, para que assuma seu papel de transformadora da realidade econômica e social do país.

Este capítulo mostra que a necessidade dos jovens, sujeitos desta pesquisa, em buscar programas de educação profissional e de inserção no mercado de trabalho é o conhecimento a respeito das transformações sociais para que possa ao compreender, situar-se como pessoa, “saber ser” na nova sociedade que requer de imediato, consciência, vontade e coragem para transformar. Captar, nessa compreensão, as premissas neoliberais que defendem a sujeição da sociedade à lógica do mercado valoriza a iniciativa privada em lugar do Estado, anunciando um futuro de fatalidades para os que não integram esta lógica.

Da retórica neoliberal vão ganhando visibilidade os conceitos de competência individual, empregabilidade e a constituição de um “espírito”, de iniciativa, lealdade, comprometimento, referências que passam a nortear as políticas educacionais e um sem-número de programas/projetos de (re)qualificação profissional direcionados aos trabalhadores, agora chamados a se transformarem em “novos homens”. (TEIXERIA, 1998, p. 29).

Esta situação ficou evidenciada nos discursos dos jovens - o efeito da política da formação técnico-profissional na apologia do emprego por meio da qualificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo verificar qual a concepção que os jovens, inscritos em programas de educação profissional e de inserção no mercado de trabalho, têm a respeito de trabalho, projeto profissional, qualificação e competência. O cenário deste trabalho situa-se no momento em que o processo de reestruturação produtivo se tornou o motor principal das transformações sociais, modificando o cotidiano das pessoas, colocando o desenvolvimento da sociedade sob o lastro das necessidades geradas pelo próprio processo produtivo, estabelecendo novos valores e novos estatutos à educação e ao trabalho.

A pesquisa é referendada pela perspectiva histórica, que estuda os fenômenos humanos em seu processo de transformação e mudança. Neste sentido, buscou-se entender os aspectos sociais, psicológicos e educacionais do trabalho para os jovens.

Com exigências cada vez maiores de adequação dos trabalhadores aos novos modelos de produção, o trabalho passa a ser o ponto de conexão principal com a realidade. É nele que se desenvolve o significado de pertencimento nas pessoas, uma consciência prática de se representar individualmente naquilo que se faz.

Nesta perspectiva buscou-se compreender os aspectos históricos e sociais na transição da sociedade industrial para a pós-industrial, no que diz respeito aos processos de desenvolvimento tecnológico, produtivo e de gestão que embatam diretamente com o mundo do trabalho e da educação, decorrentes, em grande parte, das alterações advindas da crise de paradigma fordista de produção, da automação de base microeletrônica e do fenômeno da globalização.

A reestruturação do setor produtivo, imposta pela política neoliberal de ajustamento da economia resultante das pressões da dívida externa, desencadeia um processo de substituição do modelo taylorista-fordista - marcado pela divisão do trabalho, a produção em massa e a utilização do trabalho desqualificado em tarefas repetitivas e parceladas - por um modelo em que prevalecem novas formas de produção: em lotes variáveis, reintegrando-se atividades, antes parceladas, em células de produção que demandam um novo tipo de mão-de-obra.

As conseqüências dessas transformações têm sido o aumento do desemprego, crescimento do trabalho informal e grandes transformações na estrutura do mercado de trabalho, modificando, ainda, o conteúdo e a natureza do trabalho, requerendo um novo tipo de trabalhador. Então, recorre-se à educação pela exigência de um nível de escolaridade mais elevado, ou seja, um treinamento da força de trabalho adequado às novas formas de produção, implicando em um novo tipo de trabalhador que participe do controle de qualidade do seu próprio trabalho, que seja polivalente, flexível e capaz de se comunicar.

Nesta nova articulação dos processos de reestruturação produtiva, passa-se a exigir do trabalhador qualidades subjetivas e habilidades diferenciadas que possam redirecionar os comportamentos organizacionais diretamente vinculados às necessidades dos sistemas produtivos, tecnológicos e sociais que se (re)articulam no interior das organizações.

Neste contexto, articulam-se projetos de estruturação de uma estratégia pedagógica para formar o novo trabalhador. Essa estratégia articula-se em grandes linhas de atuação, a saber: 1) programa de cursos de qualificação de acordo com a Qualidade Total e a conformação desse novo tipo de trabalhador; 2) educação e formação profissional estruturada de acordo com o modelo da competência. Segundo Silva (1990), a conformação da subjetividade política do trabalhador, como substrato importante do processo educativo formal e informal, ou seja, a capacidade de manipulação e moldagem das consciências, constitui-se num outro eixo constitutivo das novas formas de educação profissional. O controle do comportamento humano adquire padrões cada vez mais sofisticados, e o projeto de "ser alguém" na sociedade passa a se concretizar nos resultados obtidos a partir de seu desempenho no trabalho.

Com essas estratégias pedagógicas, as relações de trabalho e educação são sustentadas pelo discurso de que o trabalhador deve investir na formação continuada e na polivalência, como requisito para inserção no mercado de trabalho. Nesta perspectiva situa-se o debate sobre o trabalho humano, em que se coloca a sua dimensão ontológica, ou seja, a concepção de que é pelo trabalho que o ser humano se compõe e se afirma como sujeito - dessa forma, fazendo a sua história - em contraposição à dimensão histórica do trabalho, em que este, por ter se transformado em trabalho assalariado, alienado, parcelado, tornou-se trabalho desumanizado. Dessa maneira, perde-se de vista a sua dimensão ontológica, que lhe confere a centralidade no debate sobre a vida social (FRIGOTTO, 1993).

O novo discurso em vigor se constrói na tentativa de implicar e comprometer o trabalhador com os objetivos da reestruturação do sistema de produção. Daí a necessidade de

uma nova qualificação do trabalhador. Essa nova qualificação não se restringe apenas ao aspecto técnico, porque significa necessariamente uma passagem para uma nova lógica, o desenvolvimento do sentimento de pertencer, de se integrar e de inserção no mercado de trabalho, desenvolvendo um conjunto de competências segundo a nova ordem do mercado de trabalho, das articulações das dimensões social e política da educação e do trabalho. Nesta pesquisa, contribuiu para a compreensão do impacto desses processos educativos sobre a formação e a dinâmica da subjetividade dos jovens, que se reflete na interiorização de regras e normas de comportamento tendentes a manter a dominação no processo de trabalho, nas formas de exercício do poder e da política de reestruturação produtiva nas perspectivas de democratização da educação.

A situação dos jovens no cenário demográfico, social e político brasileiro, como foi apresentado no capítulo II, mostra, dentre outras situações, a falta de prioridade por parte dos gestores de políticas públicas voltada para atender esse contingente populacional de jovem que está na faixa de 15 a 24 anos, o que nas últimas três décadas tem ocorrido o fenômeno caracterizado como onda jovem, um crescimento demográfico, transformando o país de crianças e jovens em um país de jovens e adultos.

Os contextos social e político não são nada animadores. A pobreza, baixa escolaridade e desigualdades marcam a vida de milhões de brasileiros, e os adolescentes muito mais do que os adultos sofrem esses processos de desigualdade de uma forma mais intensa. A educação e trabalho são uma combinação marcada por essa desigualdade, pois os jovens de famílias trabalhadoras, pela necessidade de complementar a renda familiar, afetada pelo alto grau de desemprego, buscam a educação e a formação profissional como solução para sua inserção no mercado de trabalho, iludido pelo discurso da teoria do capital humano, que coloca a questão do emprego sob o domínio e responsabilidade pessoal. Nos discursos dos jovens foi verificada a eficiência da veiculação desta teoria nos espaços sociais educativos.

O ponto de partida para a formação do indivíduo é a produção social, com suas regras de organização, com seus instrumentos e padrões de convivência. A produção social realizada pelos indivíduos - ao moldar a realidade de acordo com suas regras técnicas e sociais - determina, em última instância, a configuração genérica de homem, expressa empiricamente em cada indivíduo em particular. Isso significa que o desenvolvimento humano está intimamente relacionado com o desenvolvimento sociomaterial, o que implica

dizer que os limites da autonomia humana passam a se circunscrever aos limites do mundo produtivo.

Dentro da perspectiva histórica, o homem é um ser em construção, está sempre se constituindo num processo pelo qual transforma a natureza, as suas condições de vida e, conseqüentemente, cria e recria a si mesmo e a sua espécie.

A sociedade é uma construção do homem, realizada por meio das objetivações humanas, do trabalho. A subjetividade de cada indivíduo, que é próprio de cada sujeito, suas características pessoais, seu jeito de ser e de agir, é construída no jogo das relações sociais. Dessa forma, indivíduo e sociedade constituirão uma mesma realidade, da qual o indivíduo é uma expressão mais particular e a sociedade é uma expressão mais geral.

Nesta perspectiva, as características da adolescência dependem do contexto social e político que o indivíduo está inserido, em função de suas condições de vida e das relações interpessoais. Então não se tem na adolescência uma fase definida do desenvolvimento humano, mas um período da vida que depende das características sociais e econômicas da sociedade que o jovem está inserido.

A concepção de trabalho para a maioria dos jovens sujeitos desta pesquisa está relacionada com a satisfação das necessidades, ou seja, necessidade de sobrevivência do trabalhador, o que diante das exigências do mercado hoje, a natureza social do trabalho na sociedade contemporânea tem se condicionado aos limites da empregabilidade, entendida como a capacidade de obter lugar relativamente permanente no mercado de trabalho.

Nesta condição, a vida dos indivíduos passa a depender não somente de sua inserção no mundo do trabalho, mas da identificação com a atividade desenvolvida profissionalmente. Se o trabalho e sua importância concreta de atendimento das necessidades são comuns a todos os indivíduos, a qualidade na instrumentalização do fazer profissional é que irá diferenciar uns dos outros. Essa condição revela o caráter formador do conteúdo do trabalho sobre o indivíduo, dado que a posição social do indivíduo e sua participação na sociedade são determinadas pela qualidade de sua inserção no sistema produtivo.

O projeto profissional dos jovens sujeitos desta pesquisa, em sua maioria, é fazer faculdade e ser um profissional qualificado e competente. Esses dados mostram duas situações na vida desses jovens: a primeira é a impossibilidade de concatenar o ensino médio com uma formação técnica de pós-médio pela suas condições reais de estudantes de escolas públicas e a urgência de inserir-se no mercado de trabalho, impondo-lhes a necessidade de

adquirirem algum tipo de formação profissional. A segunda situação é a crença nos cursos de qualificação que os tornarão empregáveis, fruto do plano ideológico neoliberal. Conforme afirma Frigotto (1998), já não há mais políticas de emprego e renda nos planos de desenvolvimento social, mas indivíduos que devem adquirir competências ou habilidades no campo cognitivo, técnico, de gestão e atitudes para se tornarem competitivos e empregáveis.

A reforma de ensino médio e profissional é marcada pelo fenômeno de ampliação de vagas nas escolas, embora não tenha resultados efetivos, considerando que cerca de 75% dos jovens da faixa etária correspondente estão fora da escola secundária, podendo-se afirmar seu caráter excludente em relação aos que conseguem nela ingressar. Percebe-se no discurso da educação profissional a existência de estratégias curriculares com a finalidade de manter a classe trabalhadora alijada do saber socialmente valorizado, além da vantagem econômica adicional, de ampliar formalmente o número de trabalhadores escolarizados, o que favorece a classe hegemônica na precarização do trabalho e desvalorização salarial. A qualificação é apenas formal, vazia de qualidade, não assegurando, possibilidades de real inserção perante as exigências do mercado, até porque a própria qualificação é uma falácia, um engodo em um sistema capitalista como o atual.

A garantia de emprego como direito social desapareceu diante da nova promessa de empregabilidade como capacidade individual para disputar as poucas possibilidades de inserção que o mercado oferece. No bojo da reestruturação neoliberal produziu-se a privatização da função econômica atribuída à escola, uma das principais dimensões que definem a própria desintegração do direito à educação.

Nas respostas da maioria dos jovens sujeitos desta pesquisa, qualificação significa preparação para o trabalho, aquisição de conhecimento e ingresso no mercado de trabalho, além de outras respostas, a saber: ter uma profissão, futuro e aperfeiçoamento. Neste sentido percebe-se a apropriação da cultura da trabalhabilidade legitimando a ideologia da qualificação profissional.

A qualificação, entretanto, não é uma categoria abstrata, e a qualidade desenhada nesta perspectiva vem revestida do caráter instrumental e utilitarista próprio das situações de cada classe social e sua posição no jogo social em que o trabalho, de meio para a realização humana, passa à condição de fim em si mesmo.

No interior das instituições de ensino e dos cursos de qualificação são desenvolvidas relações que permitem fazer com que os alunos e professores pensem e sintam que todos se

tornarão empregáveis. O discurso da empregabilidade afirma que a qualificação e a requalificação podem gerar as condições de se chegar à inserção e à reinserção no mercado de trabalho.

Para o Ministério do Trabalho, o conceito de empregabilidade se define, basicamente, pelo conjunto dos elementos: educação básica, qualificação e requalificação profissional, tornando-se um dos pilares de sustentação das políticas de emprego, para os quais define o objetivo do Programa Nacional de Qualificação Profissional.

A concepção de competência, segundo os jovens desta pesquisa, resumiu-se em três categorias: saber fazer; responsabilidade/dedicação e ter qualificação. As três categorias parecem contemplar os pilares do conhecimento segundo a organização de aprendizagem de Delors (1996). Este resultado revela a eficiência da veiculação da proposta da pedagogia da competência, nos espaços sociais educativos dos jovens por meio da reprodução do discurso oficial.

A centralidade do conhecimento (da informação, da produção do conhecimento e de sua difusão) e a implícita mudança da concepção de conhecimento parecem ser uma idéia para a qual convergem todos os discursos. Não só a concepção de conhecimento parece ter se alterado, mas também a relação das pessoas com o conhecimento, a maneira de utilizar os conhecimentos, o lugar que ele ocupa em suas vidas, o modo pelo qual ele passa a incorporar o cotidiano das pessoas. No documento apresentado por Delors (1996), as necessidades básicas de aprendizagem aparecem como necessidades individuais e não como necessidades do sistema social. Define necessidade de aprendizagem como: conhecimento, capacidades, atitudes e valores necessários para que as pessoas sobrevivam, melhorem sua qualidade de vida e sigam aprendendo.

A excessiva ênfase nos processos psicopedagógicos da aprendizagem e a crença de que é possível mudar a educação de um país a partir de uma nova concepção de aprendizagem, constitui uma retórica muito eficaz no convencimento de que o antigo paradigma de educação precisa ser transformado. Nesse sentido, a noção de conhecimento é empobrecida, ao se confundir conhecimento com informação, conhecimento com instrumentalização da ação, conhecimento com a emergência do saber imediato e útil.

Esta pesquisa mostra que os jovens, por meio da apropriação do discurso, fruto da reestruturação do sistema produtivo neoliberal na sociedade contemporânea, estão preocupados e angustiados para atender às exigências do mundo do trabalho, tentativa de

acompanhar a inovação tecnológica e os novos modelos de gestão da força de trabalho que cada vez mais amplia o grau de competitividade social e profissional, ou seja, atender a uma necessidade concreta. O que vem de encontro com a perspectiva teórica que referendou esta pesquisa, que a história do indivíduo é socialmente determinada na sua condição de classe em seus aspectos étnicos, culturais e sociais.

Como foi pontuada nesta pesquisa, a adolescência é fruto da cultura, do meio em que vive, isto é, constitui uma teia complexa de componentes pessoais e sociais.

A complexidade das novas relações sociais e produtivas geradas, atualmente, pela disponibilização de informações, do avanço tecnológico e da globalização, que impõe uma nova ordem, mostra-se desordenada com os impactos do novo e da necessidade de uma aprendizagem que não se reduz ao “saber fazer”, mas se desloca para o “saber ser”. Diante desta complexidade de relações sociais, os jovens sujeitos desta pesquisa tentam adequar o seu projeto profissional, acreditando no discurso neoliberal, de que só depende deles para encontrar o seu espaço no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ANDERSON, P. Balanço do Neoliberalismo. In: **Pós-neoliberalismo**, SADER (Org.). São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Editorial Bomtempo, out. 1999.
- _____. **Adeus ao trabalho?!**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- APLLE, M. W. **Políticas culturais e educação**. Porto: Porto Editora, 1999.
- ARAUJO, R. M. L. As novas qualidades pessoais requeridas pelo capital. In: Trabalho e Educação. Belo Horizonte, n. 5, jan./jun., 1999.
- ÁRIAS, A. R. **Avaliando a situação ocupacional e dos rendimentos do trabalho dos jovens entre 15 e 24 anos de idade na presente década**, julho, 1997.
- ARIES, F. **História social da criança e da família**. São Paulo: Zahar Editores, 1978.
- BOCK, S.D. **A escolha profissional**: uma tentativa de compreensão da questão na perspectiva da relação indivíduo/sociedade, 1987. (Mimeo).
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. São Paulo: Editora Fisco e Contribuinte, 1990.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, n. 248, seção 1, de 23 dez. 1996. Brasília, 1996.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- BRAVERMAN, M. F. L. **Trabalho e capital monopolista a degradação do trabalho no séc. XX**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- BRESSER P. L. C. **Crise econômica e reforma do Estado no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1996.

BUENO, M. S. S. Itinerário do descompromisso da escola pública de 2º grau paulista. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Editores Associados/Fundação Carlos Chagas, nº 109, p. 7-23, 2000.

CALLIGARIS, C. Adolescência. São Paulo. **Publifolha**, 2000. (Folha Explica).

CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: Desigualdade e a Questão Social. São Paulo: EDUC, 1997.

CASTELLS, M. Uma revolução em curso. **Revista Melhor Vida & Trabalho**. São Paulo, nº 158, jul. 2000.

CASTRO, C. de M. **Educação brasileira: consertos e remendos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **O secundário: esquecido em um desvão do ensino?** Textos para discussão nº. 2, Brasília: MEC/INEP, 1997.

CHAUÍ, M. **Ideologia neoliberal e universidade**. Conferência proferida na USP. São Paulo, 1997. (mimeo).

CHESNAIS, F. **A Educação funcional**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1996.

_____. Capitalismo de fim de século In: **Globalização e Socialismo**. 1997.

_____. **A mundialização do capital**. 1996.

CLÍMACO, A. A. de S. **Repensando as concepções de adolescência**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP. 1991.

CNPD. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília, DF, 2000. 2v.

CODO, W. et al. **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1993.

CORIAT, B. **Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho e organização**. Rio de Janeiro: Revan/EdUFRJ, 1994.

COSTA, A. C. G. da. **De menor a cidadão: notas para uma história do novo direito da infância e da juventude no Brasil**. Brasília: Governo do Brasil, (s.d.).

_____. (Org.). **O Mundo, o trabalho e você**. São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 2002.

_____. (Org.). **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Belo Horizonte: Fundação Odebrecht, 1996.

DELORS, J. Educação – Um Tesouro a Descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Lisboa. Portugal: Edições ASA, 1996.

DEMO, P. **Educação pelo avesso: assistência como direito e como problema**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Política social do conhecimento: sobre futuros do combate à pobreza.** Petrópolis: Vozes, 2000.

DESALNIER, J. B. **Formação, competência e cidadania.** Educação e Sociedade, n. 60. dez. 1977.

DIEESE. **Banco de dados de mercado de trabalho - GNP - Brasil, 2002 primeiro quadrimestre.** Disponível em: <<http://www.globalpolicynetwork.org>>. Acesso em: 6 jun. 2002.

DUARTE, N. **Vigotsky e o “Aprender a Aprender”.** Crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigostskiana. São Paulo: Autores Associados, 1999.

EDUCAÇÃO & SOCIEDADE. **Revista Quadrimestral de Ciência da Educação.** Competência, Qualificação e Trabalho. n° 64, set. 1998. Especial.

ENGUITA, M. F. Tecnologia e sociedade: a ideologia da racionalidade técnica, a organização do trabalho e a educação. In: **Trabalho, educação e prática social.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ERICKSON. E. H. **O ciclo de vida completo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERREIRA, S. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERRETTI, C. J et al. **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar.** Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Tecnologias, trabalho e educação.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREITAS, M. T. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil.** Campinas: Papyrus, 1994.

FREYSSINET, M. **La division capitalista du travail.** Paris: Savelli, 1977.

FRIGOTTO, G. **A produtividade: escola improdutiva.** São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1984.

_____. **Educação e crise do capitalismo real.** São Paulo: Cortez, 1995.

GARCIA, D. M. F. **Juventude em tempo de incertezas: enfrentando desafios na educação e no trabalho.** Tese doutorado. Unicamp/Campinas, 2002.

GENTILLI, P. (Org.). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação.** Petrópolis - RJ: Vozes, 1995.

_____. **A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. (Org.). **Globalização excludente: desigualdades, exclusão e democracia na nova ordem mundial.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HENRIQUES, R. **Desigualdade racial no Brasil**: evolução das condições de vida na década de 90. Texto para discussão n° 807. Rio de Janeiro/Brasília: IPEA, 2001.

HIRATA, H. Da polarização das qualificações ao modelo da competência. In: FERRETTI, C. ZIBAS, D.; MADEIRA, F.; FRANCO, M. L. **Tecnologias, trabalho e educação um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Receitas japonesas, realidade brasileira**. Estudos Cebrap. v.2, n.2, p.61-65, jul, 1983.

_____. **Sobre os cenários econômicos, políticos e tecnológicos mundiais**. São Paulo, 1989. (Mimeo).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.net/ibge/estatística/população/censo2000>>. Acesso em: 6 jun. 2002a.

_____. **Censo escolar 2001**. Disponível em: <<http://www.ibge.net/ibge/estatística/população/censo2000>>. Acesso em: 6 jun. 2002b.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Diagnóstico da situação educacional de jovens e adultos**. Brasília: O Instituto, 2000.

JACINTO, C. S. A. L. **Juventude e formação profissional na América Latina**. Brasília: Em Aberto, n.65, jan. mar., 1995.

KUENZER, A. **Educação e trabalho no Brasil**: o estado da questão. Brasília: INEP, 1987.

_____. **Ensino de 2° grau**: o trabalho como princípio educativo. São Paulo: Cortez, 1992.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

LINHART, D. O indivíduo no centro da modernização das empresas: um conhecimento esperado, mas perigoso. **Trabalho & Educação**. BH, n. 7, jul./dez. 2000.

MACHADO, L. R. S. A educação e os desafios das novas tecnologias. In: FERRETTI, C. et al. (Org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**, 1994.

_____. **Educação básica, empregabilidade e competência**. Trabalho e Educação. Belo Horizonte, n. 3, jan./jul. 1998.

_____. Qualificação do trabalho e as relações sociais. In: **Gestão do trabalho e formação do trabalhador**. Belo Horizonte, 3, MCM, 1996.

MADEIRA, F. e BERCOVICH, A. A onda jovem e o seu impacto na população economicamente ativa masculina em São Paulo. In: **Revista de Planejamento e Políticas Públicas**. Rio de Janeiro: IPEA, n. 8, 1992.

MADEIRA, F. A onda jovem e seu impacto na população ativa de São Paulo In: **Revista de Planejamento e Políticas Públicas**. Rio de Janeiro: IPEA, v.1, n.1, jun. 1989.

MARTINS, J. de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MARX, K. **Manuscritos, economia y filosofia**. Madrid: Alianza Ed., 1984.

_____. **Para a crítica da economia política.** São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã** (Feuerbach). 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.

MEDEIROS, M. A importância de se conhecer melhor as famílias para a elaboração de políticas sociais na América Latina. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/pub/ppp/ppp11.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2002.

MELO, H. P. **Trabalhadoras domésticas: o eterno lugar feminino: uma análise dos grupos ocupacionais.** (s.l.): OIT/IPEA, (s.d.).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Trabalho e consumo. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 2002.

MIRANDA, M. G. Psicologia do desenvolvimento: o estudo da construção do homem como ser individual. **Educativa.** Goiânia, v.2, p. 27-44, 1999.

MORAES, C. S. V.; FERRETTI, C. **Diagnóstico de formação profissional.** Equipe Nacional de Pesquisa. São Paulo: Artchip Editora, 1999.

_____. **Diagnóstico da formação profissional: ramo metalúrgico.** São Paulo: CNM/Rede UNITRABALHO, 1998. Parte 1, cap. 2, p 53-85.

_____. Ensino médio e qualificação profissional uma perspectiva histórica. In: BRUNO, L. (Org.). **Educação e trabalho no capitalismo contemporâneo.** São Paulo: Atlas, 1996. p 124-145.

OLIVEIRA, R. **Ensino médio e educação profissional: reformas excludentes.** Palestra proferida na ANPED. Caxambu, MG, 2001. (Mimeo).

O PROGRAMA. Disponível em: <<http://www.acesasaopaulo.sp.gov>>. Acesso em: jul. 2002.

PAIVA, V. Desmistificação das profissões: quando as competências reais moldam as formas de inserção no mercado do trabalho. Contemporaneidade e Educação. **Revista Semestral de Ciências e Educação.** Rio de Janeiro: IEC, n. 1, 1997.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência da criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PINHEIRO, P. S. O Estado de direito e os não-privilegiados na América Latina. In: MÉNDES, Juan E.; O'DONNELL, G.; PINHEIRO, P. S. (Org.). **Democracia, violência e injustiça: o não estado de direito na América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho.** São Paulo: Publisher Brasil. 2000.

_____. **A inserção ocupacional e o emprego dos jovens.** São Paulo: ABET, 1998.

QUADROS, W. e ANTUNES, D. J. Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa. **Cadernos CESIT,** n. 30, out. 2001.

RODRIGUES, J. **O moderno príncipe industrial: o pensamento pedagógico da Confederação Nacional da Indústria.** Campinas: Autores Associados, 1998.

ROMANELLI, O. **História da educação no Brasil (1930-1973).** Petrópolis: Vozes, 1978.

ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social ou princípios do direito político.** São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 1-146 (Os pensadores).

SCHUARTZ, G. Regulação: palavra feia, mas necessária. Disponível em: <http://www.uol.com.br/aprendiz/colunas/gilson_schwartz/id260700.html>. Acesso em: 11 jul. 2002.

SILVA, E.; MOTTI, A. (Coord.) **Estatuto da criança e do adolescente: uma década de direitos - Avaliando resultados e projetando o futuro.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

SILVA, T. T. **O que produz e o que reproduz em educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____. **Teoria educacional: críticas em tempos modernos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

SOARES, S. A. G. **Políticas públicas, qualificação profissional e a educação do trabalhador no final da década de 90 no Brasil: empregabilidade ou inserção social?** Tese de doutorado. Unicamp/Campinas, 1998.

SPECTOR, P. E. **Psicologia organizacional.** São Paulo: Saraiva, 2002.

TEIXEIRA, A. **Trabalho, tecnologia e educação: algumas considerações.** Cadernos do Centro de Estudos e Ação Social, Salvador, n. 177, set./out. 1988.

UNICEF. **Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem.** Conferência Mundial sobre Educação para Todos, 1990. Jomtien. Brasília, 5-9 mar. 1991.

URT, C. S. Uma análise psicossocial do significado do trabalho para os jovens. Tese de Doutorado. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Teoria e método em psicologia.** 2 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

BIBLIOGRAFIAS COMPLEMENTARES

- ABRAMO, H. W; FREITAS, M. V; SPÓSITO, M. P. (Org.). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.
- ALBUQUERQUE, T. de S. **Retratos vivos do cotidiano escolar**: um estudo de crianças e adolescentes de camadas populares. Cascavel: ASSOESTE-Ed. Educativa, 1991.
- AMMANN, P. **As teorias e a prática da formação profissional**. Brasília: MTb/SMO, 1987.
- ARAPIRACA, J. O. **A USAID e a educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 1982.
- BARBOSA, A. de F.; MORETTO, A. **políticas de emprego e proteção social**. São Paulo: ABET, 1998. (Coleção ABET. Mercado de Trabalho, v. 1).
- BIANCHETTI, L. **Da chave de fenda ao laptop**: tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação. Petrópolis/Florianópolis: Vozes, 2001.
- CALDERON, A. I. (Org.). **Juventude, capacitação profissional e inclusão social**: uma experiência de extensão universitária. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- CANDEIAS, A. Políticas educativas contemporâneas: críticas e alternativas. **Educação & Realidade**. Jan./jun. 1995.
- CARMO, P. S. do. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. São Paulo: SENAC, 2001.
- CARNOY, M. **Estado e teoria política**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- COCCO, G. **Trabalho e cidadania**: produção e direitos na era da globalização. São Paulo: Cortez, 2000.
- ESTEVES, A. J. **Jovens e idosos, família, escola e trabalho**. (S.l.): Edições Afrontamento, 1995.
- FONSECA, C. S. da. **História do ENSINO INDUSTRIAL no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAI/DN/DPEA, 1986. v. 5.
- FRIEDRICH. W, KOSSAKOWSKI, A. **Psicologia de la edad juvenil**. 4. ed. La Habana: Edicion Revolucionaria, Instituto Cubano del libro, 1975.
- GÍLIO, I. **Trabalho e educação**: formação profissional e mercado de trabalho. São Paulo: Nobel, 2000.
- GOMES, C. A. **O jovem e o desafio do trabalho**. São Paulo: EPU, 1990.
- GOMES, C. M. et al. **Trabalho e conhecimento, consciência e a educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1987.
- HELLER, A. **Cotidiano e história**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MOVIMENTO. Juventude, educação e sociedade. **Revista da Faculdade de Educação**. Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ: DP&A Editora, n. 1, maio 2000.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed. 1999.

_____. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PORTO, V. et al. **Via Jovem**. Fórum jovem século XXI: educação, formação profissional e empregabilidade. Brasília: OIT, 2001.

PRIEUR, N. **Adolescentes/pais: diálogo de surdos?**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

RESENDE, A. C. **Fetichismo e subjetividade**. São Paulo: PUC, 1992.

RIVERA, D. **Pelo amor destas bandeiras: um chamado à consciência nacional**. Brasília: Governo do Brasil, 1991.

SALLES, L. M. F. **Adolescência, escola e cotidiano: contradições entre o genérico e o particular**.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 1997a.

_____. **Educação e questões da atualidade**. São Paulo: Livros do Tatu/Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia: histórico crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997b.

SENAI-MS. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Coordenadoria de Educação Profissional. **Proposta pedagógica das unidades de ensino do SENAI-MS: diretrizes gerais**. Dalva G. Souza (Coord.). Campo Grande, MS, 2000.

TRABALHO & EDUCAÇÃO. Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação. FaE/UFMG, 2001. n. 8, jan./jun. de 2001.

_____. Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação - FaE/UFMG. n 6, jun./dez. 1999; jan./jun. 2000.

TREVISAN, L. **Transformações no trabalho**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

VIEIRA, S. L. **O (dis)curso da (re)forma universitária**. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

_____. **Política educacional em tempos de transição (1985-1995)**. Brasília: Plano, 2000.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record. 2000.

ZANELLA, A. V. **Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em situações variadas**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1992.

ANEXOS

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A minha participação nesta pesquisa é voluntária. Fui informado (a) sobre os objetivos, os procedimentos, a relevância do trabalho, assim como sobre a sua duração. Tenho pleno conhecimento de que posso me negar a participar.

Autorizo a divulgação das informações concedidas dentro da realização da pesquisa nos meios acadêmicos. Minha identidade será resguardada, mantendo-se confidencial, em caso de publicação e apresentação dos dados ou sua utilização em estudos futuros.

Ciente,

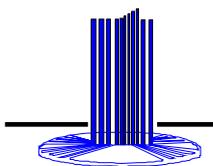
Nome do participante

Assinatura

Nome do pesquisador

Assinatura

Campo Grande, de de 2001.



UFMS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Título: Trabalho e Educação Profissional: uma análise sob a ótica dos jovens

QUESTIONÁRIO

Data:

Nome:

Idade:

Estado Civil

Sexo:

Escolaridade: Série:

Escola: Pública ()

Privada ()

Trabalha: () Sim

Local:

() Não

Função:

Das Concepções:

O que é trabalho para você?

Qual o seu projeto de vida profissional?

O que é competência para você?

Das Qualificações:

Qual curso de qualificação que você faz(e)? Qual a carga horária?

Qual o seu objetivo em participar de Curso(s) de Qualificação Profissional?

Este curso que você participa(ou) colabora para o seu projeto profissional? De que forma?

Você pretende fazer mais cursos de qualificação? Quais? Por que?

Como é para você a busca da Inserção no Mercado de Trabalho?

Na sua opinião qual a maior dificuldade da inserção no mercado de trabalho?

Respostas dos questionários - Instituição A

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
1 - CWC - 18^a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola pública Trabalha Depósito de Materiais de Construção Função: entregador Curso: Mecânica Diesel - 800h	Trabalho é tudo que você faz, a escola é um tipo de trabalho, não importa o que você faz que sempre vai ser um tipo de trabalho.	Fazer uma faculdade, Ter um bom emprego e ser feliz.	Competência é trabalhar direito e fazer as coisas com gosto porque sem gosto não sai nada direito	Ter uma profissão com que possa contar no futuro.	Sim, mais uma coisa que eu já sem fazer e mais uma profissão.	Muito difícil.	É que sempre onde você vai sempre o empregado quer experiência.	- Sim, injeção Eletrônica, Bomba Injetora, para poder ajudar na minha vida profissional.
2 - SSS- 17^a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola pública Trabalha Perkal Função: Menor aprendiz Curso: Mecânica Diesel - 800 h	Trabalho para mim é tudo aquilo que você se dedica para ter um bom futuro empresarial.	Meu projeto de vida é esse mesmo que estou. Pretendo oficializar nessa profissão e levar a minha vida como mecânico.	Competência é aquilo que você mostra trabalhando. O que você aprendeu você faz sem medo e sem preguiça.	O meu objetivo maior é aprender para quando eu for realizar algum trabalho mostrar o que aprendi. (Mecânica diesel).	Sim, porque eu sem uma profissão não conseguiria nada na vida.	Como eu já tenho o 1º emprego já sei é muito difícil, porque eu não tenho experiência de trabalho, mas depois você pega os macetes.	- A tirção de sarro dos empregados mais velhos.	Sim, qualificação em diesel e auto.
3 - L -15 a Masculino Solteiro 8ª série Escola pública Não trabalha Curso: Mecânica diesel - 800 h	Trabalho é tudo na vida de alguém, sem ele você não vive.		A pessoa que tem competência sempre cumpri com sua palavra.	Não responde	Sim, com este curso eu aprimoro os meus conhecimentos, e também facilita a minha entrada para o mercado de emprego.	Pode ser interessante, será uma nova experiência em minha vida.	Eu acho que é no ambiente de trabalho, até você conhecer seus novos colegas.	No momento não, mas talvez mais tarde.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
4 - FRM - 15 a Masculino Solteiro 8ª série Escola pública Trabalha G & A embalagens Função: Tipografia Curso: Artes gráficas	Trabalho é tudo o que devemos fazer para mais tarde ter uma família, saber ganhar dinheiro para sustentá-la.	Eu pretendo seguir artes gráficas.	Competência é a pessoa saber o que está fazendo, é saber levar a vida com cuidado.	Me tornar técnico em gráfica. (artes gráficas - 1.200 h)	Sim, este curso melhorou muito a minha vida, porque antes de entrar aqui andava muito com más companhias e agora não.	Muito emocionante.	No primeiro dia porque a gente não conhece ninguém na firma.	Não, porque como já disse pretendo ser técnico.
5 - EFF - 17 a Masculino Casado 8ª série Escola Pública Não trabalha Curso: Artes gráficas - 1.200 h	Ação de exercer sua competência de alguma forma.	Conseguir trabalho com que eu sei de artes gráficas.	É ser capacitado profissionalmente.	De conseguir me preparar para o trabalho. (artes gráficas).	Sim, porque eu pretendo conseguir trabalhar no ramo de que eu seu fazer e de conseguir um cargo de alto funcionário da empresa.	Um meio complicado, uma parte quer outro não quer.	Falta de oportunidade.	Sim, aprofundar mais na informática, porque toda empresa está informatizada.,
6 - AUF - 17 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Eletricista predial - 800 h	É uma das coisas mais útil para melhorar sua vida.	Trabalhar em uma boa empresa.	Não respondeu	Adquirir conhecimento	Sim, porque irei usar o conhecimento que adquirir no curso.	Uma nova fase na minha vida.	As tarefas que requer muita responsabilidade.	Sim, pretendo me aprofundar no curso de refrigeração.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
7 - ESF - 17 a Masculino Solteiro 3º ensino médio Escola privada Trabalha Belgo Informática Função: Aprendiz Curso: Eletricista de manutenção eletroeletrônica - 1.600 h	É a maneira como as pessoas se qualificam, exercem uma função dentro da sociedade. Seria a dignificação do homem como cidadão.	Ser primeiramente um bom profissional, qualificado e dedicado no que faz. E futuramente montar o meu próprio negócio, de manutenção e vendas de equipamentos eletrônicos.	É a capacidade de satisfazer o cliente, ser capaz de resolver problemas e desenvolver bem o seu trabalho, procurar sempre aprimorar seus conhecimentos e ser o melhor sempre.	Conseguir uma boa preparação para o mercado de trabalho, além de gostar e ter um bom currículo.(artes gráficas).	Sim, me ajuda na prática profissional, além de ter tido uma boa qualificação teórica, além das aulas de prevenção de acidentes e primeiros socorros, como me portar em uma empresa e todos os meus direitos e deveres diante da empresa.	Uma experiência nova, embora já esteja empregado, é muito interessante, o fato da concorrência que se tem para uma vaga de emprego.	No meu caso, como estagiário seria o tempo em que se leva para aprender consertar, dar manutenção. Não que não se saiba, mas isso se deve a socialização dentro da empresa.	Sim, manutenção de micro, análise de sistema, telecomunicações. Porque são áreas novas, que estão em crescimento.
8 - JCB - 18 a Masculino Solteiro 3º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Eletricista de manutenção eletroeletrônica - 1.600 h	Para mim trabalho é a necessidade que as pessoas tem as vezes para criar sua família, pagar suas contas, fazer suas compras e se vestir bem.	Pretendo fazer faculdade no IME (Instituto Militar de Engenharia) e me tornar um engenheiro militar	São as qualificações que um trabalhador tem, tanto profissional como intelectuais.	Me preparar melhor para o mercado de trabalho. (eletricista de manutenção eletroeletrônica).	Sim, porque este me ensina algo em que futuramente irei utilizar em minha faculdade.	É uma fase um pouco demorada e requer paciência.	Na maioria dos anúncios eles pedem pessoas que tenham no mínimo um ano de experiência, quase ninguém aceita pessoas sem experiência.	No momento não penso em fazer mais cursos, pretendo entrar em uma faculdade.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
9 - ENF - 17 a Masculino Solteiro 3º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Eletricista de manutenção eletroeletrônica	Trabalho é muito importante para mim porque sem ele não existe como viver sem dinheiro, só que também é preciso saber lidar com o trabalho e sempre trabalhar com dignidade e com grande respeito	Ser um profissional qualificado para trabalhar na área, e levar sempre a sério tudo que eu fizer.	Competência é ser competente, organizado, qualificado.	Fazer o melhor possível para ser qualificado para um trabalho. (Eletricista de profissão com que eu possa contar no futuro. (mecânica diesel - 800hs)manutenção eletroeletrônica)	Sim, na forma de ensino, conhecimentos e incentivos, etc...	É um pouco difícil por não ter experiência no mercado de trabalho, tem que sempre buscar mais e mais, mas ser for bem qualificado é fácil.	A falta de experiência.	Não, por algum tempo, pretendo apenas trabalhar.
10 - ECC - 16 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola privada Trabalha Perkal Caminhões Função: Aux. Mecânica Curso: Mecânica de automóveis - 1.600 h	A função realizada em um emprego, em um período não determinado.	Continuar trabalhando na concessionária, engancha no serviço militar e trabalhar arrumando aeronaves.	É a facilidade de se enturmar no primeiro emprego, e a facilidade de fazer o serviço.	Ter a base da mecânica e ter uma profissão para o futuro. (Mecânica de automóveis)	Sim, o curso de mecânica serve como base para mim, como a primeira noção do emprego e do trabalho.	Não está tão boa assim essa busca, já cheguei ao primeiro emprego. Buscar o primeiro emprego é difícil para todos, pela competitividade e pela responsabilidade de se apresentar bem e trabalhar bem.	A maior dificuldade é de se enturmar com pessoas de personalidade diferente da sua.	Sim, pela minha área ser de muita evolução tecnológica, é necessário estar sempre qualificado. (mecânica de automóveis).

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
11 - JPSC - 17 Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola pública Trabalha Shop Diesel Função: Aux. de oficina Curso: Mecânica de automóveis - 1.600	É uma atividade desenvolvida visando benefícios.	Terminar os estudos e formar em arquitetura.	É ser responsável.	Ingressar no mercado de trabalho. (M.M.M)	Sim, servindo como base para realizações maiores no futuro.	É estar em busca da maturidade.	Ser aceito no ambiente de trabalho.	Sim, Injeção eletrônica, para melhorar meus conhecimentos.
12 - MO - 18 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola pública Trabalha Indústria Rigna Função: torneiro Curso: Mecânica de manutenção de máquinas - 1.600 h	Trabalho para mim não é só trabalhar e receber por aquilo que eu trabalhei, é também uma “escola”, por no curso você não aprende tudo sobre a profissão, e no trabalho além de você exercer aquilo que aprende no curso também aprende coisas novas.	Continuar trabalhando de torneiro mecânico, que foi a profissão que escolhi, aperfeiçoando cada vez mais meus conhecimentos.	É fazer certo tudo que lhe dão pra fazer.	Tirar bastante proveito dos ensinamentos. (M.M.M)	De forma que tudo que eu faço no curso, eu posso fazer lá fora, no mercado de trabalho.	Para mim foi um desafio que terminou quando comecei a trabalhar.	Conseguir se encaixar dentro da empresa.	Não.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
13 - WRC -17 a Masculino Solteiro 3º ensino médio Escola pública Trabalha Indústrias Rigna Função: Diversos Curso: Mecânica de manutenção de máquinas	Compreendo que o trabalho significa aplicar aquilo que eu sei nas coisas que eu preciso, de maneira total ou parcial dependendo de minhas condições e, permitindo até receber uma troca em virtude deles.	Aprender mais, acredito que por esta base, sei que posso pensar em outros cursos, outra especialização, num outro afazer.	Atribuir a tudo que faz muita perseverança e vontade.	Além de aprender o curso. Conseguir trabalho.(mecânico de manutenção de máquinas).	Sim, me sinto confiante.	Não está tão boa assim essa busca, já cheguei ao 1º emprego.	Estar numa inteira confiança consigo mesmo porque os problemas virão logo quando você chega, e então, você se estremece, se sente incapaz, por fim seus esforços parecem inúteis diante duma tarefa.	Não gosto de previsões.
14 - JPCC - 16 a Masculino Solteiro 8ª série Escola pública Não trabalha Curso: Mecânica de manutenção de máquinas	É como se fosse uma fase de nossa vida, lá nós ganhamos nossa independência, no trabalho nós aprendemos mais sobre o que nós queremos e devemos aprender.	Fazer uma faculdade na área de trabalho que eu atuo, e entrar no exército.	Uma pessoa que faz tudo certo, não erra, não chega atrasado.	Aprender alguma coisa sobre o que eu não sabia e me informar melhor sobre o meu curso. (mecânico de manutenção de máquinas - 1.600 h)	Sim, aprendendo e me incentivando a fazer outros cursos.	Ansioso e nervoso ao mesmo tempo com medo de não dar bola fora.	Não conseguir nenhuma pessoa no serviço que possa te orientar como as coisas funcionam por lá.	Sim, com computadores, porque hoje em dia quem não sabe mexer com computador não sabe nada.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
15 - WTG - 17 a Masculino Solteiro 3º ensino médio Escola pública Trabalha Indústria Rigna Função: torneiro mecânico Curso: Mecânica de manutenção de máquinas - 1.600	É uma responsabilidade que faz uma pessoa crescer e também aprimorar os seus conhecimentos, tendo assim mais experiência e responsabilidade.	Prestar um curso em uma universidade e seguir outra carreira profissional.	É o profissional ser bom, esforçado e dedicado no que faz, isso para mim é ser competente.	Aprender uma profissão que talvez possa vir usar no futuro	Sim, talvez se eu entrar no exército ele pode vir a ser muito útil para mim.	Uma experiência que todos passam por ela e agora eu estou passando.	A responsabilidade.	Não.
16 - JA - 17 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola pública Trabalha Chassi Automotivo Função: Aux. aprendiz de mecânica de eixo Curso: Mecânica de máquinas - 1.600 h	Prestação de um serviço a ser realizado para outras pessoas.	Tornar-me um profissional na área de mecânico de eixo.	Ser responsável dentro da sua área de serviço, chegar no horário, realizar algum serviço com rapidez desde que atinja as expectativas dos clientes.	Não respondeu	Em algumas partes.	Se enturmar com o pessoal ou grupo em si.	Não respondeu.	Sim, especialização em cambagem, caster, alinhamento e balanceamento de caminhões.
17 - ALR - 16 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Mecânica de manutenção de máquinas - 1.600 h	Necessário para qualquer pessoa poder viver.	Fazer uma faculdade de alguma coisa.	A pessoa saber o que está fazendo.	Ser um bom profissional. (M.M.M).	Sim, aprendendo a me organizar em uma empresa, sem ter preocupações.	Iniciar a minha carreira profissional.	O nervosismo da pessoa.	Sim, montagem e manutenção de micro e inglês, porque eu acredito que, o mercado de trabalho exigiria.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
18 - TLC - 16 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola privada Não trabalha Curso: Mecânica de manutenção de máquinas - 1.600 h	É um modo de você conseguir seu próprio meio de sustento.	Técnico em processamento de dados ou ciências da computação.	É um modo de você trabalhar tendo sua garantia de que o serviço será de qualidade.	Para ter uma qualificação a mais para ter vantagem no meio de trabalho. (MMM)	Não.	É bom porque nós já sabemos que estamos no mercado de trabalho.	A falta de experiência que é exigida pela maioria dos profissionais.	Sim, para ganhar mais experiência, computação avançada.
19 - DAE - 18 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola privada Não trabalha Curso: Mecânica de manutenção de máquinas- 1.600 h	Independência.	Ser um bom profissional.	Trabalhar com seriedade.	Ser alguém na vida. (MMM).	Colabora, porque quero servir o exército e quem sabe lá. ser um bom profissional	É estar em busca de um novo eu.	A confiança.	Por enquanto anda não tenho idéia, mas quem sabe mais para frente. Depois de terminar meus estudos
20 - C - 16 Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola pública Trabalha Indústria Rigna Função: Aprendiz de torneiro Curso: Mecânica de manutenção de máquinas	Sair em busca do que deseja.	Ser um profissional qualificado.	Ser responsável com seu dever.	Ter uma profissão. (tornearia).	Sim, todas.	Não respondeu.	Não respondeu.	Sim, porque pretendo ser um profissional qualificado.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
21 - WF - 16 a Masculino Solteiro 8ª série Escola pública Não trabalha Curso: Mecânica de manutenção de máquinas	Uma coisa obrigatória.	Me formar e ter um bom emprego na minha área. (manutenção de máquinas)	É ter capacidade de executar uma tarefa.	Ter uma profissão. (MMM).	Sim, é a área que pretendo atuar profissionalmente.	Uma coisa chata, mas temos que trabalhar, fazer o que né?	Ter que trabalhar, é a maior dificuldade.	Sim, porque eu gosto, principalmente. Cursos que tem a ver com área de mecânica de aviões.
22 - TAS - 16 a Masculino Solteiro 3º ensino médio Escola privada Trabalha Veigrande Veículos Função: Aux. mecânica Curso: Mecânica de manutenção de máquinas - 1.600 h	Você prestar serviço a alguém, em troca de um salário.	Fazer um curso de física na UFMS e trabalhar em alguma empresa que me de futuro.	Ter capacidade de realizar um trabalho com a certeza de realizá-lo corretamente.	Aprender sobre minha área (mecânica) e me aperfeiçoar com o tempo. (MMM).	Sim, é o meio com que consigo dinheiro para pagar meus estudos.	Foi inesperado, porém bem vindo, gostei muito apesar de não ter procurado.	Adaptar-se as regras e aos companheiros de serviço.	Talvez na área de mecânica, quero me aperfeiçoar, mas não quero virar mecânico.
23 - ST - 18 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola privada Trabalha Expresso Maringá Função: transportador Curso: Mecânica diesel - 800 h	É uma função, uma parte da vida de uma pessoa, trabalho é o dia a dia e seu modo de mostrar seu conhecimento.	Ser autônomo e exercer meus conhecimentos.	Saber fazer, ter capacidade e responsabilidade.	Ter todo conhecimento nesta área.	Sim, me ensinando a viver no mercado de trabalho.	É muito bom e muito privilegiado.	A maior dificuldade é a experiência.	Sim, mecânica de luxo, porque quero aprender a diferença.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
24 - AC - 16 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola pública Trabalha Matra Veículos S/A Função: Aprendiz de mecânica Curso: Mecânica de automóveis - 1.600 h	Trabalho para mim é minha vida, é onde está meu futuro.	Cada vez mais me qualificar, mostrar meu perfil profissional na empresa.	Responsabilidade, capacidade, inteligência.	Ter uma profissão, ter uma formação ampla, ter um futuro garantido.(MMM).	Sim, aqui que começa minha vida. Foi aqui que eu aprendi lições de vida, e acima de tudo capacitação profissional.	É um pouco estranho, primeira vez que eu entrei na empresa, pessoas diferentes, pessoas te observando, etc...	É a maior dificuldade, estar dentro do primeiro emprego, é difícil, não conhece o sistema da empresa, as pessoas ao seu redor.	Sim, pretendo fazer mecânica de motor, conversão de gás natural, mecânica diesel, para ter mais conhecimento, mais aprendizagem, mais qualificação profissional
25 - IVJ - 17 a Masculino Solteiro 3º ensino médio Escola privada Trabalha Perkal automóveis Função: Aprendiz de mecânica Curso: Mecânica de automóveis - 1.600 h	Forma digna de se sustentar.	Entrar no quartel e seguir carreira ou montar minha própria oficina. (mecânica de automóveis).	É o fator que te diferencia das outras é a demonstração do que se tem de melhor, a união de vários fatores.	Ter uma profissão para ter mais chance em entrar no quartel. (MMM).	Com certeza, me colocando no mercado de trabalho.	É muito difícil.	Se adaptar ao novo mundo.	Sim.
26 - VKL - 18 a Masculino Solteiro 2º grau completo Escola pública Trabalha Autobel Função: Aprendiz de mecânica Curso: Mecânica de automóveis - 1.600 h	Exercer algo a outra pessoa e receber algo em troca.	Fazer um curso superior, ter dois filhos, uma casa e um carro.	Fazer de maneira correta um trabalho, ou alguma coisa importante.	Aprender uma profissão. (MMM).	Sim, dando uma base de como é o mercado de trabalho, e também experiência de como se comportar em uma empresa.	Foi apreensivo, porque ficava com pessoas diferentes e com medo de como elas vão te aceitar.	Agüentar ficar o dia inteiro fora de casa e também ficar sem tempo para fazer trabalhos escolares.	Depende do ano que vem, se eu passar no vestibular não, mas se não passar sim, porque vou aprender novas coisas.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
27 - BHL - 16 a Masculino Solteiro 8ª série Escola privada Não trabalha Curso: Eletricista instalador predial - 800 h	É um grande passo, para a sua independência.	Me adequar a um certo emprego, e crescer em tal empresa.	É na minha opinião é o máximo que a pessoa pode dar de si para outra.	Adquirir conhecimentos variados, dentro de certa área, no caso Eletricista Instalador Predial - 800 h.	Sim, porque na área que eu pretendo seguir(vai ser muito importante).	É uma experiência muito desgastante.	Se relacionar com tudo (pessoas, horários, salário, é difícil).	Se depender de mim, sim, indeterminado.
28 - RRA - 15 a Masculino Solteiro 8ª série Escola pública Não trabalha Curso: Eletricista predial - 800 h	Trabalho para mim é um lugar que você vai todo dia e ganha dinheiro.	Meu projeto de vida é fazer um curso que aprofunde mais na área de elétrica e trabalhar nessa	É fazer as coisas certas, ser educado.	Aprendermos uma profissão que possamos trabalhar.(EIP).	Sim, para aperfeiçoamento para a nossa profissão.	É bom porque pela primeira vez você vai entrar no mercado de trabalho.	A insegurança de fazer o serviço.	Não.
29 - WNS - 15 a Masculino Solteiro 8ª série Escola pública Não trabalha Curso: Artes gráficas - 1.200 h	Rotina normal, que vai sempre precisar, no mundo em que estamos e isso é considerado permanentemente.	Hoje em dia não dá muito para ser o que quer e sim o que vai ganhar.	É a capacidade de fazer, e não que sabe, aprender.	Aprender cada vez mais e Ter um bom diploma nas mãos. (artes gráficas).	Sim, na forma que é informação a mais para oportunidade.	Uma experiência de está participando no mercado de trabalho	A convivência e mais experiência no que está trabalhando.	Sim, turismo, inglês, espanhol e arte finalista. Turismo, porque moro no estado onde isso poder feito, e posso trabalhar aprendendo sobre minha cultura.Arte finalista - por ter um bom recurso e poucas pessoas nessa área.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
30 - VHNV - 16 a Masculino Soleiro 1º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Eletricista predial - 800 h	É uma qualificação para o profissional em sua área se ampliando a cada dia a sua capacitação de sua profissão.	Ter uma boa qualificação na área elétrica, e ser conhecido como um bom electricista.	A competência é a aquela pessoa que cumpre sua participação, é concluído também pessoas que vem a ter a competência em sua área, ou seja, pode ser uma pessoa com o índice de boa qualificação.	Ter uma boa qualificação na área, porque eu pretendo já sair da escola com emprego fixo. (IEP).	Sim, porque nessa colaboração para ajudar, eu em grande parte oriundo como um bom profissional da área, como projetos que fazemos na área do nosso curso.	Um pouco difícil como uma dificuldade porque nessas grandes empresas eles querem pessoas com boa qualificação e experiência.	Quem a pessoa que indica, as empresas querem quem indica ou a sua ampliação como capacidade.	Não.
31 - GTR - 17 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Artes gráfica - 1.200 h	Trabalho é uma necessidade das pessoas de adquirirem dinheiro e um padrão de vida boa. O trabalho sempre visa ensinar coisas certas e novas ao empregado.	Artes gráficas, medicina e administrador de empresas. Eu pretendo me especializar em gráfica, para depois ser um grande médico e empresário.	A competência é nada mais e nada menos que uma responsabilidade, uma virtude que na minha opinião é indispensável para nós, mas muitas pessoas não são competentes naquilo que fazem.	Aprender as coisas novas que nunca sonhei em aprender e buscar uma profissão em breve.(artes gráficas).	Sim, na forma de me preparar para o mercado de trabalho e para aperfeiçoar meus conhecimentos.	É uma ansiedade incrível, você não sabe se é bom o suficiente mas deve se uma coisa boa.	É a competitividade, uns tem mais oportunidade que outros. Deveria ser todos iguais perante um emprego, mas não é assim.	Sim, computação completa, digitação e administração de empresas.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
32 - WSN - 15 a Masculino Solteiro 8ª série Escola privada Trabalha Fazenda do pai Função: ajudante do pai Curso: Eletricista predial - 800 h	Trabalho para mim é ter um emprego que trabalha para ganhar dinheiro.	Ter um bom emprego e ser rico.	É ser uma pessoa que sabe o que fazer e que não é incompetente.	Aprender uma profissão para exercer no futuro. (EIP).	Não, porque o que eu pretendo trabalhar não tem nada a ver.	Não sei porque nunca procurei.	Deve ser se acostumar ao serviço.	Sim. Marcenaria, mecânica de automóveis e refrigeração, porque eu quero fazer outros cursos.
33 - JA- 17 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola pública Trabalha Salão de som de carro Curso: Mecânica de manutenção de máquinas - 1.600 h	É um local onde você produz alguma coisa e é válido por isso.	Seguir carreira no exército.	É o que você é capaz de fazer.	De entrar em algum cargo melhor no exército. (MMM).	Sim, de forma que a tornearia é uma profissão boa dentro do exército.	É uma expectativa nova.	É não conhecer ninguém.	Sim, computação completa para estar junto com o mundo.
34 - MSL - 17 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola privada Não trabalha Curso: Mecânica de manutenção de máquinas - 1.600	Não respondeu	E ser um bom profissional na área em que estou trabalhando no curso de tornearia.	É ser responsável na hora em que se está exercendo alguma coisa.	É buscar mais o aprendizado e obter um conhecimento maior. (MMM).	Sim, porque se acaso aprofundar cada vez mais no aprendizado, posso estar escolhendo o meu futuro de amanhã, bem melhor.	Neste dia qualquer um se sente angustiado, preso mais a pressão adquire uma responsabilidade maior.	O medo de quebrar alguma coisa	Sim, para conseguir um cargo maior dentro da empresa.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade e do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
35 - LCA - 16 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola pública Trabalha Oshiro Fncão: Aux. de retífica Curso: Mecânica de manutenção de máquinas - 1.600 h	É uma necessidade que você precisa para viver.	Ser um excelente profissional.	Ser bom naquilo que faz.	Ficar mais apto para dominar essa área. (Tornearia).	Sim, é a área que eu pretendo seguir.	Muita expectativa.	Falta de experiência.	Não.
36 - JDMR - 16 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Mecânica de manutenção de máquinas - 1.600 h	É uma forma de se qualificar ou aprender mais sobre o que você gosta, a profissão que você escolheu para atuar e ser um excelente profissional.	Ser um bom profissional na área de mecânica de manutenção de máquinas, ou até um engenheiro em mecânica ou informática.	Ser alguém que possa executar suas tarefas sem medo de errar, fazer certo para poder competir lá fora no mercado de trabalho.	Aprender e especializar-se na profissão. (MMM).	Muito, pois me torna um garoto que sabe mais sobre o que eu faço ou executo.	É ingressar inicialmente no mercado de trabalho com o objetivo de crescer	Competitividade e confiança.	Talvez.
37 - HJF - 18 a Masculino Solteiro 2º grau completo Escola privada Trabalha Dubai cercas elétricas Função: Aprendiz Curso: Manutenção de eletroeletrônica - 1.600 h	Com o passar do tempo, nossas responsabilidades vão aumentando, precisamos aprender uma profissão que satisfaça as nossas necessidades financeiras, por isso vamos a busca de um trabalho onde possamos satisfazer as pessoas e a nós mesmo.	Concluir pelo menos uma faculdade de engenharia elétrica e seguir a profissão. Quem sabe mais tarde fazer outros cursos.	Começar qualquer coisa e ir até o final e terminar com qualidade.	Me tornar um profissional em minha área, aumentando o meu campo de trabalho. (manutenção de eletroeletrônica - 1.600 h).	Colabora muito, ele pode me mostrar o básico da faculdade que eu pretendo fazer, abrange muito avanço tecnológico, um mundo que você não consegue achar o fim.	Estou no segundo emprego, mas para jovens sem experiência a busca do primeiro emprego é muito complicada, pois o preconceito supera muitas qualidades.	A busca do 1º emprego é muito complicada, pois o preconceito supera as qualidades.	Um de mecânica de auto, aprender sobre máquinas para aprimorar a eletrônica.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
38 - RMSJ - 17 a Masculino Solteiro 3º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso:Manutenção de eletroeletrônica - 1.600 h	No sentido do conceito, trabalho é um serviço que o ser humano desempenha dentro do mercado de trabalho. Esse trabalho pode ser tanto mental como físico, na maioria das vezes ele é remunerado, ou seja, o homem dispõe de sua força em troca de dinheiro ou bem.	Atualmente não pretendo trabalhar, preocupo-me apenas em estudar em um ensino superior, e posteriormente ocupar um bom nível dentro do mercado de trabalho.	É a pessoa ser responsável por aquilo que faz, assumindo seus atos.	Para obter uma base da profissão que eu escolhi, que ajuda a desenvolvê-la melhor e obter mais experiência. (ME).	Sim, obtendo maior conhecimento no ramo.	No momento não estou a busca de um emprego, mas no futuro espero ter uma qualificação para entrar no mercado de trabalho.	Ter uma qualificação, pois o mercado está cada vez mais globalizado, e exige uma melhor qualificação.	Sim., Os relacionados ao meu ramo, porque ajuda a conhecer mais, esse mundo complexo. (Eletricista de manutenção eletroeletrônica).
39 - AF - 15 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola privada Não trabalha Curso: Manutenção de eletroeletrônica - 1.600 h	Trabalho é qualquer forma de serviço desempenhado pelo homem, sendo este pesado ou leve não importa, remunerado ou não, isto é trabalho.	Estudar e talvez trabalhar.	É a pessoa ser capaz de fazer as tarefas que para ela foram concedidas.	Aprender uma profissão que poderá ser utilizada hoje e futuramente. (ME).	Sim, ele pode ajudar futuramente, no emprego, talvez na faculdade	No momento não estou em busca do primeiro emprego, mas no futuro espero estar apto para entrar no mercado de trabalho.	É a falta de experiência.	Por enquanto não.
40 - DS - 18 a 2º grau completo Escola pública Não trabalha Curso: Manutenção de eletroeletrônica - 1.600 h	Trabalho é o desempenho realizado por um funcionário capacitado na área	Trabalhar em manutenção de energia usinada, para mim poder prestar meu vestibular e cursar direito	Bom desempenho social e profissional.	Enriquecer meu currículo. (ME).	Realizando tarefas, fazendo projetos e experiências.	É enfrentar mais algumas dificuldades da vida.	A falta de experiência.	Sim, técnico de manutenção em tensão usinada para ter um bom salário e investir no futuro.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
41 - JP - 18 a Masculino Solteiro 3º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Manutenção de eletroeletrônica - 1.600 h	Trabalho para mim é uma maneira de sustentar e tentar melhorar as condições de vida, conseguindo algo e realizando sonhos com o benefício dele.	Meu projeto de vida é conseguir entrar na aeronáutica a trabalhar ou trabalhar numa loja de reparos em eletroeletrônica bem sucedida.	É a capacidade de se fazer ou não as coisas.	Não respondeu.	Sim, na forma de estar aprendendo a uma futura profissão e estar ampliando os conhecimentos.	Ruim, por causa de várias tentativas frustradas.	A maior dificuldade é na entrevista pessoal, por causa do medo de se expressar.	Sim, de eletricista de automóveis e mecânica. Porque gosto muito de carros.
42 - TFC - 17 a Masculino Solteiro 3º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Manutenção eletroeletrônica - 1.600 h	Fonte de sustento, aprendizagem, onde fazemos muitos amigos. Algo que exige força, sabedoria É uma função que ocupa em certo estabelecimento com remuneração.	Me formar em engenharia elétrica, ser um profissional gabaritado e competente e ter minha própria empresa.	Fazer tudo do modo correto, ter a humildade de assumir que está errado e procurar auxílio.	Ter uma profissão, ou o começo de uma. (ME).	Sim, dando um empurrão, digamos assim, e ajudando a escolher o que realmente quero.	Muito difícil.	Inexperiência.	Sim, técnico de eletrônica, mais em primeiro lugar me formar em engenharia elétrica. Porque é uma área que eu já mexo, e preciso engrandecer meu currículo.
43 - TPC - 16 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Manutenção eletroeletrônica - 1.600 h	É uma função que ocupa em certo estabelecimento com remuneração.	Ter o nível superior, para que eu tenha a competência de exercer a minha profissão.	É quando a pessoa tem capacidade de assumir um compromisso e consegue atingir seus objetivos	Ter capacidade de competir no mercado de trabalho. (ME).	Sim, a ter um currículo melhor do que as pessoas que concorrem a vaga de emprego comigo.	É uma ansiedade de conseguir trabalho.	A falta de experiência.	Sim, técnico em eletrônica, porque quero aprofundar mais na minha área.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
44 - MC - 17 a Feminino Solteira 3º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Artes gráficas - 1.200 h	Trabalho é uma realização profissional, onde se põe em prática tudo aquilo de proveitoso que surgiu através dos anos de estudos.	A cada minuto que passa, uma coisa nova acontece em nossas vidas, os amigos, as coisas da vida, enfim tudo é novo. Porém, para estabelecer um critério, falando da vida do jovem em geral, é preciso ter um objetivo e segui-lo. Mas, não que isso não possa mudar, pois o mercado de trabalho tem uma influência muito grande. Não basta gostar tem que ser viável ao trabalho também no aspecto financeiro.	Competência é uma forma de mostrar como a pessoa está apta para praticar determinado trabalho ou como pode lidar com certas situações com competência.	Ampliar os horizontes da sabedoria, se especializando em algo que possa servir de apoio amanhã. (Artes gráficas).	Sim, porque é mais uma coisa para saber fazer, mas o meu potencial é muito mais do que ser gráfico, isso encaixa nos meus planos, mas não desejo parar por aqui, quero fazer um curso de auxiliar de enfermagem, e depois técnico em enfermagem, esta é a área de mais competência para onde me sentiria mais realizada. (quero ir muito mais longe).	Como para todos é uma expectativa e uma explosão de sentimentos e inseguranças como aquela expressão "será isso", "será aquilo".	A insegurança, devido a realização das expectativas guardadas e os mitos que a sociedade impõe, como se deve portar perante o patrão ou entrevistador.	Pretendo fazer muitos cursos: enfermagem Aux. Técnico em Enfermagem, cursinho para vestibular, curso de línguas estrangeiras, artesanato, etc...No meu entender eu tenho o potencial de ir muito longe, o dom para desenvolver várias coisas, mas o vilão de hoje em dia é o dinheiro. Basta ter auto-estima e encarar as coisas numa boa e isso me sobra, basta cultivá-la.
45 - LPGB - 16 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola privada Não trabalha Curso: Eletricista instalador predial - 800 h	É a formação de dignidade em meio da sociedade.	Meu projeto é seguir carreira militar.	É conseguir exercer ou melhor dizendo, governar a função que aprendi, sem trapacear outras pessoas ou profissionais.	Adquirir conhecimento com relação a eletricidade. (EIP).	Sim, me ensinando muitas coisas que na faculdade de engenharia elétrica eu não viria aprender.	Não sei porque até hoje não tive que procurar um.	Não respondeu.	Sim, manutenção de micro.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
46 - LBF - 16 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola privada Não trabalha Curso: Artes gráficas - 1.200 h	Trabalho é um serviço que desenvolve para uma empresa em troca de uma gratificação ou salário	Ser um profissional ágil, competente e responsável na área que eu escolher. No momento artes gráficas.	É a capacidade de realizar um trabalho e enfrentar qualquer problema que ele pode ter.	Ser um profissional qualificado para entrar no mercado de trabalho concorrendo igualmente com outros profissionais. (Artes gráficas).	Sim, é neste curso que estou adquirindo capacidade e competência para me tornar um profissional qualificado.	É algo que dá um pouco de medo. Por mais que você saiba, sempre dá insegurança em relação à capacidade e ao relacionamento com os outros funcionários da empresa.	Em todas as empresas é exigida a experiência profissional, o que para nós ainda é complicado.	Sim, cursos de informática pois nunca aprender é demais a cada curso realizado é algo que ajuda no currículo.
47 - RNC - 15 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Eletricista instalador predial - 800 h	A pessoa trabalha para ganhar dinheiro e seguir carreira.	Militar.	Fazer um trabalho bem feito.	Ser profissional nessa área. (EIP).	Não	Difícil.	Adaptar-se.	Não.
48 - AZJ - 15 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola privada Não trabalha Curso: Eletricista predial - 800 h	Ser independente.	Ter um trabalho que eu goste.	É saber, poder e fazer.	Ter uma profissão. (EIP).	Sim, ter conhecimento.	Difícil.	Preconceito e falta de oportunidade.	Talvez.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
49 - JGS - 16 a Masculino Solteiro 8ª série Escola pública Não trabalha Curso: Eletricista predial - 800 h	Uma coisa que temos que valorizar bastante para que no futuro não sofrermos sem emprego.	Ser um eletricista profissional.	É Ter vontade e ter garra no serviço.	Aprender e exercer várias profissões. (EIP).	Sim, porque é uma profissão que eu irei exercer e profissionalizar dentro desta profissão.	Ótimo, porque pelo menos não é preciso depender dos pais. Mas, dá medo.	O medo.	Sim, de computação e vários outros, para colocar no currículo e para arrumar emprego, porque sem curso você não arruma emprego.
50 - TS - 15 a Masculino Solteiro 8ª série Escola pública Não trabalha Curso: Artes gráficas - 1.200 h	É garantir meu dinheiro na hora que preciso e também garantir o meu futuro.	Não respondeu.	É Ter responsabilidade, ter potencial e capacidade de poder fazer aquilo que necessita profissionalmente.	É garantir meu dinheiro na hora que preciso e também, garantir meu futuro.	Colabora entre "aspas", porque não isso que eu quero para mim, mas se caso contrário precisar tenho aonde recorrer. (artes gráficas).	É difícil, porque eu fico naquela, será que vai dar certo? Será que vou conseguir superar os meus erros? então tenho medo porque não sei o que possa vir ser o primeiro emprego.	A maior dificuldade é a responsabilidade, não quero dizer que não tenho, mas o que tenho agora, não chega aos pés de um serviço para ganhar dinheiro, ser mandado é a pior coisa. Mas vou lutar e superar tudo isso.	Sim, telecomunicações, porque eu adoro me comunicar com as pessoas, tá ajudando, auxiliando a todo o momento é isso que eu quero para mim.
51 - IRSJ - 16 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola pública Trabalha Shop Diesel Função: Aprendiz de ofício Curso: Mecânica Diesel - 800 h	Trabalho é toda responsabilidade confiada a uma pessoa.	Ser competente e aprender tudo que ainda não sei para um dia passar esse conhecimento para outros que estejam iniciando como eu.	É saber fazer tudo sem muitos erros.	Aprender tudo na área de mecânica diesel. (MD - 800h).	Sim, na forma de aprendizagem de muitas coisas e ser para que eu treine causando erros mínimos na minha área de trabalho.	É assustador, pois eu pensava que nunca ia ter minha oportunidade.	É a experiência, pois em qualquer lugar eles pedem experiência para praticar determinada função, e quando você adquire essa experiência já poderá ser tarde pois outros mais qualificado entra e você sai.	Sim, eletricidade veicular, bomba injetora, unidade injetora. Porque quero aprender tudo na área de diesel.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
52 - JRDN - 15 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola pública Trabalha Feira livre central de Campo grande Função: Vendedor Curso: Eletricista instalador predial - 800 h	É uma maneira de que consigo dinheiro, com meu esforço, desempenho e interesse. Com o trabalho, adquirimos experiência e principalmente responsabilidade.	Estudar para passar no vestibular, se formar e se especializar no curso que farei na faculdade.	É ter responsabilidade, saber o que fazer na hora certa. É não desobedecer a um superior, é sempre estar se aperfeiçoando e aprimorando os conhecimentos, para garantir nosso lugar no posto de trabalho.	Abranger meus conhecimentos, ser profissional em uma área e Ter um meio de ganhar dinheiro, Ter um futuro sustento para a minha família. (EIP).	Sim, como já disse, eu ganhei experiência, competência e responsabilidade e é disso que se precisa para conseguir um bom desempenho no projeto profissional.	Tem que se estar calmo, e querer aprender tudo dentro da empresa qual você trabalha.	Na minha opinião é conseguir de como já consegui, e aliás estou no meu 2º emprego. Não é difícil conseguir, e sim permanecer nele.	Sim, não sei ainda, quero ter muitos cursos no meu currículo, para estar pronto para o campo de trabalho.
53 - ATL - 16 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola pública Trabalha Shop Diesel Função: Aux. de mecânica Curso: Mecânica diesel - 800 h	Trabalho é um modo de trocar ajuda, você (empregado) oferece a alguém (patrão) os serviços que você está apto a realizar, em troca se recebe uma remuneração que pode ser o salário ou ajuda na qualidade de vida, como alimentação e higiene.	Pretendo me ingressar na área diesel inicialmente, sendo no ramo de transporte (caminhões) ou consertos (mecânica), pois futuramente minha intenção é de obter meu próprio negócio.	É a capacidade de realizar de forma clara e objetiva as funções designadas a um indivíduo.	Servir de preparação a enfrentar e conhecer profundamente o ramo que desejo atuar futuramente. (MD).	Serviço de preparação a enfrentar e conhecer profundamente o ramo que desejo atuar futuramente.	É o resultado da preparação obtida durante todo o tempo de estudo e pode decidir sua carreira pelo resto da vida.	A cobrança pois nem sempre todas as atividades são fáceis de realizar logo no 1º emprego.	Sim, mecânica de auto e cursos de aprofundamento no ramo diesel.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
54 - WRA - 18 a Masculino Solteiro 2º grau completo Escola pública Não trabalha Curso: Mecânica diesel - 800 Das Concepções	Trabalho na minha opinião, é a realização profissional de cada pessoa, ou seja, desempenhar a função que lhe agrada.	Um dos meus objetivos é seguir a carreira militar, mas se não for possível eu gostaria de ser músico ou veterinário.	É a capacidade de realizar um trabalho, sem deixar se envolver com os problemas que tem fora da área de serviço, o trabalho tem que ser desenvolvido de modo totalmente correto e satisfatório.	Ter uma qualificação a mais para conseguir ingressar na FAB (Força Aérea Brasileira).(MD).	Sim, um dos meus objetivos exige que você tenha alguma qualificação e a área de mecânica é muito utilizada no exército.	No momento a busca do 1º emprego não passa pela minha cabeça, estou esperando a convocação militar.	Consegui-lo.	No momento não pretendo fazer nenhum curso, futuramente talvez.
55 - RGM - 15 a Masculino Solteiro 2º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Mecânica diesel - 800 h	É uma pessoa presta um serviço para outra em troca de alguma coisa.	É ser um engenheiro mecânico.	Competência é aquela pessoa que assume pelos seus atos e compromissos.	Foi para entender mais sobre veículos pesados porque meu pai possui veículo pesado, e porque eu gosto desta profissão.(MD).	Sim, eu penso em montar meu próprio negócio.	É muito difícil e somente com ajuda de alguém que trabalha na empresa.	Ter 15 anos.	Sim, mec. de automóveis, porque eu pretendo aprender mais sobre a área de automóveis.
56 - JPC - 15 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Mecânica diesel - 800 h	O trabalho é um meio de aprimorar o meu conhecimento e ajudar na renda de minha casa.	Fazer uma faculdade, ganhar muito bem e ser um profissional competente.	Ser competente para mim é saber fazer muito bem meu serviço e tratar as pessoas também muito.	Adquirir o máximo de conhecimento para que eu possa talvez até me formar nessa área. (MD).	Sim, de forma que eu utilizo tudo sempre e não esqueço nada.	Para mim é fundamental, porque trabalhando eu posso ter minhas próprias coisas e ajudar na minha casa.	A maior dificuldade é achar uma firma que te aceite sem nenhuma experiência.	Sim, mecânica de auto primeiro e mais para frente outros. Porque eu terminando diesel já estou quase no ramo.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
57 - ERM - 16 a Masculino Solteiro 1º ensino médio Escola privada Não trabalha Curso: Mecânica diesel - 800 h	Trabalho é meio que muitas pessoas usam para ganhar dinheiro. Ele é meio de vida.	Pretendo terminar o curso e prestar vestibular par engenheiro mecânico. E trabalhar.	Competência acima de tudo, para uma pessoa ser competente ela tem que ser responsável, ou seja, ter todas as características de um bom cidadão.	Ter mais uma profissão. (MD).	Colabora porque está na área a qual eu pretendo prestar vestibular.	O mercado de trabalho está muito concorrido, e todas as empresas pedem um bom currículo de outras empresas.	Consegui entrar numa empresa.	Pretendo, mecânica, ajuda no currículo.
58 - MO - 18 a Masculino 1º ensino médio Escola pública Não trabalha Curso: Mecânico diesel - 800 h	É uma forma de ganhar dinheiro.	Ser um bom mecânico, para poder Ter uma vida melhor.	Se dedicar ao trabalho.	Estar por dentro de tudo que a mecânica tem. (MD).	Não respondeu.	É ruim	Se adaptar com as pessoas do serviço.	Não.

Respostas dos questionários - Instituição B

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
1. ICR 15 anos solteiro masculino 2º EM privada não trabalha	É uma forma de certa independência econômica, de modo que, se for justo ou digno, fornece um grande estímulo psicológico, trazendo dignidade e respeito perante a sociedade, sendo também uma forma direta de integração com a mesma.	Inicialmente, nesse ano de 2002, conseguir o modelo 19, para entrar em universidade um ano antes, ganhando tempo. Formarei-me médico cardiologista vascular, novamente em neurologia, tornando-me mestre e doutor em ambas as áreas, conciliando e alternando estudo e trabalho. Serei o que pretendo ser com aproximadamente 43 anos.	A palavra principal de ordem de um trabalhador, e um dos primeiros requisitos notado pelas empresas.	Obter um pouco de experiência e sabedoria para poder enfrentar o mercado de trabalho.	De certa forma dependendo de onde me encaminharão.	E estar em constante ansia, em não saber realmente o que se enfrentará. Como situações, problemas e dificuldades profissionais e pessoais.	Contrariamente ao escrito antes é a inexperiência do convívio com pessoas diferentes, em inusitadas situações em um local profissional.	Não, apenas a graduação e a pós-graduação, como já ditas anteriormente.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
2. EAM 15 anos solteira feminino 2 EM pública não trabalha	É você prestar serviço para alguém ou uma empresa em troca de um salário, tendo condições para ter uma vida digna e honesta.	Ainda não sei em que me formar, mas pretendo exercer algo que eu tenha muito prazer. Quero fazer muito bem a minha profissão.	É você ser capaz de desenvolver seu trabalho com qualidade e fazê-lo bem feito. É se empenhar para ser bom no que faz	É me capacitar para prestar o serviço com competência, tendo assim capacidade de fazer a minha tarefa sem dificuldades e com "peção".	Sim, pois para a capacitação profissional, qualquer aprendizagem é bem vinda.	É difícil, pois além de haver pouco emprego a disputa é muito grande. As empresas querem que nós tenhamos experiência, mas não nos dão chance para consegui-la.	A dúvida e a inexperiência já que qualquer coisa que você vá fazer será a primeira vez e o medo do erro assombra qualquer jovem em seu primeiro emprego.	Sim, algumas para aperfeiçoar a minha linguagem, ou seja, como de língua e vários outros que possam complementar meu currículo. Os cursos aumentam nosso currículo e colabora para a nossa empregabilidade
3. JES 15 anos estado civil: Mato Grosso do Sul masculino 8 EF publica não trabalha	Trabalho para mim é você entrar e sair em um determinado lugar, ter responsabilidades.	O meu projeto de vida profissional é ser um contador de grandes empresas e talvez abrir o meu próprio negócio.	Competência para mim é ser responsável dedicado e muito atencioso.	Ser um profissional bem empenhado e ter diversas oportunidades de escolha para trabalhar.	Sim, da forma que poderá me ajudar em conseguir um emprego para pagar os meus estudos.	Um pouco difícil pois o curso é bem puxado.	Ser responsável o suficiente.	Sim, de montagem de manutenção de computador.
4. DTC 15 anos solteiro masculino 2EM publica não trabalha	É um meio de sustento de uma pessoa e é também um meio de sobrevivência.	Conseguir um bom emprego e fazer faculdade de administração de empresas.	Competência é conseguir fazer algo que agrade a todos.	Conseguir um emprego, pois isso está muito difícil nos dias atuais.	Colabora com minha qualificação profissional.	É um desafio	A adaptação.	Sim, cursos de administração.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
5. MSP 15 anos solteiro masculino 2EM publica não trabalha	Qualquer ato feito por um indivíduo mentalmente ou fisicamente, feito em prol de si ou para outras pessoas independente de receber ou não algo em troca	É ser um analista de sistema capaz de solucionar todos os problemas das minha área.	É desenvolver um trabalho com rapidez, qualidade e eficiência.	Estar apto para ingressar no mercado de trabalho e se reciclando.	Reciclando.	Ansioso.	Não conseguir colocar em prática o que aprendi.	Sim, na área de informática para atender o mercado de trabalho.
6. CACC 15 anos solteiro masculino 1EM publica não trabalha	Bom trabalho para mim é o direito de trabalhar e conseguir uma gratificação pelo serviço feito.	Eu pretendo seguir carreira no exército.	Competência para mim é você se esforçar em algo mostrando eficiência, obedecendo regras.	Conseguir um emprego digno e com boas condições.	Sim, pois se meu desempenho for bom posso continuar na empresa que começa.	Eu respiro melhor pois sei que o meu já está garantido.	É o horário pois terei que me acostumar com a rotina do trabalho e com a escola.	Sim, informática, para poder aprimorar o que aprendi aqui.
7. ASA 15 anos solteiro masculino 2EM publica não trabalha	É o que você faz para garantir o seu sustento.	Me formar e trabalhar para melhorar a minha vida.	Ter responsabilidade.	Nenhum	Não	Uma dureza se adaptar.	Se adaptar	Sim, de computação, sempre aprimorando mais.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
8. KKSQ 15 anos solteiro masculino 2EM pública não trabalha	Trabalho é o que você faz para ganhara dinheiro.	É trabalhar e me dar bem na vida.	É executar bem a função no trabalho. <i>elt</i> ,	Nenhum	Não	É bom. Fica uma expectativa do que será.	É se adaptar no emprego.	Sim, talvez de espanhol que me ajudará no futuro.
9. OIS 15 anos solteiro masculino 2EM pública não trabalha	É uma oportunidade para o futuro	Ser engenheiro agrônomo.	Ter responsabilid e	Nenhum	Não	Bom	Se adaptar no emprego.	Sim, os cursos que ajudarão no futuro.
10. JPS 15 anos solteiro masculino 1EM pública não respondeu	É a maneira de podermos ser independente ajuda a família.	Eu estou trabalhando para ser um jogador de vôlei, mas se não der certo vou me formar em informática.	É você poder fazer tudo que vem nas suas mãos dentro de uma empresa e poder faze-lo bem feito.	É você aproveitar o máximo para chegar no serviço e fazer bem feito.	Sim, aprendi muitas coisas que hoje é preciso no mercado de trabalho.	É uma batalha tem muitas pessoas desempregada no Brasil.	Não sei porque não estou trabalhando ainda, mas eu acho que não vai ter nenhuma dificuldade.	Talvez.
11. JAB 15 anos solteira feminino 2EM pública não trabalha	É o começo de uma grande responsabilidade e para novas etapas da profissionalizaçãõ.	Fazer uma universidade de advocacia e exportação de comércio nacional e internacional.	É cumprir meus deveres, horários e responsabilid e. 4	Ser bem estruturada.	Sim, mo dando um melhor desenvolviment o.	E estar em busca de melhores conhecimentos.	É as pessoas darem a você mais confiança	Sim, para melhor me qualificar.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
12. escolaridade 1º pública não trabalha função: estudante	Ajudar a sociedade a produzir e receber um salário justo como retorno.	Fazer uma universidade de advocacia e exportação de comércio nacional e internacional.	Saber fazer rápido e bem feito.	Adquirir experiência.	Sim, mostrando como funcionam as empresas e o mercado de trabalho.	Lutar para conseguir uma oportunidade e provar sua competência.	Falta de experiência e de qualificação.	Sim, montagem e manutenção de microcomputador, pode fazer a diferença para conseguir um emprego.
13. RRA 15 anos solteira feminino 2EM pública não trabalha	É um meio de sobreviver e se realizar	Depois de cursar o ensino médio, pretendo fazer um curso de técnico de laboratório, prestar vestibular para medicina e ser pediatra oncologista, e se não for possível medicina, ser bióloga.	Fazer as coisas com garra, bem feito dar o melhor de si.	É de quando entrar estar preparada para trabalhar.	Sim, pois no futuro saberei o que é melhor, conseguirei um bom emprego e terei uma boa apresentação no currículo,.	É uma sensação muito boa, e saber que estou me dedicando	No geral a falta de experiência, no meu caso também não tenho mas tenho conhecimento.	Sim, pois tudo muda para sempre, estar atualizada, e os cursos são medicina, técnico de laboratório, biologia. Primeiro porque gosto dessas áreas e depois isto me realizará.
14. AS 15 anos solteira feminino 2EM pública não trabalha	É uma forma de crescer na vida e obter lucros.	Me formar em administração e turismo.	É ter muita responsabilidade e em que você faz.	O meu objetivo é ter um ótimo desenvolvimento no meu trabalho	Sim, através dele eu posso alcançar todos os meus objetivos.	Tá fácil, graças ao curso que fiz tenho um emprego reservado,	Falta de conhecimento, porque é a 1ª vez que trabalha e não conheço nada.	Sim, medicina porque se não conseguir em administração, tcho uma 2ª opção de emprego. E eu também gosto dessa área.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
15 – E.N.O 15 anos solteiro masculino 2EM pública não trabalha	É um modo de expressar e de mostrar o que eu aprendi em cursos que eu fiz	Trabalhar em um lugar onde eu possa crescer profissionalmente e prestar vestibular para comunicação social e letras.	É eu crescer profissionalmente, e dar o melhor de mim.	Aprender mais o que eu sei.	Sim, porque foi através dele que eu quis me formar.	Emocionante, pois é o 1º emprego.	Me adaptar com as pessoas.	Sim, estou pensando para mim me aperfeiçoar.
16. HATL 15 anos solteiro masculino 2EM pública não trabalha	É um dos meios de vida. É também um meio que talvez te faz ficar muito conhecido (ou até famoso).	Ser um desenhista profissional, se possível em todos os meios de desenho.	É estar preparado para talvez qualquer coisa. e,	Ver ou saber se estou qualificado.	De uma forma sim e outra não. Não porque eu não vou estar exercendo o que eu sou realmente bom, Sim, porque quando se eu estiver trabalhando vou poder pagar outros cursos.	Difícil, apesar do curso, não tenho experiência.	É conseguido sem curso sem nada é difícil conseguir o primeiro emprego.	Sim, de desenho. Porque para mim ficar cada vez melhor no que eu gosto.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
17. ESV 15 anos solteira feminino 2EM pública não trabalha	É uma boa oportunidade para que possamos mostrar o que sabemos e para ganhar um dinheiro. Trabalhar não é apenas para se divertir mas para ajudar o meus pais, etc.	Pretendo estudar bastante para me formar em psicologia e ser uma profissional excelente. Pretendo ajudar pessoas e aprender a ser calma.	Competência é um ótimo valor para quem se valoriza e não comete erros, com Competência podemos melhorar na vida, como, ter um ótimo emprego e ser bem valorizada pelas pessoas.	Nossa é uma grande emoção, pois podemos aprender e a ser uma pessoa melhor. O meu objetivo foi aprender coisas novas e ser uma pessoa melhor e mais educada. Esse curso deu muitas oportunidades maravilhosas e agradeço por ter conseguido fazer este curso.	Sim e muito, pois com os professores totalmente qualificados, aprendi muitas coisas que hoje em dia nunca teria aprendido, é muito gratificante.	É bom e ao mesmo tempo medonho, pois não sabemos ainda onde iremos trabalhar por isso não podemos fazer planos basicamente. Pretendo esperar, ter calma e dar o máximo de mim.	É não ter experiência pois todos querem um currículo com experiência. Eu quero mais oportunidade s. Obrigada.	Sim, pois pretendo aprender mais para me qualificar nos lugares e com pessoas melhor.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
18. DMD 15 anos solteira feminino 2EM pública não respondeu	É você ir em busca de seu objetivo, conseguir estabilidade no que gosta.	Me formar em ed. Física e ser uma profissional realizada e bem preparada para fazer tudo bem feito e com muito amor.	Estar disposta para tudo, fazer as obrigações bem feitas e com amor.	Para chegar bem informada no 1º emprego.	Sim, de todos os tipos, para adquirir mais experiência e conhecimento.	Caminhar em busca de independência, poder contar com um salário.	18 - É não estar preparado fisicamente e mentalmente	Sim, de todos os tipos, para adquirir mais experiência e conhecimento.
19. DC 15 anos solteira feminino 2EM pública não trabalha	É uma atividade que terei a maior responsabilidade onde o desempenho deverá ser total, uma atividade que irá me ajudar muito no futuro.	Meu projeto de vida é estudar muito e me formar em medicina.	Competência para mim é você ser capaz de fazer alguma coisa.	Meu objetivo é aprender cada vez mais e ter um futuro de sabedoria e responsabilidade.	Sim, me dando experiência para enfrentar o futuro.	É muito bom pois me dá a entender que já posso ser uma pessoa responsável pelos meus próprios interesses.	É a insegurança de não adaptar-me ao emprego, pois sei que mesmo que você seja uma ótima funcionária sempre tem algo que não agrade o chefe.	Sim, não sei dizer o qual, mas um que me aperfeiçoe mais.
20. FAN 15 anos solteira feminino 2EM pública não trabalha	É algum tipo de atividade que prestamos a empresas ou pessoas.	Me formar em medicina.	É ser ou ter qualificação para o trabalho em que for fazer.	É aprender algum tipo de profissão.	Sim, porque é sempre bom aprender algum tipo de profissão.	É um pouco assustador porque você não sabe quem vai encontrar no ambiente de trabalho.	É o medo de não poder cumprir com meu trabalho.	Sim, para poder me aperfeiçoar na minha profissão, informática

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
21. ENC 15 anos solteira feminino 2EM pública não trabalha	O trabalho é uma forma de pessoas crescerem e serem independentes, e também obter lucros.	É me formar em administração e um dia ter minha própria empresa.	É ser um ótimo funcionário, ter pontualidade e obedecer as regras da empresa.	O meu objetivo é ter um ótimo desempenho no emprego e crescer profissionalmente.	Sim, através dele nós podemos alcançar nossos objetivos.	Para mim é fácil graças a este curso que fiz no Instituto Mirim, pois aqui nós temos o emprego garantido.	A maior dificuldade é a falta de conhecimento o	Sim, informática, para me aperfeiçoar nesta área
22. DHA 15 anos solteiro masculino 2EM pública não trabalha	Forma de conseguir obter coisas materiais	Pretendo ser analista de sistemas.	Realizar suas funções da melhor forma possível.	Conseguir um emprego.	Sim, me encaminhando para um serviço.	Normal.	A falta de experiência.	Sim, muitos para mim ser melhor em que eu faço.
23. JSA 15 anos solteiro masculino 2EM pública não trabalha	É onde você se dedica e mostre o seu desempenho para que seja sempre elogiado	Me esforçar nesse primeiro emprego para poder ser contratado e passar a fazer parte da empresa.	É estar sempre pontual e ser responsável em suas tarefas.	Ter mais conhecimento no que for fazer e no que nos espera lá no mercado de trabalho.	Sim, porque é desse curso que vamos para o melhor possível no emprego.	É querer sair da vida de filho só no estudo e passar a ajudar em casa nas obrigações.	É se adaptar com quem está lá muito mais tempo.	Sim, porque quanto mais conhecimento no currículo mais empregos aparecerão.

IDENTIFICAÇÃO	DAS CONCEPÇÕES			DAS QUALIFICAÇÕES				
	O que é Trabalho?	Projeto de vida profissional?	Competência?	Objetivo em participar do Curso de Qualificação Profissional?	Curso colabora(ou) para o projeto profissional?	Como é para você estar em busca do 1º emprego?	Qual a maior dificuldade do 1º emprego?	Pretende fazer mais curso de qualificação? Quais? Por que?
24. NAG 15 anos Solteira Feminino 2EM pública não trabalha	Trabalho para mim é fazer o que gosto num determinado lugar, tendo experiência e competência no que faço.	Pretendo fazer uma faculdade de preferência ser uma nutricionista, pois quero fazer do Brasil um país sem doenças que podem ser causadas pelo mal modo de alimentação.	Competência é fazer tudo com capricho e dedicação, pontualidade.	Ter uma boa qualificação profissional	Sim, me ensinando ser um bom profissional.	É saber lidar com a vida profissional sem medo do 1º emprego.	Experiência, pois todas empresas querem um empregado com experiência na área.	Sim, língua inglesa, porque em todos os lugares você necessita de falar outra língua

Instituição A

Tabela 1 - Sexo

	Quantidade	%
Masculino	56	96,56
Feminino	01	1,72
Não Informaram	01	1,72
TOTAL	58	

Tabela 2 - Idade

	Quantidade	%
15	12	20,69
16	19	32,76
17	16	27,59
18	11	18,96
Não Informaram	-	-
TOTAL	58	

Tabela 3 - Escolas

	Quantidade	%
Pública	42	72,41
Privada	16	27,59
Não Informaram	-	-
TOTAL	58	

Tabela 4 - Escolaridade

		Quantidade	%
Ensino	5º	-	-
Fundamental	6º	-	-
	7º	-	-
	8º	11	18,97
Ensino Médio	1º	18	31,03
	2º	17	29,31
	3º	11	18,97
Ensino Médio completo		1	1,72
Não Informaram		-	-
TOTAL		58	

Tabela 5 - Trabalham

	Quantidade	%
Sim	23	39,66
Não	35	60,34
Não informou	-	-
TOTAL	58	

Tabela 6 - Trabalham por setor

	Quantidade	%
Comércio	17	29,31
Indústria	5	8,62
Serviço	1	1,72
Não Trabalham	35	60,35
Não informou	-	-
TOTAL	58	

Tabela 7 - Função/atividade x trabalho

Função	Quantidade	%
Ajudante do pai	1	1,72
Aprendiz	2	3,45
Aprendiz de mecânica	3	5,17
Aux. aprendiz de mecânica de eixo	1	1,72
Aprendiz de ofício	1	1,72
Aux. de oficina	1	1,72
Aux. de retífica	1	1,72
Aux. Mecânica	3	5,17
Entregador	1	1,72
Menor aprendiz	1	1,72
Tipografia	1	1,72
Torneiro	1	1,72
Torneiro mecânico	1	1,72
Aprendiz de torneiro	1	1,72
Diversos	1	1,72
transportador	1	1,72
Vendedor	1	1,72
Não Trabalham	35	60,40
Não Respondeu	1	1,72
TOTAL	58	

Instituição B

Tabela I - Sexo

	Quantidade	%
Masculino	13	54,17
Feminino	10	41,67
Não informaram	1	4,16
TOTAL	24	

Tabela 2 - Idade

	Quantidade	%
15	23	95,84
Não informaram	1	4,16
TOTAL	24	

Tabela 3 - Escolas

	Quantidade	%
Pública	1	4,16
Privada	23	95,84
Não informaram	-	-
TOTAL	24	

Tabela 4 - Escolaridade

		Quantidade	%
Ensino	5º	-	-
Fundamental	6º	-	-
	7º	-	-
	8º	1	4,17
Ensino	1º	3	12,50
Médio	2º	20	83,33
	3º	-	-
Não informaram		-	-
TOTAL		24	

Tabela 5 - Trabalho

	Quantidade	%
Sim	-	
Não	22	91,66
Não informaram	02	8,34
TOTAL	24	

Instituição A e B

Tabela 1- Sexo

	Quantidade	%
Masculino	69	84,15
Feminino	11	13,41
Não informaram	2	2,44
TOTAL	82	

Tabela 2 - Idade

	Quantidade	%
15	35	42,68
16	19	23,17
17	16	19,52
18	11	13,41
Não informaram	1	1,22
TOTAL	82	

Tabela 3 - Escolas

	Quantidade	%
Pública	65	79,27
Privada	17	20,73
Não informaram	-	-
TOTAL	82	

Tabela 4 - Escolaridade

		Quantidade	%
Ensino Fundamental	5°	-	-
	6°	-	-
	7°	-	-
	8°	12	14,64
Ensino Médio	1°	21	25,61
	2°	37	45,12
	3°	11	13,41
Ensino Médio completo		1	1,22
Não informaram		-	-
TOTAL		82	

Tabela 5 - Trabalho

	Quantidade	%
Sim	23	28,05
Não	57	69,51
Não Informaram	2	2,44
TOTAL	82	

Tabela 6 - Trabalham por setor

	Quantidade	%
Comércio	17	20,73
Indústria	5	6,10
Serviço	1	1,22
Não Trabalham	57	69,51
Não informou	2	2,44
TOTAL	82	

Tabela 7 - Função/atividade x trabalho

Função	Quantidade	%
Ajudante do pai	1	1,22
Aprendiz	2	2,44
Aprendiz de mecânica	3	3,66
Aux. aprendiz de mecânica de eixo	1	1,22
Aprendiz de ofício	1	1,22
Aux. de oficina	1	1,22
Aux. de retífica	1	1,22
Aux. Mecânica	3	3,66
Entregador	1	1,22
Menor aprendiz	1	1,22
Tipografia	1	1,22
torneiro	1	1,22
torneiro mecânico	1	1,22
Aprendiz de torneiro	1	1,22
Diversos	1	1,22
transportador	1	1,22
Vendedor	1	1,22
Não Trabalham	57	69,51
Não Respondeu	3	3,66
TOTAL	82	

QUADRO 1

Concepções de Trabalho - Instituição A

1 - APRENDIZAGEM	<ul style="list-style-type: none"> • É uma responsabilidade que faz uma pessoa crescer e também aprimorar os seus conhecimentos, tendo assim mais experiência e responsabilidade. • É uma forma de se qualificar ou aprender mais sobre o que você gosta, a profissão que você escolheu para atuar e ser um excelente profissional. • Trabalho para mim não é só trabalhar e receber por aquilo que eu trabalhei, é também uma “escola”, por no curso você não aprende tudo sobre a profissão, e no trabalho além de você exercer aquilo que aprende no curso também aprende coisas novas. • É uma qualificação para o profissional em sua área se ampliando a cada dia a sua capacitação de sua profissão. • Trabalho é o desempenho realizado por um funcionário capacitado na área. • É a maneira como as pessoas se qualificam, exercem uma função dentro da sociedade. • Com o passar do tempo, nossas responsabilidades vão aumentando, precisamos aprender uma profissão que satisfaça as nossas necessidades financeiras, por isso vamos em busca de um trabalho onde possamos satisfazer as pessoas e a nós mesmo. • Trabalho é muito importante para mim porque sem ele não existe como viver sem dinheiro, só que também é preciso saber lidar com o trabalho e sempre trabalhar com dignidade e com grande respeito. • Fonte de sustento, aprendizagem, onde fazemos muitos amigos. Algo que exige força, sabedoria • Trabalho é tudo na vida de alguém, sem ele você não vive. • É uma das coisas mais útil para melhorar sua vida. • É uma função, uma parte da vida de uma pessoa, trabalho é o dia a dia e seu modo de mostrar seu conhecimento. •
2 - ATIVIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • É uma atividade desenvolvida visando benefícios. • Trabalho é tudo que você faz, a escola é um tipo de trabalho, não importa o que você faz que sempre vai ser um tipo de trabalho. • Ação de exercer sua competência de alguma forma. • Trabalho é qualquer forma de serviço desempenhado pelo homem, sendo este pesado ou leve não importa, remunerado ou não, isto é trabalho.
3 - DIGNIFICAÇÃO E REALIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho é uma realização profissional, onde se põe em prática tudo aquilo de proveitoso que surgiu através dos anos de estudos. • Trabalho na minha opinião, é a realização profissional de cada pessoa, ou seja, desempenhar a função que lhe agrada. • Trabalho é muito importante para mim porque sem ele não existe como viver sem dinheiro, só que também é preciso saber lidar com o trabalho e sempre trabalhar com dignidade e com grande respeito. • Com o passar do tempo, nossas responsabilidades vão aumentando, precisamos aprender uma profissão que satisfaça as nossas necessidades financeiras, por isso vamos em busca de um trabalho onde possamos satisfazer as pessoas e a nós mesmo. • Trabalho é toda responsabilidade confiada a uma pessoa

QUADRO 1
Concepções de Trabalho - Instituição A (continuação)

4 - SUSTENTO	<ul style="list-style-type: none">• Uma coisa obrigatória. Sair em busca do que deseja.• Trabalho para mim é minha vida, é onde está meu futuro.• Trabalho é meio que muitas pessoas usam para ganhar dinheiro. Ele é meio de vida.• É uma maneira de que consigo dinheiro, com meu esforço, desempenho e interesse. Com o trabalho, adquirimos experiência e principalmente responsabilidade.• Trabalho é um modo de trocar ajuda, você (empregado) oferece a alguém (patrão) os serviços que você está apto a realizar, em troca se recebe uma remuneração que pode ser o salário ou ajuda na qualidade de vida, como alimentação e higiene.• A função realizada em um emprego, em um período não determinado.• Trabalho é tudo o que devemos fazer para mais tarde ter uma família, saber ganhar dinheiro para sustentá-la.• Para mim trabalho é a necessidade que as pessoas tem as vezes para criar sua família, pagar suas contas, fazer suas compras e se vestir bem.• É um modo de você conseguir seu próprio meio de sustento.• Trabalho é uma necessidade das pessoas de adquirirem dinheiro e um padrão de vida boa. O trabalho sempre visa ensinar coisas certas e novas ao empregado.• Com o passar do tempo, nossas responsabilidades vão aumentando, precisamos aprender uma profissão que satisfaça as nossas necessidades financeiras, por isso vamos em busca de um trabalho onde possamos satisfazer as pessoas e a nós mesmo.• Trabalho é muito importante para mim porque sem ele não existe como viver sem dinheiro, só que também é preciso saber lidar com o trabalho e sempre trabalhar com dignidade e com grande respeito.• Fonte de sustento, aprendizagem, onde fazemos muitos amigos. Algo que exige força, sabedoria.• Trabalho para mim é uma maneira de sustentar e tentar melhorar as condições de vida, conseguindo algo e realizando sonhos com o benefício dele.• É uma função que ocupa em certo estabelecimento com remuneração• O trabalho é um meio de aprimorar o meu conhecimento e ajudar na renda de minha casa.• É a maneira como as pessoas se qualificam, exercem uma função dentro da sociedade.• Seria a dignificação do homem como cidadão.• Forma digna de se sustentar.• É a formação de dignidade em meio da sociedade.• Trabalho para mim é tudo aquilo que você se dedica para ter um bom futuro empresarial.• Uma coisa que temos que valorizar bastante para que no futuro não sofrermos sem emprego.• É garantir meu dinheiro na hora que preciso e também garantir o meu futuro.• Trabalho para mim é um lugar que você vai todo dia e ganha dinheiro.• Trabalho para mim é ter um emprego que trabalha para ganhar dinheiro.• A pessoa trabalha para ganhar dinheiro e seguir carreira.• É uma forma de ganhar dinheiro.
--------------	---

QUADRO 1
Concepções de Trabalho - Instituição A (continuação)

4 – SUSTENTO (Continuação)	<ul style="list-style-type: none">• É como se fosse uma fase de nossa vida, lá nós ganhamos nossa independência, no trabalho nós aprendemos mais sobre o que nós queremos e devemos aprender. Independência.• Ser independente.• É um grande passo, para a sua independência.• Necessário para qualquer pessoa poder viver.• É uma necessidade que você precisa para viver..
5 - TROCA	<ul style="list-style-type: none">• Rotina normal, que vai sempre precisar, no mundo em que estamos e isso é considerado permanentemente.• É um local onde você produz alguma coisa e é válido por isso.• Prestação de um serviço a ser realizado para outras pessoas.• Compreendo que o trabalho significa aplicar aquilo que eu sei nas coisas que eu preciso, de maneira total ou parcial dependendo de minhas condições e, permitindo até receber uma troca em virtude deles.• Você prestar serviço a alguém, em troca de um salário.• Exercer algo a outra pessoa e receber algo em troca.• No sentido do conceito, trabalho é um serviço que o ser humano desempenha dentro do mercado de trabalho. Esse trabalho pode ser tanto mental como físico, na maioria das vezes ele é remunerado, ou seja, o homem dispõe de sua força em troca de dinheiro ou bem.• É uma função que ocupa em certo estabelecimento com remuneração.• Trabalho é um serviço que desenvolve para uma empresa em troca de uma gratificação ou salário• É uma pessoa presta um serviço para outra em troca de alguma coisa.

QUADRO 2
Projeto de Vida Profissional - Instituição A

1 - TER UM EMPREGO	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer uma faculdade, ter um bom emprego e ser feliz. • Conseguir trabalho com que eu sei de artes gráficas. • Trabalhar em uma boa empresa. • Me formar e ter um bom emprego na minha área. (manutenção de máquinas). • Me adequar a um certo emprego, e crescer em tal empresa. • Ter um bom emprego e ser rico.
2- TER PRÓPRIO NEGÓCIO	<ul style="list-style-type: none"> • Ser autônomo e exercer meus conhecimentos. • Pretendo me ingressar na área diesel inicialmente, sendo no ramo de transporte (caminhões) ou consertos (mecânica), pois futuramente minha intenção é de obter meu próprio negócio.
3 - FAZER FACULDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Pretendo fazer faculdade no IME (Instituto Militar de Engenharia) e me tornar um engenheiro militar • Terminar os estudos e formar em arquitetura. • Fazer uma faculdade na área de trabalho que eu atuo, e entrar no exército. • Prestar um curso em uma universidade e seguir outra carreira profissional. • Fazer uma faculdade de alguma coisa. • Fazer um curso de física na UFMS e trabalhar em alguma empresa que me de futuro. • Fazer um curso superior, ter dois filhos, uma casa e um carro. • Concluir pelo menos uma faculdade de engenharia elétrica e seguir a profissão. Quem sabe mais tarde fazer outros cursos. • Atualmente não pretendo trabalhar, preocupo-me apenas em estudar em um ensino superior, e posteriormente ocupar um bom nível dentro do mercado de trabalho. • Trabalhar em manutenção de energia usinada, para mim poder prestar meu vestibular e cursar direito • Me formar em engenharia elétrica, ser um profissional gabaritado e competente e ter minha própria empresa. • Ter o nível superior, para que eu tenha a competência de exercer a minha profissão. • Estudar para passar no vestibular, se formar e se especializar no curso que farei na faculdade. • É ser um engenheiro mecânico. • Fazer uma faculdade, ganhar muito bem e ser um profissional competente. Pretendo terminar o curso e prestar vestibular para engenheiro mecânico. E trabalhar.
4 – PROFISSIONAL QUALIFICADO/COMPETENTE	<ul style="list-style-type: none"> • Ser um profissional ágil, competente e responsável na área que eu escolher. No momento artes gráficas. • Ser competente e aprender tudo que ainda não sei para um dia passar esse conhecimento para outros que estejam iniciando como eu. • E ser um bom profissional na área em que estou trabalhando no curso de tornearia. • Ser um excelente profissional. • Ser um bom profissional na área de mecânica de manutenção de máquinas, ou até um engenheiro em mecânica ou informática. • Ser um eletricitista profissional. • Ser um bom mecânico, para poder Ter uma vida melhor.

QUADRO 2
Projeto de Vida Profissional - Instituição A (continuação)

<p>4 – PROFISSIONAL QUALIFICADO/COMPETENTE (continuação)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ser primeiramente um bom profissional, qualificado e dedicado no que faz. E futuramente montar o meu próprio negócio, de manutenção e vendas de equipamentos eletrônicos. • Ser um profissional qualificado para trabalhar na área, e levar sempre a sério tudo que eu fizer. • Aprender mais acredito que por esta base, sei que posso pensar em outros cursos, outra especialização, num outro afazer. • Técnico em processamento de dados ou ciências da computação. • Ser um bom profissional. • Ser um profissional qualificado. • Cada vez mais me qualificar, mostrar meu perfil profissional na empresa. • Meu projeto de vida é fazer um curso que aprofunde mais na área de elétrica e trabalhar nessa • Ter uma boa qualificação na área elétrica, e ser conhecido como um bom eletricitista. • Artes gráficas, medicina e administrador de empresas. Eu pretendo me especializar em gráfica, para depois ser um grande médico e empresário. • Ter um trabalho que eu goste.
<p>5 - PROFISSÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Meu projeto de vida é esse mesmo que estou. Pretendo oficializar nessa profissão e levar a minha vida como mecânico. • Eu pretendo seguir artes gráficas. • Tornar-me um profissional na área de mecânico de eixo. • Continuar trabalhando na concessionária, enganchar no serviço militar e trabalhar arrumando aeronaves. • Entrar no quartel e seguir carreira ou montar minha própria oficina. (mecânica de automóveis). • Seguir carreira no exército. • Meu projeto de vida é conseguir entrar na aeronáutica a trabalho ou trabalhar numa loja de reparos em eletroeletrônica bem sucedida. • Meu projeto é seguir carreira militar. • Militar. • Um dos meus objetivos é seguir a carreira militar, mas se não for possível eu gostaria de ser músico ou veterinário.
<p>6 – DEPENDE DO MERCADO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Hoje em dia não dá muito para ser o que quer e sim o que vai ganhar. • A cada minuto que passa, uma coisa nova acontece em nossas vidas, os amigos, as coisas da vida, enfim tudo é novo. Porém, para estabelecer um critério, falando da vida do jovem em geral, é preciso ter um objetivo e segui-lo. Mas, não que isso não possa mudar, pois o mercado de trabalho tem uma influência muito grande. • Não basta gostar tem que ser viável ao trabalho também no aspecto financeiro.

QUADRO 3
Categoria: Competência - Instituição A

1 - SABER FAZER	<ul style="list-style-type: none">• Competência é trabalhar direito e fazer as coisas com gosto porque sem gosto não sai nada direito• Competência é aquilo que você mostra trabalhando. O que você aprendeu você faz sem medo e sem preguiça.• Competência é a pessoa saber o que está fazendo, é saber levar a vida com cuidado.• É a facilidade de se enturmar no primeiro emprego, e a facilidade de fazer o serviço.• É fazer certo tudo que lhe dão pra fazer.• Uma pessoa que faz tudo certo, não erra, não chega atrasado.• A pessoa saber o que está fazendo.• É um modo de você trabalhar tendo sua garantia de que o serviço será de qualidade.• É ter capacidade de executar uma tarefa.• Ter capacidade de realizar um trabalho com a certeza de realizá-lo corretamente.• Saber fazer, ter capacidade e responsabilidade.• Fazer de maneira correta um trabalho, ou alguma coisa importante.• É fazer as coisas certas, ser educado.• É a capacidade de fazer, e não que sabe, aprender.• É ser uma pessoa que sabe o que fazer e que não é incompetente.• É o que você é capaz de fazer.• Ser bom naquilo que faz.• Ser alguém que possa executar suas tarefas sem medo de errar, fazer certo para poder competir lá fora no mercado de trabalho.• Começar qualquer coisa e ir até o final e terminar com qualidade.• É a pessoa ser capaz de fazer as tarefas que para ela foram concedidas.• É a capacidade de se fazer ou não as coisas.• Fazer tudo do modo correto, ter a humildade de assumir que está errado e procurar auxílio.• Competência é uma forma de mostrar como a pessoa está apta para praticar determinado trabalho ou como pode lidar com certas situações com competência.• É conseguir exercer ou melhor dizendo, governar a função que aprendi, sem trapacear outras pessoas ou profissionais.• É a capacidade de realizar um trabalho e enfrentar qualquer problema que ele pode ter.• Fazer um trabalho bem feito.• É saber, poder e fazer.• Responsabilidade, ter potencial e capacidade de poder fazer aquilo que necessita profissionalmente.• É saber fazer tudo sem muitos erros.• É a capacidade de realizar um trabalho, sem deixar se envolver com os problemas que tem fora da área de serviço, o trabalho tem que ser desenvolvido de modo totalmente correto e satisfatório• É ter responsabilidade, ter potencial e capacidade de poder fazer aquilo que necessita profissionalmente.
-----------------	---

QUADRO 3
Categoria: Competência - Instituição A (continuação)

<p>1 - SABER FAZER (continuação)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É saber fazer tudo sem muitos erros. • É a capacidade de realizar um trabalho, sem deixar se envolver com os problemas que tem fora da área de serviço, o trabalho tem que ser desenvolvido de modo totalmente correto e satisfatório. • Ser competente para mim é saber fazer muito bem meu serviço e tratar as pessoas também muito.
<p>2 – RESPONSABILIDADE E DEDICAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É ser responsável. • Ser responsável entro da sua área de serviço, chegar no horário, realizar algum serviço com rapidez desde que atinja as expectativas dos clientes. • Ser responsável com seu dever. • A competência é nada mais e nada menos que uma responsabilidade, uma virtude que na minha opinião é indispensável para nós, mas muitas pessoas não são competentes naquilo que fazem. • É ser responsável na hora em que se está exercendo alguma coisa. • É a pessoa ser responsável por aquilo que faz, assumindo seus atos. • Competência acima de tudo, para uma pessoa ser competente ela tem que ser responsável, ou seja, ter todas as características de um bom cidadão. • É ter responsabilidade, saber o que fazer na hora certa. É não desobedecer a um superior, é sempre estar se aperfeiçoando e aprimorando os conhecimentos, para garantir nosso lugar no posto de trabalho. • É quando a pessoa tem capacidade de assumir um compromisso e consegue atingir seus objetivos • Competência é aquela pessoa que assume pelos seus atos e compromissos. • É o profissional ser bom, esforçado e dedicado no que faz, isso para mim é ser competente. • É na minha opinião é o máximo que a pessoa pode dar de si para outra. • É ter vontade e ter garra no serviço. • Se dedicar ao trabalho. • Trabalhar com seriedade. • A pessoa que tem competência sempre cumpri com sua palavra. • Atribuir a tudo que faz muita perseverança e vontade.
<p>3 -TER QUALIFICAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É ser capacitado profissionalmente. • É a capacidade de satisfazer o cliente, ser capaz de resolver problemas e desenvolver bem o seu trabalho, procurar sempre aprimorar seus conhecimentos e ser o melhor sempre. • São as qualificações que um trabalhador tem, tanto profissional como intelectuais. • Competência é ser competente, organizado, qualificado. • A competência é a aquela pessoa que cumpre sua participação, é concluído também pessoas que vem a ter a competência em sua área, ou seja, pode ser uma pessoa com o índice de boa qualificação. • Bom desempenho social e profissional.

QUADRO 4
Motivos da Participação no Curso de Qualificação Profissional - Instituição A

1 - FUTURO	<ul style="list-style-type: none"> • Ter uma profissão com que possa contar no futuro. • Fazer o melhor possível para ser qualificado para um trabalho. (Eletricista de profissão com que eu possa contar no futuro. (mecânica diesel - 800hs)manutenção eletroeletrônica) • Ter a base da mecânica e ter uma profissão para o futuro. (Mecânica de automóveis) • Aprender uma profissão que talvez possa vir usar no futuro • Ter uma profissão, ter uma formação ampla, ter um futuro garantido.(MMM). • Aprender uma profissão para exercer no futuro. (EIP). • Aprender uma profissão que poderá ser utilizada hoje e futuramente. (ME). • Ampliar os horizontes da sabedoria, se especializando em algo que possa servir de apoio amanhã. (Artes gráficas). • É garantir meu dinheiro na hora que preciso e também, garantir meu futuro. • Abranger meus conhecimentos, ser profissional em uma área e Ter um meio de ganhar dinheiro, Ter um futuro sustento para a minha família. (EIP).
2 - PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO	<ul style="list-style-type: none"> • O meu objetivo maior é aprender para quando eu for realizar algum trabalho mostrar o que aprendi. (Mecânica diesel). • De conseguir me preparar para o trabalho. (artes gráficas). • Conseguir uma boa preparação para o mercado de trabalho, além de gostar e ter um bom currículo.(artes gráficas). • Me preparar melhor para o mercado de trabalho. (eletricista de manutenção eletroeletrônica). • Ser um profissional qualificado para entrar no mercado de trabalho concorrendo igualmente com outros profissionais. (Artes gráficas). • Servir de preparação a enfrentar e conhecer profundamente o ramo que desejo atuar futuramente. (MD). • Ter uma boa qualificação na área, porque eu pretendo já sair da escola com emprego fixo. (IEP). • De entrar em algum cargo melhor no exército. (MMM)
3 - ADQUIRIR CONHECIMENTO	<ul style="list-style-type: none"> • Adquirir conhecimento com relação a eletricidade. (EIP). • Adquirir conhecimento. • Tirar bastante proveito dos ensinamentos. (M.M.M) • Adquirir conhecimentos variados, dentro de certa área, no caso Eletricista Instalador Predial - 800 h. • Aprender cada vez mais e Ter um bom diploma nas mãos. (artes gráficas). • É buscar mais o aprendizado e obter um conhecimento maior. (MMM). • Enriquecer meu currículo. (ME). • Adquirir o máximo de conhecimento para que eu possa talvez até me formar nessa área. (MD).
4 - INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO	<ul style="list-style-type: none"> • Ingressar no mercado de trabalho. (M.M.M) • Além de aprender o curso. Conseguir trabalho.(mecânico de manutenção de máquinas). • Para ter uma qualificação a mais para ter vantagem no meio de trabalho. (MMM) • Me tornar um profissional em minha área, aumentando o meu campo de trabalho. (manutenção de eletroeletrônica - 1.600 h). <ul style="list-style-type: none"> •.....Ter capacidade de competir no mercado de trabalho. (ME).

QUADRO 4

Motivos da Participação no Curso de Qualificação Profissional - Instituição A (Continuação)

5 - TER UMA PROFISSÃO	<ul style="list-style-type: none">• Me tornar técnico em gráfica. (artes gráficas - 1.200 h)• Ter uma profissão. (tornearia).• Ter uma profissão. (MMM).• Aprender uma profissão. (MMM).• Aprendermos uma profissão que possamos trabalhar.(EIP).• Aprender as coisas novas que nunca sonhei em aprender e buscar uma profissão em breve.(artes gráficas).• Ter uma profissão, ou o começo de uma. (ME).• Ser profissional nessa área. (EIP).• Ter uma profissão. (EIP).• Aprender e exercer várias profissões. (EIP).• Ter mais uma profissão. (MD).• Ser alguém na vida. (MMM).
6 - APERFEIÇOAMENTO	<ul style="list-style-type: none">• Foi para entender mais sobre veículos pesados porque meu pai possui veículo pesado, e porque eu gosto desta profissão.(MD).• Aprender sobre minha área (mecânica) e me aperfeiçoar com o tempo. (MMM).• Ter todo conhecimento nesta área.• Ficar mais apto para dominar essa área. (Tornearia).• Aprender e especializar-se na profissão. (MMM).• Para obter uma base da profissão que eu escolhi, que ajuda a desenvolvê-la melhor e obter mais experiência. (ME).• Aprender tudo na área de mecânica diesel. (MD - 800h).• Ter uma qualificação a mais para conseguir ingressar na FAB (Força Aérea Brasileira).(MD).• Estar por dentro de tudo que a mecânica tem. (MD).• Ser um bom profissional. (M.M .M).•

QUADRO 5
Colaboração do Curso para o Projeto Profissional - Instituição A

NÃO	<ul style="list-style-type: none"> • dois responderam somente não. • Não, porque o que eu pretendo trabalhar não tem nada a ver.
1 – TER UMA PROFISSÃO	<ul style="list-style-type: none"> • mais uma coisa que eu já sem fazer e mais uma profissão. • porque eu sem uma profissão não conseguiria nada na vida. • este curso melhorou muito a minha vida, porque antes de entrar aqui andava muito com más companhias e agora não.
2 – INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO	<ul style="list-style-type: none"> • com este curso eu aprimoro os meus conhecimentos, e também facilita a minha entrada para o mercado de emprego. • porque eu pretendo conseguir trabalhar no ramo de que eu seu fazer e de conseguir um cargo de alto funcionário da empresa. • me ensinando a viver no mercado de trabalho. • Com certeza, me colocando no mercado de trabalho. • dando uma base de como é o mercado de trabalho, e também experiência de como se comportar em uma empresa. • na forma de me preparar para o mercado de trabalho e para aperfeiçoar meus conhecimentos. • a ter um currículo melhor do que as pessoas que concorre a vaga de emprego comigo. • É o meio com que consigo dinheiro para pagar meus estudos. • eu penso em montar meu próprio negócio.
3 - PREPARAÇÃO PRA O TRABALHO	<ul style="list-style-type: none"> • porque irei usar o conhecimento que adquirir no curso. • me ajuda na prática profissional, além de ter tido uma boa qualificação teórica, além das aulas de prevenção de acidentes e primeiros socorros, como me portar em uma empresa e todos os meus direitos e deveres diante da empresa. • porque este me ensina algo em que futuramente irei utilizar em minha faculdade. • o curso de mecânica serve como base para mim, como a primeira noção do emprego e do trabalho. • talvez se eu entrar no exército ele pode vir a ser muito útil para mim. • Colabora, porque quero servir o exército e quem sabe lá. ser um bom profissional. • aqui que começa minha vida. Foi aqui que eu aprendi lições de vida, e acima de tudo capacitação profissional. • de forma que a tornearia é uma profissão boa dentro do exército. • porque se acaso aprofundar cada vez mais no aprendizado, posso estar escolhendo o meu futuro de amanhã, bem melhor. • Muito, pois me torna um garoto que sabe mais sobre o que eu faço ou executo. • Colabora muito, ele pode me mostrar o básico da faculdade que eu pretendo fazer, abrange muito avanço tecnológico, um mundo que você não consegue achar o fim. • ele pode ajudar futuramente, no emprego, talvez na faculdade. • na forma de estar aprendendo a uma futura profissão e estar ampliando os conhecimentos. • na forma de ensino, conhecimentos e incentivos, etc... • Colabora entre "aspas", porque não isso que eu quero para mim, mas se caso contrário precisar tenho aonde recorrer. (artes gráficas).

QUADRO 5

Colaboração do Curso para o Projeto Profissional - Instituição A (continuação)

3 - PREPARAÇÃO PRA O TRABALHO (Continuação)	<ul style="list-style-type: none">• porque é mais uma coisa para saber fazer, mas o meu potencial é muito mais do que ser gráfico, isso encaixa nos meus planos, mas não desejo parar por aqui, quero fazer um curso de auxiliar de enfermagem, e depois técnico em enfermagem, esta é a área de mais competência para onde me sentiria mais realizada. (quero ir muito mais longe).• me ensinando muitas coisas que na faculdade de engenharia elétrica eu não viria aprender.• é neste curso que estou adquirindo capacidade e competência para me tornar um profissional qualificado.• na forma de aprendizagem de muitas coisas e ser para que eu treine causando erros mínimos na minha área de trabalho.• como já disse, eu ganhei experiência, competência e responsabilidade e é disso que se precisa para conseguir um bom desempenho no projeto profissional.• Serviço de preparação a enfrentar e conhecer profundamente o ramo que desejo atuar futuramente.• um dos meus objetivos exige que você tenha alguma qualificação e a área de mecânica é muito utilizada no exército.• de forma que eu utilizo tudo sempre e não esqueço nada.• Colabora porque está na área a qual eu pretendo prestar vestibular.
4 - APERFEIÇOAMENTO	<ul style="list-style-type: none">• é a área que pretendo atuar profissionalmente.• porque na área que eu pretendo seguir (vai ser muito importante).• para aperfeiçoamento para a nossa profissão.• porque nessa colaboração para ajudar, eu em grande parte oriundo como um bom profissional da área, como projetos que fazemos na área do nosso curso.• é a área que eu pretendo seguir.• obtendo maior conhecimento no ramo.• ter conhecimento.• servindo como base para realizações maiores no futuro.• aprendendo e me incentivando a fazer outros cursos.• Em algumas partes.• me sinto confiante.• aprendendo a me organizar em uma empresa, sem ter preocupações• Realizando tarefas, fazendo projetos e experiências• na forma que é informação a mais para oportunidade.

QUADRO 6
Inserção no Mercado de Trabalho - Instituição A

<p>1 - SITUAÇÃO DIFÍCIL</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É ruim • Um meio complicado, uma parte quer outro não quer. • Estou no segundo emprego, mas para jovens sem experiência a busca do primeiro emprego é muito complicada, pois o preconceito supera muitas qualidades. • É enfrentar mais algumas dificuldades da vida. • Muito difícil. • Como eu já tenho o 1º emprego já sei é muito difícil, porque eu não tenho experiência de trabalho, mas depois você pega os macetes. • É um pouco difícil por não ter experiência no mercado de trabalho, tem que sempre buscar mais e mais, mas ser for bem qualificado é fácil. • Não está tão boa assim essa busca, já cheguei ao primeiro emprego • Buscar o primeiro emprego é difícil para todos, pela competitividade e pela responsabilidade de se apresentar bem e trabalhar bem. • Não está tão boa assim essa busca, já cheguei ao 1º emprego. • É muito difícil. • Difícil. • Sim, dando um empurrão, digamos assim, e ajudando a escolher o que realmente quero. • Difícil. • É muito difícil e somente com ajuda de alguém que trabalha na empresa. • Um pouco difícil como uma dificuldade porque nessas grandes empresas eles querem pessoas com boa qualificação e experiência.
<p>2 - EXPECTATIVA/ MEDO/ANSIEDADE/ ANGÚSTIA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Para mim foi um desafio que terminou quando comecei a trabalhar.. • Pode ser interessante, será uma nova experiência em minha vida. • Uma nova fase na minha vida. Uma experiência nova, embora já esteja empregado, é muito interessante, o fato da concorrência que se tem para uma vaga de emprego. • É uma expectativa nova. • Muita expectativa. • Uma experiência de está participando no mercado de trabalho • Ansioso e nervoso ao mesmo tempo com medo de não dar bola fora. • Se enturmar com o pessoal ou grupo em si. • É um pouco estranho, primeira vez que eu entrei na emprego, pessoas diferentes, pessoas te observando, etc... • Foi apreensivo, porque ficava com pessoas diferentes e com medo de como elas vão te aceitar. • É uma experiência muito desgastante. • É uma ansiedade incrível, você não sabe se é bom o suficiente mas deve se uma coisa boa. • Neste dia qualquer um se sente angustiado, preso mais a pressão adquire uma responsabilidade maior. • Ruim, por causa de várias tentativas frustradas.

QUADRO 6
Inserção no Mercado de Trabalho - Instituição A (continuação)

<p>2 - EXPECTATIVA/ MEDO/ANSIEDADE/ ANGÚSTIA (Continuação)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Para mim é fundamental, porque trabalhando eu posso ter minhas próprias coisas e ajudar na minha casa. • É o resultado da preparação obtida durante todo o tempo de estudo e pode decidir sua carreira pelo resto da vida. • Tem que se estar calmo, e querer aprende tudo dentro da empresa qual você trabalha • É uma ansiedade de conseguir trabalho. • É ingressar inicialmente no mercado de trabalho com o objetivo de crescer • O mercado de trabalho está muito concorrido, e todas as empresas pedem um bom currículo de outras empresas • Como para todos é uma expectativa e uma explosão de sentimentos e inseguranças como aquela expressão "será isso", "será aquilo". • É algo que dá um pouco de medo. Por mais que você saiba, sempre dá insegurança em relação à capacidade e ao relacionamento com os outros funcionários da empresa. • Ótimo, porque pelo menos não é preciso depender dos pais. Mas, dá medo. • É difícil, porque eu fico naquela, será que vai dar certo? Será que vou conseguir superar os meus erros? então tenho medo porque não sei o que possa vir ser o primeiro emprego. É assustador, pois eu pensava que nunca ia ter minha oportunidade.
<p>3 - PASSAGEM</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Muito emocionante • É muito bom e muito privilegiado. • Foi inesperado, porém bem vindo, gostei muito apesar de não ter procurado. • No momento a busca do 1º emprego não passa pela minha cabeça, estou esperando a convocação militar. • É estar em busca da maturidade. • Uma experiência que todos passam por ela e agora eu estou passando. • Iniciar a minha carreira profissional. • É bom porque nós já sabemos que estamos no mercado de trabalho. • Uma coisa chata, mas temos que trabalhar, fazer o que né? • É bom porque pela primeira vez você vai entrar no mercado de trabalho. • No momento não estou a busca de um emprego, mas no futuro espero ter uma qualificação para entrar no mercado de trabalho.
<p>4 – NÃO PROCURARAM</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não sei porque até hoje não tive que procurar um. • Não sei, porque nunca procurei.

QUADRO 7
Maior dificuldade do 1º emprego - Instituição A

<p>1 – FALTA DE EXPERIÊNCIA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É que sempre onde você vai sempre o empregado quer experiência. • Na maioria dos anúncios eles pedem pessoas que tenham no mínimo um ano de experiência, quase ninguém aceita pessoas sem experiência. • A maior dificuldade é a experiência. • Quem a pessoa que indica, as empresas querem quem indica ou a sua ampliação como capacidade. • Falta de experiência. • É a falta de experiência. • A falta de experiência. • Inexperiência. • A falta de experiência. • Em todas as empresas é exigida a experiência profissional, o que para nós ainda é complicado. É a experiência, pois em qualquer lugar eles pedem experiência para praticar determinada função, e quando você adquire essa experiência já poderá ser tarde pois outros mais qualificado entra e você sai. • Ter 15 anos. • A maior dificuldade é achar uma firma que te aceite sem nenhuma experiência.
<p>2 – RELACIONAMENTO/ ADAPTAR-SE COM NOVOS COLEGAS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A tiração de sarro dos empregados mais velhos. • Eu acho que é no ambiente de trabalho, até você conhecer seus novos colegas. • No primeiro dia porque a gente não conhece ninguém na firma. • No meu caso, como estagiário seria o tempo em que se leva para aprender consertar, dar manutenção. Não que não se saiba, mas isso se deve a socialização dentro da empresa. • A maior dificuldade é de se enturmar com pessoas de personalidade diferente da sua. • Ser aceito no ambiente de trabalho. • Não conseguir nenhuma pessoa no serviço que possa te orientar como as coisas funcionam por lá. • Adaptar-se as regras e aos companheiros de serviço. • É a maior dificuldade, estar dentro do primeiro emprego, é difícil, não conhece o sistema da empresa, as pessoas ao seu redor. • Se adaptar ao novo mundo. • Agüentar ficar o dia inteiro fora de casa e também ficar sem tempo para fazer trabalhos escolares. • Se relacionar com tudo (pessoas, horários, salário, é difícil). • A convivência e mais experiência no que está trabalhando. • Deve ser se acostumar ao serviço. • É não conhecer ninguém. • A busca do 1º emprego é muito complicada, pois o preconceito supera as qualidades. • Adaptar-se. • Se adaptar com as pessoas do serviço.

QUADRO 7
Maior dificuldade do 1º emprego - Instituição A (continuação)

<p>3 - FALTA DE OPORTUNIDADE/COMPETITIVIDADE</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de oportunidade. • É a competitividade, uns tem mais oportunidade que outros. Deveria ser todos iguais perante um emprego, mas não é assim. • Competitividade e confiança. • Preconceito e falta de oportunidade. • Conseguir se encaixar dentro da empresa. • Consegui-lo. • Ter uma qualificação, pois o mercado está cada vez mais globalizado, e exige uma melhor qualificação • Conseguir entrar numa empresa. • Na minha opinião é conseguir de como já consegui, e aliás estou no meu 2º emprego. Não é difícil conseguir, e sim permanecer nele.
<p>4 - RESPONSABILIDADE</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As tarefas que requerem muita responsabilidade. • A responsabilidade. • A maior dificuldade é a responsabilidade, não quero dizer que não tenho, mas o que tenho agora, não chega aos pés de um serviço para ganhar dinheiro, ser mandado é a pior coisa. Mas vou lutar e superar tudo isso.
<p>5 - INSEGURANÇA/MEDO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estar numa inteira confiança consigo mesmo porque os problemas virão logo quando você chega, e então, você se estremece, se sente incapaz, por fim seus esforços parecem inúteis diante duma tarefa. • O nervosismo da pessoa. • A confiança. • A insegurança de fazer o serviço. • O medo de quebrar alguma coisa • A maior dificuldade é na entrevista pessoal, por causa do medo de se expressar. • A insegurança, devido a realização das expectativas guardadas e os mitos que a sociedade impõe, como se deve portar perante o patrão ou entrevistador. • Ter que trabalhar é a maior dificuldade. • O medo. • A cobrança, pois nem sempre todas as atividades são fáceis de realizar logo no 1º emprego.

QUADRO 8
Pretende fazer mais Curso de Qualificação – Quais? - Instituição A

1. NÃO/TALVEZ	<ul style="list-style-type: none"> - No momento não, mas talvez mais tarde. - No momento não penso em fazer mais cursos, pretendo entrar em uma faculdade. - Não, porque como já disse pretendo ser técnico. - Não - Não, por algum tempo, pretendo apenas trabalhar. - Talvez. - Não gosto de previsões. - Por enquanto não - Talvez.
2. QUALIFICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Sim. - Se depender de mim, sim, indeterminado - Depende do ano que vem, se eu passar no vestibular não, mas se não passar sim, porque vou aprender novas coisas
3. CURSO DE LÍNGUAS	<ul style="list-style-type: none"> - montagem e manutenção de micro e inglês, porque eu acredito que, o mercado de trabalho exigiria. - Pretendo fazer muitos cursos: enfermagem aux., técnico em enfermagem, cursinho para vestibular, curso de línguas estrangeiras, artesanato, etc...No meu entender eu tenho o potencial de ir muito longe, o dom para desenvolver várias coisas, mas o vilão de hoje em dia é o dinheiro. Basta ter auto-estima e encarar as coisas numa boa e isso me sobra, basta cultivá-la
4. ENFERMAGEM	<ul style="list-style-type: none"> - computação completa, digitação e administração de empresas - Pretendo fazer muitos cursos: enfermagem aux., técnico em enfermagem, cursinho para vestibular, curso de línguas estrangeiras, artesanato, etc...No meu entender eu tenho o potencial de ir muito longe, o dom para desenvolver várias coisas, mas o vilão de hoje em dia é o dinheiro. Basta ter auto-estima e encarar as coisas numa boa e isso me sobra, basta cultivá-la
5. INFORMÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> - para ganhar mais experiência, computação avançada. - montagem e manutenção de micro e inglês, porque eu acredito que, o mercado de trabalho exigiria. - aprofundar mais na informática, porque toda empresa está informatizada - aprofundar mais na informática, porque toda empresa está informatizada.,
6. REFRIGERAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - pretendo me aprofundar no curso de refrigeração. - Marcenaria, mecânica de automóveis e refrigeração, porque eu quero fazer outros cursos.
7. INJEÇÃO ELETRÔNICA	<ul style="list-style-type: none"> - eletricidade veicular, bomba injetora, unidade injetora. Porque quero aprender tudo na área de diesel. - especialização em cambagem, caster, alinhamento e balanceamento de caminhões. - porque eu gosto, principalmente. Cursos que tem a ver com área de mecânica de aviões - injeção Eletrônica, Bomba Injetora, para poder ajudar na minha vida profissional.

QUADRO 8

Pretende fazer mais Curso de Qualificação – Quais? - Instituição A (continuação)

8. MECÂNICA	<ul style="list-style-type: none">- mecânica de auto e cursos de aprofundamento no ramo diesel.- mec. de automóveis, porque eu pretendo aprender mais sobre a área de automóveis.- Talvez na área de mecânica, quero me aperfeiçoar, mas não quero virar mecânico.- Um de mecânica de auto, aprender sobre máquinas para aprimorar a eletrônica.- mecânica de luxo, porque quero aprender a diferença.- de eletricista de automóveis e mecânica. Porque gosto muito de carros- Marcenaria, mecânica de automóveis e refrigeração, porque eu quero fazer outros cursos.- qualificação em diesel e auto.- tecnológica, é necessário estar sempre qualificado. (mecânica de automóveis)- .mec. de automóveis, porque eu pretendo aprender mais sobre a área de automóveis.pela minha área ser de muita evolução
9. MARCENARIA	<ul style="list-style-type: none">- Marcenaria, mecânica de automóveis e refrigeração, porque eu quero fazer outros cursos.- Marcenaria, mecânica de automóveis e refrigeração, porque eu quero fazer outros cursos.
10. ELETRO ELETRÔNICA	<ul style="list-style-type: none">- técnico de manutenção em tensão usinada para ter um bom salário e investir no futuro.- Os relacionados ao meu ramo, porque ajuda a conhecer mais, esse mundo complexo. (Eletricista de manutenção eletroeletrônica).- Um de mecânica de auto, aprender sobre máquinas para aprimorar a eletrônica.- técnico em eletrônica, porque quero aprofundar mais na minha área.
11. TURISMO	<ul style="list-style-type: none">- Turismo, inglês, espanhol e arte finalista. Turismo, porque moro num estado onde isso pode ser feito, e posso trabalhar aprendendo sobre minha culturas. Arte finalista por ter um bom recurso e poucas pessoas nesta área .
12. TELECOMUNICA ÇÕES	<ul style="list-style-type: none">- telecomunicações, porque eu adoro me comunicar com as pessoas, tá ajudando, auxiliando a todo momento é isso que eu quero para mim.

QUADRO 1
Concepção de Trabalho - Instituição B

1 - ATIVIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Qualquer ato feito por um indivíduo mentalmente ou fisicamente, feito em prol de si ou para outras pessoas independente de receber ou não algo em troca. • É uma atividade que terei a maior responsabilidade onde o desempenho deverá ser total, uma atividade que irá me ajudar muito no futuro. • É algum tipo de atividade que prestamos a empresas ou pessoas.
2 - DIGNIFICAÇÃO E REALIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • É uma forma de crescer na vida e obter lucros. • É um dos meios de vida. É também um meio que talvez te faz ficar muito conhecido (ou até famoso). • O trabalho é uma forma de pessoas crescerem e serem independentes, e também obter lucros. • É uma forma de certa independência econômica, de modo que, se for justo ou digno, fornece um grande estímulo psicológico, trazendo dignidade e respeito perante a sociedade, sendo também uma forma direta de integração com a mesma. • É você prestar serviço para alguém ou uma empresa em troca de um salário, tendo condições para ter uma vida digna e honesta. • Trabalho para mim é você entrar e sair em um determinado lugar, ter responsabilidades. • Trabalho para mim é fazer o que gosto num determinado lugar, tendo experiência e competência no que faço. • É o começo de uma grande responsabilidade para novas etapas da profissionalização
3 - SUSTENTO	<ul style="list-style-type: none"> • É a maneira de podermos ser independente ajuda a família. • É um meio de sustento de uma pessoa e é também um meio de sobrevivência. • É o que você faz para garantir o seu sustento. • É um meio de sobreviver e se realizar. • É uma boa oportunidade para que possamos mostrar o que sabemos e para ganhar um dinheiro. Trabalhar não é apenas para se divertir mas para ajudar o meus pais, etc. • É você ir em busca de seu objetivo, conseguir estabilidade no que gosta. • Forma de conseguir obter coisas materiais. • Trabalho é o que você faz para ganhara dinheiro. • É uma oportunidade para o futuro.
4 - TROCA	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar a sociedade a produzir e receber um salário justo como retorno. • É onde você se dedica e mostre o seu desempenho para que seja sempre elogiado. • O trabalho é uma forma de pessoas crescerem e serem independentes, e também obter lucros. • É você prestar serviço para alguém ou uma empresa em troca de um salário, tendo condições para ter uma vida digna e honesta. • É uma forma de crescer na vida e obter lucros. • Forma de conseguir obter coisas materiais. • Bom trabalho para mim é o direito de trabalhar e conseguir uma gratificação pelo serviço feito. • É um modo de expressar e de mostrar o que eu aprendi em cursos que eu fiz.

QUADRO 2
Projeto de Vida Profissional - Instituição B

1 - TER UM EMPREGO	<ul style="list-style-type: none"> • Conseguir um bom emprego e fazer faculdade de administração de empresas. • Me esforçar nesse primeiro emprego para poder ser contratado e passar a fazer parte da empresa.
2 - FAZER FACULDADE	<ul style="list-style-type: none"> • Inicialmente, nesse ano de 2002, conseguir o modelo 19, para entrar em universidade um anos antes, ganhando tempo. Formarei-me médico cardiologista vascular, novamente em neurologia, tornando-me mestre e doutor em ambas as áreas, conciliando e alternando estudo e trabalho. Serei o que pretendo ser com aproximadamente 43 anos. • Ainda não sei em que me formar, mas pretendo exercer algo que eu tenha muito prazer. Quero fazer muito bem a minha profissão • O meu projeto de vida profissional é ser um contador de grandes empresas e talvez abrir o meu próprio negócio. • É ser um analista de sistema capaz de solucionar todos os problemas das minha área. • Me formar e trabalhar para melhorar a minha vida. • Ser engenheiro agrônomo. • Fazer uma universidade de advocacia e exportação de comércio nacional e internacional. • Fazer uma universidade de advocacia e exportação de comércio nacional e internacional. Depois de cursar o ensino médio, pretendo fazer um curso de técnico de laboratório, prestar vestibular para medicina e ser pediatra oncologista, e se não for possível medicina, ser bióloga. Me formar em administração e turismo. • Trabalhar em um lugar onde eu possa crescer profissionalmente e prestar vestibular para comunicação social e letras • Ser um desenhista profissional, se possível em todos os meios de desenho. • Pretendo estudar bastante para me formar em psicologia e ser uma profissional excelente. Pretendo ajudar pessoas e aprender a ser calma. • Me formar em ed. Física e ser uma profissional realizada e bem preparada para fazer tudo bem feito e com muito amor. • Meu projeto de vida é estudar muito e me formar em medicina. • Me formar em medicina. • É me formar em administração e um dia ter minha própria empresa. • Pretendo ser analista de sistemas. • Pretendo fazer uma faculdade de preferência ser uma nutricionista, pois quero fazer do Brasil um país sem doenças que podem ser causadas pelo mal modo de alimentação. • Eu pretendo seguir carreira no exército. • É trabalhar e me dar bem na vida. • Eu estou trabalhando para ser um jogador de vôlei, mas se não der certo vou me formar em informática.

QUADRO 3
Concepção de Competência - Instituição B

1 - SABER FAZER	<ul style="list-style-type: none"> • É você ser capaz de desenvolver seu trabalho com qualidade e fazê-lo bem feito. É se empenhar para ser bom no que faz • É executar bem a função no trabalho. • É você poder fazer tudo que vem nas suas mãos dentro de uma empresa e poder fazê-lo bem feito. • Saber fazer rápido e bem feito. • Competência para mim é você ser capaz de fazer alguma coisa. • Realizar suas funções da melhor forma possível. • A palavra principal de ordem de um trabalhador, e um dos primeiros requisitos notado pelas empresas. • Competência é conseguir fazer algo que agrade a todos.
2 - RESPONSABILIDADE E DEDICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Competência para mim é ser responsável dedicado e muito atencioso. • Ter responsabilidade. • Ter responsabilidade. • É cumprir meus deveres, horários e responsabilidade. • Fazer as coisas com garra, bem feito dar o melhor de si. • É ter muita responsabilidade em que você faz. • É eu crescer profissionalmente, e dar o melhor de mim. • É ser um ótimo funcionário, ter pontualidade e obedecer as regras da empresa. • É estar sempre pontual e ser responsável em suas tarefas. • Competência é fazer tudo com capricho e dedicação, pontualidade. • É desenvolver um trabalho com rapidez, qualidade e eficiência. • Competência para mim é você se esforçar em algo mostrando eficiência, obedecendo regras. • Estar disposta para tudo, fazer as obrigações bem feitas e com amor.
3 - TER QUALIFICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • É ser ou ter qualificação para o trabalho em que for fazer. • É desenvolver um trabalho com rapidez, qualidade e eficiência. • É estar preparado para talvez qualquer coisa. • Competência é um ótimo valor para quem se valoriza e não comete erros, com competência podemos melhorar na vida, como, ter um ótimo emprego e ser bem valorizada pelas pessoas. • É desenvolver um trabalho com rapidez, qualidade e eficiência.

QUADRO 4
Motivos da participação no Curso de Qualificação Profissional - Instituição B

<p>1 - PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Para chegar bem informada no 1ª emprego. • Ser um profissional bem empenhado e ter diversas oportunidade de escolha para trabalhar. • Meu objetivo é aprender cada vez mais e ter um futuro de sabedoria e responsabilidade. • O meu objetivo é ter um ótimo desempenho no emprego e crescer profissionalmente. • É me capacitar para prestar o serviço com competência, tendo assim capacidade de fazer a minha tarefa sem dificuldades e com "peção". • Ver ou saber se estou qualificado. • É você aproveitar o máximo para chegar no serviço e fazer bem feito. • É de quando entrar estar preparada para trabalhar. • O meu objetivo é ter um ótimo desenvolvimento no meu trabalho • Meu objetivo é aprender cada vez mais e ter um futuro de sabedoria e responsabilidade. • O meu objetivo é ter um ótimo desempenho no emprego e crescer profissionalmente. • Ter mais conhecimento no que for fazer e no que nos espera lá no mercado de trabalho. • Ter uma boa qualificação profissional
<p>2 - ADQUIRIR CONHECIMENTO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender mais o que eu sei. • Obter um pouco de experiência e sabedoria para poder enfrentar o mercado de trabalho. • Adquirir experiência. • O meu objetivo foi aprender coisas novas e ser uma pessoa melhor e mais educada. Esse curso deu muitas oportunidades maravilhosas e agradeço por ter conseguido fazer este curso. • É aprender algum tipo de profissão. • Meu objetivo é aprender cada vez mais e ter um futuro de sabedoria e responsabilidade. • Ter mais conhecimento no que for fazer e no que nos espera lá no mercado de trabalho.
<p>3 - INGRESSAR NO MERCADO DE TRABALHO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Obter um pouco de experiência e sabedoria para poder enfrentar o mercado de trabalho. • Conseguir um emprego, pois isso está muito difícil nos dias atuais. • Conseguir um emprego digno e com boas condições. • Conseguir um emprego. • Estar apto para ingressar no mercado de trabalho e se reciclando Ser bem estruturada. Ingresso no mercado de trabalho. • Nossa é uma grande emoção pois podemos aprender e a ser uma pessoa melhor. • Ter mais conhecimento no que for fazer e no que nos espera lá no mercado de trabalho.
<p>4 - NENHUM</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Nenhum • Nenhum • Nenhum

QUADRO 5
Colaboração do Curso para o Projeto Profissional - Instituição B

NÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Três responderam que não
1-PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO	<ul style="list-style-type: none"> • Da forma que poderá me ajudar em conseguir um emprego para pagar os meus estudos. Sim, me dando experiência para enfrentar o futuro. • de todos os tipos, para adquirir mais experiência e conhecimento. • da forma que poderá me ajudar em conseguir um emprego para pagar os meus estudos. • pois para a capacitação profissional, qualquer aprendizagem é bem vinda. • Colabora com minha qualificação profissional. <p style="text-align: center;">Reciclando.</p> <ul style="list-style-type: none"> • aprendi muitas coisas que hoje é preciso no mercado de trabalho. • mo dando um melhor desenvolvimento. • mostrando como funcionam as empresas e o mercado de trabalho. • através dele eu poso alcançar todos os meus objetivos. • porque foi através dele que eu quis me formar. • De uma forma sim e outra não. Não porque eu não vou estar exercendo o que eu sou realmente bom, Sim, porque quando se eu estiver trabalhando vou poder pagar outros cursos. • e muito, pois com os professores totalmente qualificados, aprendi muitas coisas que hoje em dia nunca teria aprendido, é muito gratificante. • porque é sempre bom aprender algum tipo de profissão. • através dele nós podemos alcançar nossos objetivos. • me ensinando ser um bom profissional. • pois no futuro saberei o que é melhor, conseguirei um bom emprego e terei uma boa apresentação no currículo.
2 - INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO	<ul style="list-style-type: none"> • da forma que poderá me ajudar em conseguir um emprego para pagar os meus estudos. • De certa forma dependendo de onde me encaminharão. • de todos os tipos, para adquirir mais experiência e conhecimento. • me dando experiência para enfrentar o futuro. • me encaminhando para um serviço. • porque é desse curso que vamos para o melhor possível no emprego.

QUADRO 6
Inserção no Mercado de Trabalho - Instituição B

1 - SITUAÇÃO DIFÍCIL	<ul style="list-style-type: none"> • É difícil, pois além de haver pouco emprego a disputa é muito grande. As empresas querem que nós tenhamos experiência, mas não nos dão chance para consegui-la. • Um pouco difícil, pois o curso é bem puxado. • Difícil, apesar do curso, não tenho experiência. • É um desafio. • É uma batalha tem muitas pessoas desempregadas no Brasil. • Lutar para conseguir uma oportunidade e provar sua competência. • Uma dureza se adaptar.
2 - EXPECTATIVA/ MEDO/ ANSIEDADE/ ANGÚSTIA	<ul style="list-style-type: none"> • E estar em constante ânsia, em não saber realmente o que se enfrentará. Como situações, problemas e dificuldades profissionais e pessoais. Ansioso. • É bom. Fica uma expectativa do que será. • É bom e ao mesmo tempo medonho, pois não sabemos ainda onde iremos trabalhar por isso não podemos fazer planos basicamente. • Pretendo esperar, ter calma e dar o máximo de mim. • É um pouco assustador porque você não sabe quem vai encontrar no ambiente de trabalho. • Bom. • É uma sensação muito boa, e saber que estou me dedicando.
3 - PASSAGEM	<ul style="list-style-type: none"> • É muito bom, pois me dá a entender que já posso ser uma pessoa responsável pelos meus próprios interesses. • É querer sair da vida de filho só no estudo e passar a ajudar em casa nas obrigações. • É saber lidar com a vida profissional sem medo do 1º emprego. • Eu respiro melhor, pois sei que o meu já está garantido. • Para mim é fácil graças a este curso que fiz no Instituto Mirim, pois aqui nós temos o emprego garantido. • Uma dureza se adaptar. • E estar em busca de melhores conhecimentos. • Tá fácil, graças ao curso que fiz tenho um emprego reservado. • Emocionante, pois é o 1º emprego. • Caminhar em busca de independência, poder contar com um salário. • Normal.

QUADRO 7
Maior dificuldade para inserção no Mercado de Trabalho -Instituição B

<p>1 - FALTA DE EXPERIÊNCIA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de experiência e de qualificação. • No geral a falta de experiência, no meu caso também não tenho mas tenho conhecimento. • É não ter experiência, pois todos querem um currículo com experiência. Eu quero mais oportunidades. Obrigada. • A falta de experiência. • Experiência, pois todas empresas querem um empregado com experiência na área. • A dúvida e a inexperiência já que qualquer coisa que você vá fazer será a primeira vez e o medo do erro assombra qualquer jovem em seu primeiro emprego. • A falta de experiência. • Falta de conhecimento, porque é a 1ª vez que trabalha e não conheço nada. • É não estar preparado fisicamente e mentalmente. • É o medo de não poder cumprir com meu trabalho. A maior dificuldade é a falta de conhecimento. • É conseguido sem curso sem nada é difícil conseguir o primeiro emprego.
<p>2 - RELACIONAMENTO/ ADAPTAR-SE COM NOVOS COLEGAS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Contrariamente ao escrito antes é a inexperiência do convívio com pessoas diferentes, em inusitadas situações em um local profissional. • A adaptação. • É o horário, pois terei que me acostumar com a rotina do trabalho e com a escola. • Se adaptar. • É se adaptar no emprego. • Se adaptar no emprego. • Me adaptar com as pessoas.
<p>3 - INSEGURANÇA/MEDO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É a insegurança de não adaptar-me ao emprego, pois sei que mesmo que você seja uma ótima funcionária sempre tem algo que não agrada o chefe. • Ser responsável o suficiente. • A dúvida e a inexperiência já que qualquer coisa que você vá fazer será a primeira vez e o medo do erro assombra qualquer jovem em seu primeiro emprego. • Não conseguir colocar em prática o que aprendi. • É as pessoas darem a você mais confiança. • É não estar preparado fisicamente e mentalmente. • É o medo de não poder cumprir com meu trabalho. A maior dificuldade é a falta de conhecimento. • Não sei porque não estou trabalhando ainda, mas eu acho que não vai ter nenhuma dificuldade.

QUADRO 8
Pretende fazer mais Curso de Qualificação. Quais? - Instituição B

• NÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Não, apenas a graduação e a pós-graduação, como já ditas anteriormente. •
• TALVEZ	<ul style="list-style-type: none"> • Talvez.
• CURSO DE LÍNGUAS	<ul style="list-style-type: none"> • algumas para aperfeiçoar a minha linguagem, ou seja, como de língua e vários outros que possam complementar meu currículo. Os cursos aumentam nosso currículo e colabora para a nossa empregabilidade • talvez de espanhol que me ajudará no futuro. • língua inglesa, porque em todos os lugares você necessita de falar outra língua.
• MONTAGEM DE MANUTENÇÃO DE COMPUTADOR	<ul style="list-style-type: none"> • de montagem de manutenção de computador. • montagem e manutenção de microcomputador, pode fazer a diferença para conseguir um emprego.
• ADMINISTRAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • cursos de administração.
• INFORMÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> • na área de informática para atender o mercado de trabalho. • informática, para poder aprimorar o que aprendi aqui. • de computação, sempre aprimorando mais. • informática, para me aperfeiçoar nesta área. • para poder me aperfeiçoar na minha profissão, informática.
• DESENHO	<ul style="list-style-type: none"> • de desenho. Porque para mim ficar cada vez melhor no que eu gosto.
• MEDICINA	<ul style="list-style-type: none"> • pois tudo muda para sempre, estar atualizada, e os cursos são medicina, técnico de laboratório, biologia. Primeiro porque gosto. • medicina porque se não conseguir em administração, acho uma 2ª opção de emprego. E eu também gosto dessa área
• TÉCNICO DE LABORATÓRIO	<ul style="list-style-type: none"> • pois tudo muda para sempre, estar atualizada, e os cursos são medicina, técnico de laboratório, biologia. Primeiro porque gosto
• BIOLOGIA	<ul style="list-style-type: none"> • pois tudo muda para sempre, estar atualizada, e os cursos são medicina, técnico de laboratório, biologia. Primeiro porque gosto
• APERFEIÇOAMENTO/QUALIFICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • os cursos que ajudarão no futuro. • para melhor me qualificar. • dessas áreas e depois isto me realizará. • não sei dizer o qual, mas um que me aperfeiçoe mais • estou pensando para mim me aperfeiçoar. Sim, pois pretendo aprender mais para me qualificar nos lugares e com pessoas melhor. • de todos os tipos, para adquirir mais experiência e conhecimento. • muitos para mim ser melhor em que eu faço. • porque quanto mais conhecimento no currículo mais empregos aparecerão.

Tabela 1 - Concepção de Trabalho

	Instituição A	Instituição B	TOTAL	%
APRENDIZAGEM	12	-	12	9,84
ATIVIDADE	4	3	7	5,74
DIGNIFICAÇÃO E REALIZAÇÃO	5	8	13	10,66
SUSTENTO	32	9	41	33,62
TROCA	10	8	18	14,76

Tabela 2 - Projeto de Vida Profissional

	Instituição A	Instituição B	TOTAL	%
TER UM EMPREGO	6	2	8	6,56
FAZER FACULDADE	15	20	35	28,7
PROFISSIONAL QUALIFICADO/COMPETENTE	18	-	18	14,76
PROFISSÃO	12	-	12	9,84
DEPENDE DO MERCADO	3	-	3	2,46

Tabela 3 - Concepção de Competência

	Instituição A	Instituição B	TOTAL	%
SABER FAZER	34	8	42	34,44
RESPONSABILIDADE E DEDICAÇÃO	17	13	30	24,6
TER QUALIFICAÇÃO	6	5	11	9,2

Tabela 4 - Motivos da Participação no Curso De Qualificação Profissional

	Instituição A	Instituição B	TOTAL	%
FUTURO	10	-	10	8,2
PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO	8	13	21	17,22
ADQUIRIR CONHECIMENTO	8	7	15	12,3
INGRESSAR NO MERCADO DE TRABALHO	5	7	12	9,84
TER UMA PROFISSÃO	12	-	12	9,84
APERFEIÇOAMENTO	11	-	11	9,2
NENHUM	-	3	3	2,46

Tabela 5 - Colaboração do Curso para o Projeto Profissional

	Instituição A	Instituição B	TOTAL	%
NÃO	3	3	6	4,92
PREPARAÇÃO PRA O TRABALHO	24	17	41	33,62
INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO	9	6	15	12,3
TER UMA PROFISSÃO	3	-	3	2,46
APERFEIÇOAMENTO	14	-	14	11,48

Tabela 6 - Inserção no Mercado de Trabalho

	Instituição A	Instituição B	TOTAL	%
SITUAÇÃO DIFÍCIL	16	7	23	18,86
EXPECTATIVA/MEDO/ANSIEDADE/ ANGÚSTIA	24	7	31	25,42
PASSAGEM	11	11	22	18,4
NÃO PROCURARAM	2	-	2	1,64

Tabela 7 - Maior Dificuldade na Inserção no Mercado de Trabalho

	Instituição A	Instituição B	TOTAL	%
FALTA DE EXPERIÊNCIA	12	11	23	18,86
RELACIONAMENTO/ADAPTAR- SE COM NOVOS COLEGAS	18	7	25	20,5
INSEGURANÇA/MEDO	10	8	18	14,76
FALTA DE OPORTUNIDADE/COMPETITIVI DADE	9	-	9	7,38
RESPONSABILIDADE	3	-	3	2,46

Tabela 8 - Pretende Fazer Mais Curso De Qualificação

	Instituição A	Instituição B	TOTAL	%
NÃO/TALVEZ	1	2	3	2,46
SIM	57	22	75	64,78

Tabela 8a - Pretende Fazer Mais Curso De Qualificação. Quais?

CURSOS	Instituição A	Instituição B	TOTAL	%
NÃO/TALVEZ	9	2	11	9,2
APERFEIÇOAMENTO/QUALIFICAÇÃO	3	8	11	9,2
CURSO DE LÍNGUAS	2	3	5	4,1
ENFERMAGEM	2	-	2	1,64
INFORMÁTICA	4	5	9	7,38
REFRIGERAÇÃO	2	-	2	1,64
INJEÇÃO ELETRÔNICA	4	-	4	3,28
MECÂNICA	10	-	10	8,2
MARCENARIA	2	-	2	1,64
ELETRO ELETRÔNICA	4	-	4	3,28
TURISMO	1	-	1	0,82
TELECOMUNICAÇÕES	1	-	1	0,82
MONTAGEM E MANUTENÇÃO DE COMPUTADOR	-	2	2	1,64
ADMINISTRAÇÃO	-	1	1	0,82
DESENHO	-	1	1	0,82
MEDICINA	-	2	2	1,64
TÉCNICO DE LABORATÓRIO	-	1	1	0,82
BIOLOGIA	-	1	1	0,82